

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PATRÍCIA FLASMO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MULHER NA *REVISTA HYLOEA*
DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA**

Porto Alegre
2019

PÓS - GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PATRÍCIA FLASMO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MULHER NA *REVISTA HYLOEA* DO
COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA**

Porto Alegre
2019

PATRÍCIA FLASMO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MULHER NA *REVISTA HYLOEA* DO
COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em
Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em
Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Corrêa di Fanti

Porto Alegre
2019

“O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro.”
(BAKHTIN, 2003, p. 366)

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar a bom termo sem o precioso apoio de várias pessoas. Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria da Glória Corrêa di Fanti, pela excelência de suas aulas e por toda a paciência, empenho e sentido prático com que me orientou neste trabalho. Desejo igualmente agradecer a cada um que, de alguma forma, sacrificou, em algum momento desses dois longos anos, seu precioso tempo em benefício da concretização dessa importante etapa da minha vida. A lista é longa, mas, por dever de justiça, não posso deixar de citar alguns desses nomes que certamente seriam um orgulho para Bakhtin. Agradeço imensamente aos meus pais, Dirceu e Nadir, e a minha irmã, Carla, por terem me proporcionado o alicerce da minha formação pessoal e profissional. Aos meus filhos, Giovanna e Eduardo, por compreenderem as privações de diversas atividades em família. Aos colegas e amigos do CMPA, a saber: Patrícia Carra, por ter me iluminado o caminho desta dissertação; Letícia Britz, por ter assumido os piores tempos de aula para que eu pudesse frequentar as aulas na PUC; Jésura Chaves, pelas valiosas sugestões de palavras, pontos e vírgulas; Maíra Gomes, pelo ombro amigo; Rubia Wildner Cardozo, pela formatação e por correr com meu trabalho pelos corredores da PUC enquanto ele ainda era uma proposta de qualificação. Agradeço ainda ao Coronel Araújo e ao Subtenente Claudiomir, por me confiarem as chaves do acervo histórico e me deixarem trabalhar lá, em paz e sem vigilância; à professora “coronel” Dra. Vera Pereira, que me cobrou prazos. Agradeço, sobretudo, a Deus. Ele sabe os motivos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar como se constrói discursivamente a imagem da mulher na *Revista Hyloea* em relações dialógicas entre os anos de 1922 e 1938, período em que ela se constituía de uma revista literária e órgão da Sociedade Cívica e Literária do Colégio Militar de Porto Alegre. Buscamos verificar, com esta pesquisa, a imagem dessas mulheres através dos textos elaborados pelos alunos ou colaboradores da *Revista*, além de verificar o modo como se representavam por intermédio de seus escritos e comparar a imagem feminina revelada a partir dos textos escritos por eles com a imagem levantada a partir dos textos escritos por elas, a fim de verificar como cada enunciação, diante do mesmo cenário sociocultural, interpreta a noção de feminino.

Palavras-chave: *Revista Hyloea*. Imagem feminina. Bakhtin. Relações dialógicas.

ABSTRACT

This work consists in analysing how the feminine women are discursively built during dialogic relationships in the *Magazine Hyloea* between the years of 1922 and 1938, a period in which it was a literary publication and official organ of the Civic and Literary Society of the Military School of Porto Alegre. The aim of the present research has been to investigate the images of women through texts written by students or collaborators of the *Magazine*, verifying the way these images are built separately by men and by women to see how each group interprets the notion of feminine under the same sociocultural context.

Keywords: *Magazine Hyloea*. Feminine image. Bakhtin. Dialogic relationship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeira turma mista da EsPCEEx, em 2017.....	14
Figura 2: Fachada do Colégio Militar de Porto Alegre.....	20
Figura 3: Foto do prédio do Colégio Militar de Porto Alegre.....	22
Figura 4: Turma de alunos do sexto ano do Colégio Militar de Porto Alegre	24
Figura 5: Página da <i>Hyloea</i> n° 2 e 3, de 1925	26
Figura 6: Valores da <i>Revista Hyloea</i> em 1938.....	42
Figura 7: Anúncio da Enceradeira Electrolux	47
Figura 8: imagem de uma senhorita pertencente ao “fino ornamento da escol portoa-alegrense”	47
Figura 9: colaboradores da <i>Revista Hyloea</i> , com destaque para Stela Brum, que publicou vários textos.....	49
Figura 10: Nota de agradecimento às colaboradoras da <i>Revista Hyloea</i>	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE E A REVISTA <i>HYLOEA</i>.....	19
1.1 COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: LUGAR DE ESTUDO E DE MORADA	19
1.2 <i>REVISTA HYLOEA</i> : ESPAÇO DAS CONFIDÊNCIAS E DAS SAUDADES INCONTIDAS.....	27
1.2.1 Uma produção diferente de todas as outras.....	29
1.2.2 Quem dirige a palavra e a quem?	39
1.2.3 Os ares femininos que marcam presença	43
2 VERSANDO A TEORIA: RELAÇÕES DIALÓGICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN	53
3 NAS ENTRELINHAS DA REVISTA: ENTRE A CONTEXTUALIZAÇÃO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	64
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO: AS LUTAS FEMINISTAS	64
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	70
3.2.1 Levantamento das revistas.....	71
3.2.2 Seleção do material de análise	71
3.2.3 Procedimentos de análise	72
4 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MULHER NA REVISTA <i>HYLOEA</i>: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA.....	73
4.1 “CHRONIQUETA FÚTIL” E “FÚTIL CHRONIQUETA”	73
4.2 “O IDEAL DA MULHER” E “O LAR E A MULHER”	92
4.3 DISCUSSÃO DA ANÁLISE: A IMAGEM DA MULHER A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE OS TEXTOS.....	108
CONCLUSÃO.....	120

INTRODUÇÃO

Quão aventureira e misteriosa é nossa linguagem e essa inerente capacidade de nos relacionarmos com o próximo, promovendo a aquisição, a conservação e a transmissão de conhecimento ao longo da história, permitindo, de certa forma, a perenidade de nossos pensamentos. Linguagem que nos possibilita referir às coisas presentes e às coisas ausentes, falar do ontem, do hoje e do amanhã ou simplesmente optar por nada dizer e deixar que o não dito diga tudo. Seja o seu tipo a língua de sinais, os símbolos, os sons ou os gestos, a partir do instante em que o homem passou a fazer uso da linguagem para externar seus anseios, emoções e pensamentos, ele selou, no universo, sua superioridade diante dos outros animais. Pelo menos é o que culturalmente nos fazem acreditar, afinal, impossível saber se, por algum equívoco no percurso evolutivo, deixamos de seguir o rumo que nos levaria à aquisição telepática da linguagem, carregada de silêncio comunicativo, e escorregamos pelo caminho que agora nos possibilita exprimir quase tudo.

A linguagem é capaz, também, de gerar discussões acirradas em diferentes domínios das trocas humanas, em especial quando se tem espaço para divergências de opiniões sobre um mesmo tema. A dimensão polêmica, quando se trata de abordagem teórica da linguagem, é comum nos estudos que se voltam para o discurso, para a língua em sua integridade, concreta e viva, em suas complexas inter-relações (BAKHTIN, 2008). No contexto deste trabalho, nos cabe destacar a dedicação de um grupo interdisciplinar formado por intelectuais russos que, movidos por afinidades acadêmicas e pelo amor ao estudo da linguagem, resolveu se reunir, a partir de 1919, a fim de debater ideias sobre língua, literatura e filosofia e acabou dando origem ao Círculo de Bakhtin.

Assim como, por um lado, a faculdade da linguagem tem a característica de servir a todos, a oportunidade de expor pontos de vista, por outro lado, costuma privilegiar uma determinada classe, um certo grupo ou até mesmo um dado gênero. As diferenças no desenvolvimento entre homem e mulher em âmbito sociocultural¹, por exemplo, acabam intervindo na maneira como o sujeito se apresenta no mundo e definindo também sua maneira de se comunicar. Para Beauvoir (2016), o papel ocupado pela mulher configura-se como sendo o do *Outro*, em oposição ao do homem, sujeito que não precisou se firmar como tal e, sob essa

¹ Disponível em: <http://institutoconverse.org.br/o-que-o-ato-de-dar-voz-as-mulheres-tem-a-ver-com-o-empoderamento-feminino>. Acesso em: 23 out. 2018.

perspectiva, considerou como semelhantes os demais homens e a mulher como mera parte constitutiva de suas posses:

Na medida em que a mulher é considerada o *Outro* absoluto, isto é – qualquer que seja sua magia –, o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito. As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusessem *para si* diante do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens. (BEAUVOIR, ([1949], 2016), p. 106, grifos da autora)

Desde a antiguidade a mulher está fadada a pertencer a uma categoria reservada ao silêncio, diz Michele Perrot:

[...] as mulheres frequentemente apagam de si mesmas as marcas tênues de seus passos neste mundo, como se sua aparição fosse uma ofensa à ordem. Este ato de autodestruição é também uma forma de adesão ao silêncio que a sociedade impõe às mulheres, feitas, como escreve Jules Simon, “para esconder sua vida”; um consentimento à negação de si que está no centro da educação feminina, religiosa ou laica, e que a escrita – assim como a leitura – contradiziam. (PERROT, 2005, p. 37)

Ainda de acordo com Perrot (2005), o gênero masculino sempre sobrepujou o feminino. No século XIX, não era permitido o acesso às mulheres em determinados ambientes, especialmente os destinados à socialização e à política, por serem espaços de uso exclusivos dos homens. A maneira como as mulheres se vestiam, ditada pelos senhores de sua família (pai, marido, irmão, filho), era indicador preciso do *status* social daquele grupo. Quanto mais ornamentada e rica fossem as vestes de sua esposa, maior seria o poder econômico e social de seu marido, por exemplo. No campo educacional, também se configuravam as diferenças entre os meninos e as meninas. Enquanto eles eram preparados para as atividades da vida pública e o domínio da ciência, a elas era reservado o aprendizado das tarefas do lar. Aprender a ler e a escrever era privilégio das moças oriundas de famílias mais abastadas e, mesmo assim, objetivando auxiliar no complemento dos estudos dos filhos homens que porventura viriam a ter no futuro.

Diante da cultura do silêncio imposto em um mundo no qual, segundo Beauvoir (2016, p. 105), tanto a sociedade quanto o poder político sempre estiveram em mãos masculinas, como aferir as vozes constantemente silenciadas dessas mulheres? De que forma é possível buscar conhecimento acerca delas? Como eram retratadas no meio e no tempo em que viviam? Como eram vistas por esses homens e pela própria sociedade? E como se viam?

As mulheres, quando se veem diante da oportunidade de se manifestar dentro desse universo de hegemonia masculina através de seus textos, também acabam revelando, através

do seu discurso, muito de si. Se é importante observar as vozes das mulheres quanto às suas vontades, dores e necessidades, também é necessário analisar os dizeres daqueles que possivelmente tentam desqualificá-las.

As respostas às questões acima debruçam-se na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, que leva em conta conceitos de língua ligada à enunciação e interação verbal. É através do enunciado que os conhecimentos e os valores se manifestam em diversas circunstâncias comunicativas. De acordo com as postulações bakhtinianas (2006, p. 132), “o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação”. Assim, cada vez que o enunciado se manifesta em outro contexto, em outro momento histórico, em outra situação de produção, reveste-se de um novo sentido: é irrepetível. Sempre que é proferido, atribui uma resposta aos enunciados que lhe antecederam e aguarda uma resposta dos que hão por vir. O enunciado configura-se como um elo na cadeia de comunicação verbal desse discurso infinito instaurado pela relação dialógica.

Nesse sentido, a análise de enunciados dialógicos, a partir da perspectiva bakhtiniana, propicia a apreensão da representação da mulher em diferentes discursos, como é o caso daqueles produzidos em ambientes predominantemente masculinos, que interessam a esta pesquisa. Associando essa abordagem teórica aos interesses desta investigação, que buscam refletir sobre a imagem da mulher em textos produzidos no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), questionamos os espaços de dizer da mulher e sobre a mulher na *Revista Hyloea*, periódico que perpassa a história do Colégio. Afinal, como a mulher é representada nos textos produzidos nessa revista? Que imagens são produzidas quando os homens tomam a palavra? Que imagens são produzidas quando as mulheres tomam a palavra? Que relações dialógicas podem ser observadas entre essas diferentes representações?

A *Revista Hyloea* foi criada em 1922 e até 1938 tinha como foco a produção literária dos alunos do CMPA; no entanto, nesse período, a equipe de edição da *Revista* aceitava contribuições de autoria feminina. Com o fechamento do CMPA em 1938, ocasião em que o estabelecimento cede seu espaço à Escola Preparatória de Cadetes, a *Revista* muda suas características, deixando de ser um veículo de textos unicamente literários e a responsabilidade e controle de sua edição passam a não ter mais a hegemonia estudantil. Em 1964, quando a Escola Preparatória de Cadetes é transferida para a cidade de Campinas, SP, e as dependências do prédio voltam a abrigar o Colégio Militar de Porto Alegre, há uma tentativa parcialmente frustrada de reaver a *Revista* nos mesmos moldes de outrora. Apesar da adoção da mesma grafia que lhe deu origem, a *Hyloea* não retoma a particularidade discente que a consagrava. Torna-

se um anuário dos alunos formandos que retrata, em suas páginas, as atividades mais relevantes desenvolvidas no ano acadêmico, característica que preserva nos dias atuais.

Diante desse cenário, estabeleceu-se, como recorte cronológico para a pesquisa, o período compreendido entre a criação da *Revista*, 1922, e o ano em que o Colégio Militar foi extinto, 1938, tendo em vista a diferença da política editorial do período e o foco na produção dos alunos do CMPA. Nesse espaço de tempo delimitado e não analisado em termos de representação da mulher na revista do Colégio Militar é que buscamos refletir sobre a figura feminina tanto em textos que falam sobre ela, quanto em textos de sua autoria.

Frente ao esforço constante e diário de mulheres em busca de igualdade de direitos civis, políticos e sociais, é crescente a demanda por estudos que objetivem recuperar e analisar as vozes femininas registradas em produções jornalísticas e/ou assemelhadas do passado, época em que as circunstâncias de suas reivindicações lhes eram pouco ou nada promissoras. Nesse cenário, como oficial do Exército Brasileiro há 21 anos, tenho me interessado pelas representações da mulher no espaço jornalístico do CMPA.

Após ter sido aprovada no concurso de seleção para a Escola de Administração do Exército², com sede em Salvador, BA, em 1997, e realizado o curso de formação na capital soteropolitana, fui promovida ao posto de primeiro-tenente³ e transferida para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), uma instituição que somente receberia a primeira turma de mulheres em seu quadro discente em 2017.

Minha principal função como oficial do Exército Brasileiro tem sido a de atuar na área de Magistério, ministrando aulas de Língua Inglesa. No início da carreira, no entanto, estranhei conviver com alunos militares; uma experiência inusitada, diferente da que eu tinha como professora de cursos particulares na minha cidade natal. Para esses alunos, que saíam muito cedo de suas casas para dividir o mesmo alojamento com, em média, 145 colegas, nós, mulheres militares, representávamos muitas vezes a figura de mãe ou de irmã mais velha. Não raro, eles nos confidenciavam segredos e dividiam conosco a angústia da saudade que sentiam de suas famílias.

Em 2002, mudei-me para a região sul do país e o Colégio Militar de Porto Alegre passou a ser meu novo local de trabalho. Deparei-me com um ambiente profissional bem diferente,

² A partir de 1º de janeiro de 2011, a Escola de Administração do Exército passou a se denominar Escola de Formação Complementar do Exército. Sua função consiste na preparação de recursos humanos, principalmente na área de administração militar, objetivando contribuir para o aprimoramento dos procedimentos administrativos no âmbito do Ministério do Exército.

³ As Forças Armadas optaram por não adotar o gênero feminino para postos ou graduações militares. Disponível em: <https://www.pm.to.gov.br/voce-sabia-que-nao-se-adota-o-feminino-para-postos-ou-graduacoes-militares>. Acesso em: 4 set. 2018.

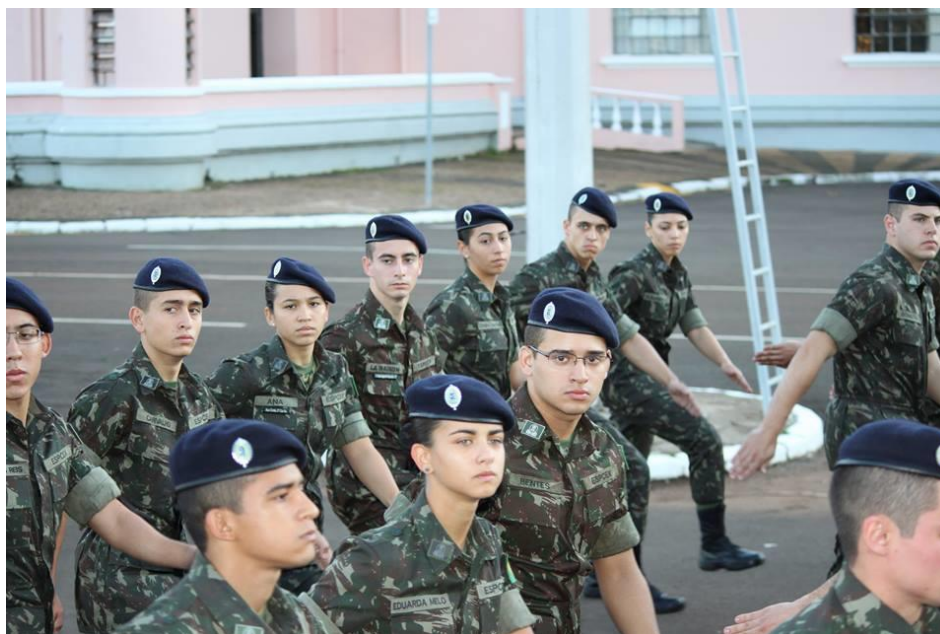
com um público discente composto por meninos e meninas, distribuídos em quatro séries do Ensino Fundamental (5ª a 8ª) e três anos do Ensino Médio (1º ao 3º). Confesso que também estranhei a atmosfera do local; apesar de ser uma instituição militar, era mais despojada, menos formal do que a EsPCEx.

Tendo servido na EsPCEx e no CMPA, foi possível perceber que os dois princípios sólidos que baseiam as Forças Armadas - a hierarquia e a disciplina – não parecem ser suficientes para garantir a democracia de gênero dentro das instituições militares. Não obstante o ingresso das mulheres em suas fileiras, o ambiente da caserna continua tendo uma aura visivelmente masculina e veladamente machista.

A escolha do tema de estudo coincide com um fato histórico para as Forças Armadas Brasileiras, especialmente para o Exército Brasileiro, que, rompendo uma resistência histórica, aprovou, para 2016, o ingresso mediante exame da primeira turma de mulheres, garantindo assim, a participação feminina na formação de oficiais combatentes da Força Terrestre. No início de 2017, 40 jovens meninas oriundas de diferentes regiões do país adentraram em marcha os portões da Escola de Cadetes do Exército Brasileiro juntamente com seus 406 colegas do sexo masculino. Trata-se de uma representatividade ínfima em relação ao todo, mas merece ser amplamente comemorada.

As concludentes dessas 46 semanas que compõem a etapa inicial de formação irão permanecer mais quatro anos na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Rezende, RJ, onde farão o curso de formação nas áreas de Intendência ou Material Bélico. Sairão de lá oficiais, podendo alcançar o generalato, posto mais alto ocupado por um oficial. Farão parte de uma carreira em que, independentemente do gênero, deverão ter tratamento igualitário, ora submetendo-se aos mesmos deveres, ora usufruindo dos mesmos direitos no cumprimento de dever à Pátria. Seus vencimentos (soldos) serão de mesmo valor aos de seus colegas homens. O feito dessas meninas representou um avanço na constante, crescente e penosa batalha em busca do empoderamento e da equidade de gênero em todas as atividades sociais e da economia.

Figura 1: Primeira turma mista da EsPCEX, em 2017.



Fonte: Gilberto Pagliarini (2017).

E foi pensando nessa mudança e transição que resolvemos pesquisar, nesta dissertação de mestrado, a representação da mulher na *Revista Hyloea*, uma revista literária fundada em 1922 pelos alunos integrantes da então Sociedade Cívica e Literária, que é até hoje publicada pelo Colégio Militar de Porto Alegre. Não somos, contudo, as primeiras a percorrer esse caminho de estudos. Outros trabalhos de dissertação e tese já tiveram seus temas relacionados à presença feminina em um ambiente majoritariamente masculino, como o de Pineda⁴ (2003) e o de Carra⁵ (2008).

Pineda (2003), em sua dissertação de mestrado intitulada *Hyloea: o feminino na Revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922 – 1938)*, buscou investigar um aspecto da História da Educação que ela considera pouco enfatizado: o impresso escolar produzido por estudantes:

O Colégio Militar de Porto Alegre, em particular, desenvolveu, ao longo da sua história, inúmeras formas de relacionamento com a sociedade: a criação e circulação de uma Revista produzida por alunos. Inere-se, portanto, no esforço de auxiliar a evidenciar os estudos acerca dos impressos produzidos

⁴ Dissertação de mestrado defendida em 2003: *Hyloea: o feminino na Revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)*.

Tese de doutorado defendida em 2009: *O casarão da várzea visto por dentro: trajetórias escolares de alunos do Colégio Militar de Porto Alegre*.

⁵ Dissertação de mestrado defendida em 2008: *O casarão da várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960-1990)*.

Tese de doutorado defendida em 2014: *Baleiros e Baleiras no velho vasarão: co-educação ou escola mista no Colégio Militar de Porto Alegre? (1989-2013)*.

por alunos como uma das possibilidades para se estudar a história das instituições escolares. (PINEDA, 2003, p. 2)

Após constatar a significativa presença do feminino na *Hyloea*, seja em textos, seja nas fotografias colhidas, seu trabalho ultrapassou as fronteiras da mera averiguação do motivo dessa presença; optou por realizar uma observação detalhada, considerando, em seu estudo, pressupostos da análise do discurso: texto, sentido e significações: “O estudo aponta para a possibilidade de diversas imagens e sentidos acerca do feminino presentes no impresso serem expressões do processo de construção das várias masculinidades que se constituíam na instituição escolar” (PINEDA, 2003, p. viii).

Em sua pesquisa, Pineda (2003) realizou o recorte cronológico compreendido entre os anos de 1922 a 1938, estudando, nesse período, as características da *Revista*, do local de produção, bem como de seus produtores e produtoras. Importante dizer que os aspectos levantados por ela configuraram-se em importante base de consulta para este trabalho, tendo em vista este estudo contemplar o mesmo intervalo de tempo que o seu.

Carra (2008), por sua vez, propôs analisar a cultura do Colégio Militar de Porto Alegre a partir da memória de seus ex-alunos, buscando o percurso que abrange os anos de 1962 a 1990. Sua dissertação, *O casarão da várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960-1990)*, estudou a transição das características de espaço escolar masculino para a de escola mista, na medida em que o colégio passou a ofertar, gradativamente, vagas para o ingresso de meninas em seu corpo discente, a partir de 1989.

Atualmente, uma das referências comuns ao Colégio Militar de Porto Alegre é considerá-lo como “Colégio dos Presidentes”, em alusão a alguns ex-alunos que desempenharam a função de Presidentes da República do Brasil. Mas... esta escola, também, foi colégio de atores, hippies, professores, militares e de uma série de outros profissionais que passaram por suas arcadas. Há pessoas que se tornaram conhecidas em nossa sociedade em diferentes campos de atividades, há o cidadão comum anônimo para os jornais e mídia. Há os que agradecem os anos que passaram como integrantes do colégio, há os que não gostavam de estudar nesta escola; pois se enquanto grupo de alunos do CMPA eles soam como um único corpo, em suas singularidades reagem de diferentes formas à realidade cotidiana. (CARRA, 2008, p. 19-20)

Diante do cenário até aqui apresentado, considerando minha própria experiência no CMPA e meu interesse no que concerne à relação de gêneros na *Revista Hyloea*, este trabalho tem como objetivo geral analisar como se constrói discursivamente a imagem da mulher na *Revista* entre os anos de 1922 até 1938, período em que ela tinha caráter estudantil. Como objetivos específicos, o estudo visa a: a) analisar a imagem dessas mulheres através dos textos elaborados pelos alunos ou colaboradores da *Revista*; b) verificar o modo como essas mulheres

se representam por intermédio de seus escritos; c) comparar a imagem feminina revelada a partir dos textos escritos por eles com a imagem levantada a partir dos textos escritos por elas, a fim de verificar como cada enunciador, diante do mesmo cenário sociocultural, interpreta a noção de feminino.

Para atingir os objetivos propostos, adotou-se uma metodologia que contempla três etapas: a primeira referente ao levantamento dos números da *Revista Hyloea* que compõem o acervo do CMPA, de 1922 a 1938; a segunda destinada à leitura e seleção dos textos a serem analisados nesse dado período; e a terceira etapa voltada para os procedimentos de análise do material selecionado, contemplando noções como: relações dialógicas e signo ideológico, incluindo a inter-relação entre discursos e entre interlocutores; acento valorativo em consonância com a entonação expressiva; apoio coral e imagem construída no discurso.

Como referencial teórico, esta pesquisa baseia-se nos estudos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1961, 1981, 1988, 1992, 2003, 2006, 2008, 2009, 2010 e 2016; VOLOCHÍNOV, 1976, 2011, 2017), que considera a palavra dirigida ao interlocutor como fenômeno ideológico por natureza, sendo que ela possui, como característica essencial, a capacidade de transcender o sistema autônomo de signos. A palavra provém de outros discursos, carregando em si valorações moldadas pelas relações entre os interlocutores, pelo contexto social, histórico, cultural, ideológico e de fala.

De fato, as condições sociais de cada época configuram-se em fatos determinantes para as situações de comunicação verbal, e o princípio dialógico é capaz de alcançar uma amplitude muito além dos modelos de um diálogo comum, constituído de perguntas e respostas, conseguindo se estabelecer mesmo quando não há uma proximidade física ou temporal entre o locutor e o interlocutor, que podem se conhecer intimamente ou nunca terem se visto antes. O que torna viável a interação entre os indivíduos nesse meio é o fato de a palavra ser considerada um enunciado (pode ser uma verdade, uma mentira, algo bom ou mau, etc.) que reverbera convergência ou divergência de sentidos entre as diferentes opiniões, ideias ou pontos de vista.

Uma palavra isolada pode assumir uma infinidade de significações; não há espaço para a individualidade na língua, como sistema: “A palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extra verbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2011, p. 73).

Esta pesquisa integra um projeto maior, *A constitutiva e tensa relação com o discurso do outro*: questões de pesquisa e de formação na contemporaneidade (PUCRS), e o Grupo *Tessitura: Vozes em (Dis)curso* (CNPq), ambos coordenados pela professora Maria da Glória

Corrêa di Fanti (2014). Eles focalizam, respectivamente, o estudo do diálogo de vozes (conflito, ruptura, oposição, aliança, silenciamento, etc.) no discurso midiático e a análise de práticas discursivas de diferentes esferas de atividade (midiática, cultural, acadêmica, laboral etc.), articulando em suas reflexões a indissociável relação entre a língua e a vida.

A presente dissertação organiza-se em quatro capítulos, seguidos da conclusão. O primeiro deles, denominado “O Colégio Militar de Porto Alegre e a *Revista Hyloea*”, é baseado na dissertação de Pineda (2003), bem como em pesquisa realizada no acervo histórico do CMPA. Tanto as figuras quanto os textos presentes neste trabalho são ilustrativos. O capítulo apresenta uma breve exposição das características físicas da referida instituição docente, dos seus alunos e do periódico que produziam no início do século XX.

No capítulo 2, “Versando a Teoria: relações dialógicas do Círculo de Bakhtin”, são apresentadas reflexões teóricas que embasaram esta pesquisa, contemplando noções como relações dialógicas, incluindo a inter-relação entre discursos e entre interlocutores; acento valorativo em consonância com a entonação expressiva; apoio coral e imagem construída no discurso.

O capítulo 3, “Nas Entrelinhas da *Revista*: entre a contextualização e os procedimentos metodológicos”, encontra-se organizado em duas seções. A primeira contempla os estudos sobre as lutas feministas, com especial destaque aos pensamentos de Simone de Beauvoir e discorre, de forma sucinta, a respeito do contexto de criação da *Revista Hyloea*. A segunda seção trata do levantamento, seleção e procedimentos de análise adotados.

O capítulo 4, “A construção discursiva da mulher na *Revista Hyloea*: uma abordagem dialógica”, apresenta a análise dos textos selecionados em três seções. A primeira delas é a análise de duas crônicas publicadas na década de 20: “Chroniqueta fútil” e “Fútil chroniqueta”, de autoria de Breconet e Maria A, respectivamente. A segunda diz respeito à análise de “O ideal da mulher”, de Helena Silveira, e de “O lar e a mulher”, de Edison Vignoli, escritos na década de 30. A terceira e última seção propõe uma discussão entre as análises anteriores, levantando, a partir do diálogo entre os textos, a imagem da mulher neles presente.

Na conclusão, retomamos a proposta de nossa pesquisa, repassando rapidamente o caminho percorrido e, a partir da discussão entre as análises, apresentamos os resultados obtidos, mostrando a forma como o feminino era concebido em um universo que não lhe pertencia e que não permitia o seu acesso, salvo raras exceções. Ambicionamos mostrar como a mulher, através do suporte literário que lhe foi concedido e que lhe deu voz, obteve a proeza de, muito mais do que espionar o interior dos muros do colégio, percorrer cada corredor,

adentrar cada alojamento e participar da vida escolar dos meninos sem nunca ter pisado o pátio interno do CMPA.

1 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE E A REVISTA HYLOEA

O presente capítulo organiza-se em duas seções. A primeira delas versa sobre a história do CMPA e a segunda, sobre a *Revista Hyloea*, objeto deste trabalho. Pineda (2003)⁶, professora de História atualmente aposentada do CMPA, reuniu uma série de dados a respeito das características da escola, dos aspectos da sua orientação pedagógica, do perfil do aluno integrante do educandário e do modelo de aluno que a instituição esperava “formar” ao final do curso. Sobre a *Revista Hyloea*, a autora buscou analisar, também, as características técnicas dos fascículos impressos no tocante a sua periodicidade, assinaturas, anunciantes, número de exemplares que compõem o *corpus* estudado.

Além das particularidades da *Revista Hyloea*, este capítulo mostra, ainda, o quanto ela era singular em seu meio, apresenta o perfil dos seus escritores e dos seus leitores, e atribui atenção especializada àquelas mulheres que foram se aproximando vagarosamente do universo masculino, inicialmente como leitoras da *Revista* para logo conquistarem um espaço dentro dela, como escritoras “colaboradoras”.

1.1 COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: LUGAR DE ESTUDO E DE MORADA

Antes da década de 1990, uma instituição militar não era ambiente apropriado para o trânsito livre de mulheres. A “moça” ou “senhora” que adentrasse um quartel, colégio ou escola militar, obviamente acompanhada de um parente ligado às Forças Armadas, não se sentiria confortável ao perceber que o local não estava logisticamente preparado para recebê-la por mais de algumas breves horas de visita. Não que o ingresso dessas mulheres implicasse um tratamento hostil por parte dos anfitriões fardados, afinal, a figura feminina, em seus variados papéis (genitora, filha, cônjuge, namorada), sempre foi indubitavelmente respeitada. Não nos enganemos, no entanto, em achar que elas tinham livre acesso à caserna quando bem entendessem. A questão é que o espaço militar sempre foi, de fato, um lugar exclusivamente masculino, e os homens nunca cogitaram mudar essa situação. Michelle Perrot descreve da

⁶ Pineda (2003) detalhou, ainda, em sua dissertação, a construção do panorama da *Revista* sob o viés da interpretação dos textos produzidos que abarcam diferentes temáticas sociais vivenciadas pelos autores: rotina de estudos, mulheres, poemas, contos, acontecimentos no ambiente da caserna, religião, humor, etc, objetivando apreender como os alunos construía significações sobre o feminino e o masculino. Impossível não extrair, desse importante material produzido pela autora, dados esclarecedores e relevantes para a composição deste trabalho.

seguinte forma o distanciamento existente entre as mulheres francesas do século XIX e o trabalho no quartel ou nos bancos escolares das instituições de ensino militar:

Os espaços militares e esportivos são os mais masculinos de todos. Toda mulher que se aproxima de uma caserna é suspeita; [...] Ao mesmo tempo, o desfile militar, do qual as mulheres são espectadoras, inscreve na cidade a marcha da virilidade triunfante. (PERROT, 2005, p. 353)

O Colégio Militar de Porto Alegre, ou Colégio Casarão da Várzea, como é chamado devido às características físicas do terreno sobre o qual foi construído, localiza-se na Avenida José Bonifácio, número 363, no bairro Farroupilha, em Porto Alegre, RS. Quem sai pelo portão principal do CMPA avista, à sua frente, o Parque Farroupilha, mais conhecido como Parque da Redenção. O prédio, em estilo predominantemente neoclássico, constitui-se patrimônio histórico da cidade, e foi fundado em 1872. Sua construção visou a sediar instalações militares⁷, e, de fato, várias funcionaram ali. Atualmente, o Colégio é uma unidade do Exército Brasileiro e está subordinado à Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA).

Figura 2: Fachada do Colégio Militar de Porto Alegre.



Fonte: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/08/62/79/2c/parque-farroupilha-redencao.jpg>

⁷ “Várias instituições de ensino funcionaram no edifício da atual Avenida José Bonifácio: a Escola Militar da Província do RS (1883-88), a Escola Militar do Rio Grande do Sul (1889-1898), a Escola Preparatória e de Tática (1898 e 1903-05), a Escola de Guerra (1906-11), o Colégio Militar de Porto Alegre (1912-1938), a Escola Preparatória de Porto Alegre (1939-61) e, novamente, o Colégio Militar de Porto Alegre, desde 1962.” (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_Militar_de_Porto_Alegre. Acesso em: 8 set. 2018)

A partir de 1989, quando as primeiras vagas de meninas foram oferecidas para ingresso na quinta série, o CMPA deixou de ser gradativamente um educandário masculino e passou a se transformar em espaço misto. No entanto, até isso acontecer, tivemos um cenário bastante diversificado ao longo das décadas, desde a fundação do Colégio Militar de Porto Alegre, em 1912.

Pineda (2003), Carra (2008) e outros estudiosos foram buscar, nos acervos do colégio, documentos que mostram um pouco do cotidiano daquelas pessoas que compartilhavam objetivos distintos dentro de um estabelecimento de ensino que era escola, mas também era casa, pois servia de morada aos seus alunos durante aproximadamente nove anos de suas vidas. Aqui nos interessou verificar o período compreendido entre 1922 e 1938, época em que a *Revista Hyloea* se constituía de um impresso unicamente literário e não jornalístico, como se configura hoje.

Segundo Carra (2012), a história da fundação do CMPA remonta às origens do primeiro estabelecimento de ensino projetado para jovens ligado ao Exército Brasileiro: o Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ).⁸ O CMRJ visava, desde a sua criação, em 1889, a prover o amparo aos órfãos militares, assegurando-lhes um ensino de qualidade, proporcionando o acolhimento assistencial aos filhos e netos dos combatentes abatidos em ação ou dos afastados por invalidez provocada por atividades em serviço.

A excelência do ensino e a disciplina forjada pelo CMRJ obtiveram a admiração e o prestígio da sociedade civil, fazendo com que o Exército, no início do século XX, criasse outros colégios militares: o de Porto Alegre e o de Barbacena, em 1912, e o de Fortaleza, em 1919. Surgia, assim, o Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB)⁹. Além da função assistencial, esses colégios recebiam, ainda, os filhos de militares transferidos, oriundos das mais diversas regiões do país. A principal proposta pedagógica do educandário era incutir, nesses jovens, o interesse pela carreira militar.

Pineda (2003) relata que o corpo discente, todo composto por meninos, obtinha a efetivação do seu ingresso ao Colégio Militar de Porto Alegre mediante o cumprimento de certos requisitos: a idade do candidato deveria estar dentro dos limites compreendidos entre os

⁸ Para maiores informações, ler “Colégio Militar de Porto Alegre: (re) abertura e cultura escolar (década de 60)”, de Patrícia Rodrigues Augusto Carra, 2012. In XI Encontro Estadual de História – 23 a 27 de julho de 2012. Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

⁹ Atualmente, o SCMB conta com 13 colégios militares: Colégio Militar de Belém (CMBel), Colégio Militar de Belo Horizonte (CMBH), Colégio Militar de Brasília (CMB), Colégio Militar de Campo Grande (CMCG), Colégio Militar de Curitiba (CMC), Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF), Colégio Militar de Manaus (CMM), Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), Colégio Militar de Recife (CMR), Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), Colégio Militar de Salvador (CMS) e Colégio Militar de Santa Maria (CMSM).

9 e os 13 anos, completados até o dia 16 de abril do ano da matrícula. Ele era submetido a um exame de admissão, avaliado por uma comissão julgadora composta de três professores, que, baseados no resultado, decidia para qual série o aluno estaria apto a ser matriculado.

Pineda (2003) destaca que, devido aos recursos orçamentários do Ministério da Guerra, ao qual o colégio era subordinado, o número total de alunos, fixado a cada ano pelo órgão, não podia ultrapassar o efetivo de 600, mas normalmente era de 200 a 300 até os anos 20 e de 400 nos anos 40. Desse total de vagas, 2/3 eram isentas de taxa, destinadas aos alunos beneficiários, e 1/3 aos contribuintes, alunos que não figuravam na condição de órfãos ou filhos de militares e deveriam pagar mensalidade. Apesar de o colégio operar sob o sistema de internato, aqueles admitidos externamente tinham permissão para se retirar após o cumprimento das atividades teóricas e práticas do dia.

Figura 3: Foto do prédio do Colégio Militar de Porto Alegre.



Fonte: Capa da *Revista Hyloea* nº 2, 1923.

Os meninos do CMPA dividiam seu tempo entre atividades físicas (realizando exercícios com inspiração militar) e aulas regulares. Era um colégio que incentivava e exaltava o vigor físico, a masculinidade.

A quantidade de atividades do “ensino prático” era grande. A leitura do decreto do colégio demonstra que havia instruções de educação física e tecnológica, com ginástica, natação, esgrima, instrução militar, cavalaria e artilharia. O espaço do CMPA compreendia baias, picadeiros, local adequado para a guarda de armamentos. Existem fotos de exercícios de esgrima e matérias na *Hyloea* noticiando a construção do “Estádio Ramiro Souto” na Redenção, pelo CMPA, para possibilitar a prática dos alunos do colégio e de outras escolas que desejassem usar o parque. (PINEDA, 2003, p. 37)

A edição nº 6 da *Revista* de 1937 (página não numerada) traz uma matéria sobre uma demonstração de educação física realizada no Estádio Turnerbund¹⁰ no dia 12 de outubro daquele ano por um pelotão de alunos do 6º ano do Secundário do CMPA, durante a festa de instalação da “Liga de Defesa Nacional”. Além dos alunos do colégio militar, o evento contou também com as participações de alunos do Ginásio das Dores, das alunas da Escola Normal, de representantes das forças armadas, de sociedades desportivas, dos Escoteiros do Mar e da Juventude Teuto-Brasileira. Os editores da *Revista* publicaram uma parte da “crônica do assunto”, que fora feita pelo jornal *Correio do Povo*: “As demonstrações feitas pelos futuros oficiais do nosso Exército, arrancaram fortes aplausos da assistência. Muito honraram os jovens alunos, o seu instrutor”. Nessa ocasião, a *Hyloea* fez uma referência às meninas da Escola Normal:

Ao terminar a demonstração dos nossos colégas, as alunas da Escola Normal executaram com muito brilhantismo, uma lição de Ginástica ritimica, sendo acompanhadas pela banda do 7ºB. C. Ao terminarem foram muito aplaudidas, pois demonstraram que a mocidade feminina tem em alta conta a cultura física.¹¹ (HILÉIA, 1937, nº 6)

De acordo com Pineda (2003), a educação, em regime integral do colégio, era composta de dois cursos: o de Adaptação e o Secundário. O Curso de Adaptação, com duração de três anos (correspondendo a uma série por ano), era direcionado aos alunos de tenra idade e com frágil desenvolvimento e objetivava prepará-los para o Curso Secundário. O Curso Secundário era composto por conteúdos mais aprofundados e dava ênfase à formação profissional; durava seis anos e, ao final, independentemente de seguir ou não a carreira das armas, o aluno recebia o certificado técnico de Agrimensor¹², título que lhe abria as portas do campo profissional.

¹⁰ Hoje Sociedade de Ginástica Porto Alegre, SOGIPA. Disponível em: <https://www.sogipa.com.br/web/historia>. Acesso em: 27 nov. 2018.

¹¹ Os excertos retirados da *Revista Hyloea* que compõem este trabalho, bem como as crônicas analisadas mantêm a grafia da época em que foram escritos.

¹² Para informações mais aprofundadas sobre a rotina dos alunos, ver *Hyloea: o feminino na Revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)*, de Silvana Schuler Pineda.

Quadro 1: Demonstrativo das séries e anos por cursos

CURSO DE ADAPTAÇÃO	CURSO SECUNDÁRIO
1ª SÉRIE	1º ANO
2ª SÉRIE	2º ANO
3ª SÉRIE	3º ANO
	4º ANO
	5º ANO
	6º ANO

Fonte: elaborado pela autora

Figura 4: Turma de alunos do sexto ano do Colégio Militar de Porto Alegre

Fonte: *Revista Hiléia*, nº 1, maio de 1937.

As aulas não ultrapassavam o tempo de 50 minutos e as disciplinas, para as três séries do Curso de Adaptação, eram as seguintes: Português elementar e prático, Aritmética elementar e geometria prática, Noções de coisas, Geografia elementar e história da pátria, Desenho, Caligrafia, Instrução moral, cívica e militar, Música vocal e Ginástica e natação.

No Curso Secundário, os alunos estudavam, ao longo de seis anos, as seguintes matérias: Português e Literatura, Francês, Inglês ou Alemão, Latim, Aritmética, Álgebra, Geometria e trigonometria, Topografia e legislação de terras, Física, química e noções de astronomia, História universal, Cronografia e história do Brasil, Desenho, Instrução moral, cívica e militar e Ginástica e natação.

Os turnos vespertinos eram preenchidos com atividades do ensino prático:

Nas atividades do ensino prático é que se pode verificar a preocupação com a formação militar com maior evidência. Exercícios físicos, instruções de artilharia, cavalaria, esgrima, competições desportivas, para tornar o corpo apto à carreira militar, eram realizados à tarde e ficavam a cargo dos instrutores. Estes instrutores do ensino prático não eram professores, eram militares de baixa patente (em geral, sargentos) que se responsabilizavam pela instrução militar dos alunos. (PINEDA, 2003, p. 36)

De segunda a sábado, os alunos ocupavam seus dias intensamente:

Essa preocupação com o tempo discente era uma das principais estratégias utilizadas no sentido de tornar a permanência no colégio “útil”, proveitosa, cultivando a ideia de um ensino que, aproveitando melhor o tempo, era mais eficiente. (PINEDA, 2003, p. 25)

A convivência diária entre os alunos acabava criando, neles, um forte vínculo de união e companheirismo e oportunizava a construção de fortes laços de amizade. A “disciplina consciente” ia sendo moldada a cada ano e estabelecia no grupo o automonitoramento quanto à correção de atitude em sala de aula, o cuidado com o uniforme, a maneira de se portar socialmente. A forma como eles policiavam uns aos outros é evidenciada nas falas dos jovens. Os textos também demonstram que muitos buscavam, nas páginas da *Hyloea*, um jeito reconfortante de lidar com as circunstâncias mais tristes e difíceis de suas vidas. Um exemplo dessa demonstração de empatia e camaradagem revela-se na matéria estampada na *Revista* nº 2 e 3, de 1925, que versa sobre o falecimento de Ruy Jardim de Oliveira, aluno do último ano do Colégio que havia sido recentemente nomeado redator da *Hyloea*.

Figura 5: Página da *Hyloea* nº 2 e 3, de 1925

Fonte: Revista *Hyloea*, nº 2 e 3, 1925.

A *Revista Hyloea* permitiu-se ser um ambiente que oportunizava o registro das angústias e anseios de parte da infância e adolescência de uma série de gerações. Era um eficiente canal de comunicação entre os estudantes semienclausurados, uma oportunidade de se expressar quase que livremente diante da vigilância constante própria de um universo militar.

O próximo capítulo objetiva retratar brevemente as características principais da *Revista*. Mostra o quanto ela era singular em seu meio, apresenta o perfil dos seus escritores e dos seus leitores, e atribui atenção especial àquelas mulheres que foram se aproximando vagarosamente do universo masculino como leitoras para logo conquistarem um espaço como escritoras "colaboradoras".

1.2 REVISTA HYLOEA: ESPAÇO DAS CONFIDÊNCIAS E DAS SAUDADES INCONTIDAS

A *Revista Hyloea* (lê-se [i.'lei.a]) foi idealizada em 1922 por um grupo de alunos das séries finais do Colégio Militar de Porto Alegre. A primeira equipe de redação era liderada por Heraclides Fontela de Oliveira. Era originalmente conhecida como “Orgam Oficial da Sociedade Cívica e Literária do Collegio Militar de Porto Alegre”, e os conteúdos visavam à expressão de manifestações literárias e artísticas dos alunos ao longo do ano letivo.

No editorial da edição nº 4, de abril de 1923, da *Revista Hyloea*, o diretor da Sociedade Cívica e Literária, aluno Anaurelino S. de Vargas, escreveu:

A Hyloea que vive a vida que vivem os estudantes deste estabelecimento, que é a nossa consoladora nas horas de saudade e de tristeza, surge, depois de um período de descanso, de fronte altiva, mais forte, mais sadia e mais cheia de esperanças. Ella enfeixará, por certo, o sentir e o palpitar da mocidade em flôr. Será a confidente, quem sabe, das saudades incontidas, da recordação das cousas que passaram e que não voltam mais. (HYLOEA, 1923, p. 1)

Tratava-se do momento de retorno às aulas, de voltar “aos dias de labuta, às horas de trabalho”, e a *Revista Hyloea* mais uma vez dava boas-vindas aos alunos com o incentivo que sempre lhe foi contumaz.

Era uma época em que o Brasil vivia a primeira geração modernista, conhecida como fase heroica. Essa fase iniciou-se em 1922, com a Semana de Arte Moderna¹³, e se estenderia até 1930. Teve como artistas mais influentes, o então chamado Grupo dos Cinco: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. Eram figuras detentoras de inovações importadas da Europa, principalmente Paris, polo cultural e artístico daquele tempo. Alguns textos da *Revista Hyloea* trazem os estrangeirismos característicos dessas apropriações culturais como se pode perceber em “Rosinha e o Almofadinha de Branco”, escrito por um aluno sob o pseudônimo de Jota de Enne:

Rosinha e o Almofadinha de Branco

(Paródia de “Iracema e o guerreiro branco”)

À Srta. R. S.

¹³ A Semana de Arte Moderna, ocorrida no Teatro Municipal em São Paulo no período de 11 a 18 de fevereiro de 1922, chocou os espectadores com uma série de apresentações (dança, música, recitação de poesias, etc.) consideradas transgressoras para a época. Os artistas, inspirados movimentos vanguardistas europeus, pretendiam, com suas obras, introduzir novos paradigmas de arte (Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/primeira-geracao-modernista>. Acesso: 18 jul. 2018).

Além, muito além do morro da Polícia, nasceu Rosinha.
 Rosinha, a virgem dos lábios de carmin, que tinha os cabelos mais amarelos
 que uma espiga de milho e mais curtos que a aba do meu kepi ba-ta-clan.
 Os bombons do Neugebauer não eram tão doces como o seu sorriso, nem o
 extracto de Coty rescendiano “Rosiclér” como o seu hálito perfumado.
 Rápida, no seu “Fordzinho”, a loura virgem corria pelas ruas da capital, onde
 campeava o jogo das tampinhas e o mulatismo-pernóstico.
 Um dia, ao pino do sol, ella repousava na praia da Pedra Redonda. Banhava-
 lhe o corpo a sombra da figueira, mais fresca do que o orvalho da noite. O
 pezinho calçado de camurça ba-ta-clan pousava, muito de leve, na areia.
 Escondidos na folhagem das arvores os passaros ameigavam o canto.
 Enquanto repousa, Rosinha concerta as dobras do seu vestido cor de rosa e
 canta, para afinar a voz, o Cabelleira á-la-Garçonne [...].

(HYLOEA, 1925, p. 3)

Mas, apesar de toda vanguarda que eles traziam na bagagem, a Semana de Arte Moderna objetivou mostrar uma arte nacionalista. Dessa forma, a primeira fase do Modernismo foi marcada por temas centrados na cultura e na identidade brasileiras. O termo “Hyloea” homenageia o nome científico da Mata Atlântica, *Hyloea Brasiliensis*, e foi uma forma de os alunos do colégio reverenciarem o forte patriotismo que circundava o país, época em que o clima de valorização do nacionalismo vigente fomentava, nos brasileiros, brados de “A Amazônia é nossa!”. Nunca se escreveu tanto sobre a natureza nas páginas da *Revista Hyloea* como nessa época:

Fim de Tarde

É triste um fim de tarde que vem vindo
 Soprando frias, rígidas nortadas,
 Fazendo de mil cores desbotadas
 O poente ir pouco a pouco se cobrindo...
 Verem-se aves em bando irem partindo
 Para as mattas de além em debandadas
 Em vôos rápidos e aves assustadas...
 De um fim de tarde céleres fugindo.

Tambem me sinto eu triste ao sopro brando
 Dessa brisa da tarde que indolente
 Vem-me a face beijar de quando em quando

Saudades também sinto irem passando
 Em debandada e céleres na mente
 Como os pássaros voar de bando em bando...

Luiz Paraguassú
 P. Alegre, 9/8/925.
 (HYLOEA, 1925)

Esse período artístico cultural caracterizou-se pela criação de grupos e manifestos diversos, muitas vezes tendo suas notícias difundidas em publicações de revistas. Apesar de alguns textos da *Revista Hyloea* apresentarem sutis características dessas revistas disseminadoras de ideais modernos, ela ainda se destacava pelo conservadorismo de suas matérias.

No decorrer de sua história, o impresso experimentou nomes diferenciados: *Hyloea*, de 1923 ao início de 1933; *Hiléia*, a partir da Revista nº 2 de 1933 até 1942, quando então se apresentou como “Revista de caráter militar, social e literário”. Em 1944, ressurgiu como *Revista da EsPPA* e, em 1962, como *Hiloea*, para, então, em 1972, reassumir a grafia original, *Hyloea*, que permanece até hoje.

Independentemente da roupagem que lhe foi dada ao longo de sua vigência, é possível afirmar que a *Revista Hyloea* se estabeleceu como uma produção inédita em seu meio, como veremos a seguir.

1.2.1 Uma produção diferente de todas as outras

A *Revista Hyloea*, veículo histórico de divulgação do CMPA, vem acompanhando, desde a sua primeira edição, a trajetória do espaço físico que a abriga e retratando as diferentes atividades desse estabelecimento ao longo de suas diversas fases, seja como educandário, seja como escola de formação.

É um periódico anual que expõe, de forma sucinta, matérias e fotografias sobre os mais diversos acontecimentos ocorridos no colégio, abrangendo os diferentes segmentos educacionais próprios de um colégio militar, como a Divisão de Ensino e as Companhias de Alunos. Informações sobre os projetos desenvolvidos por docentes e discentes, narração das apresentações artístico-desportivas, fotos das campanhas de arrecadação de donativos ou das festas promovidas pela Sociedade Esportiva e Literária são alguns dos episódios registrados na *Revista*, de modo que os formandos daquele ano possam levar consigo as memórias dos momentos que passaram no interior de suas arcadas. Toda a pompa que reveste as comemorações da formatura do terceiro ano também é orgulhosamente impressa nas páginas da *Hyloea*. Sua existência deve-se à formação da Sociedade Cívica e Literária (SCL), em 1912, um grêmio estudantil formado por um seletivo grupo de alunos do CMPA que, como condição para ingressarem como sócios, eram submetidos ao aceite dos demais membros.

Pineda (2003) e Carra (2008) mostram que a Sociedade Cívica e Literária representava a expressão dos anseios de toda a comunidade estudantil do colégio. Com o passar dos anos, a função da SCL foi se ampliando a ponto de o grupo se responsabilizar pela organização de torneios esportivos, bailes, festas, participações comemorativas e demais atividades socioculturais dentro e fora do colégio. Foi objetivando um órgão que pudesse transmitir sentidos e informações, ideias e emoções que a Sociedade Cívica e Literária criou a *Revista Hylaea*, dando prosseguimento a uma prática de publicação¹⁴ de periódicos que já ocorrera em um período anterior ao da fundação do CMPA. A proposta da Revista daquela época, no entanto, era muito diferente da atual.

Na falta de documentos a respeito do regimento do CMPA no período de 1912 a 1938 que pudesse esclarecer certas dúvidas sobre o funcionamento da Sociedade Cívica e Literária, Pineda (2003) e Carra (2008) debruçaram-se nas matérias publicadas das Revistas a fim de obterem informações precisas acerca da condução dos trabalhos de imprensa no colégio. No entanto, as pesquisas de ambas as autoras não elucidaram se havia um professor orientador no grupo que gerenciasse a produção do periódico, qual a proximidade da SCL com o comandante do Colégio ou se havia algum tipo de censura acerca dos assuntos abordados por parte do comando ou de outras esferas de autoridade. Fato é que, apesar da pesada carga didática e dos extenuantes exercícios físicos a que eram diariamente submetidos, os alunos daquela época cultivavam o hábito da leitura e da escrita. E escreviam intensamente.

Ao abordarem temas ligados à afetividade e às questões do feminino, a maioria dos alunos optava pelo uso de pseudônimos, talvez com receio de exporem para a sociedade uma imagem não condizente com aquela que se esperava de um aluno de um colégio tão tradicional. Para Pineda (2003) a tentativa de esconder a verdadeira identidade justificava-se principalmente pelo medo da censura vinda de fora do colégio, ou seja, de onde a crítica poderia ser mais ferrenha e onde se encontravam as leitoras mulheres. Sua teoria é reforçada ao constatar que os textos a serem publicados eram previamente encaminhados à equipe de redação para análise. Esses textos chegavam manuscritos, visto que as máquinas de escrever existentes no colégio eram de uso exclusivo da secretaria. Era nesse momento que todo e qualquer disfarce era desvendado aos dirigentes do periódico que, preservando a real identidade do colaborador, tornavam-se seus cúmplices.

Considerando vários elementos da rotina de um internato, o medo da censura social, feita fora dos muros do casarão, pode ter sido maior que o medo da

¹⁴ Pineda (2003) destaca que a antiga Escola Militar de Porto Alegre já contou com as seguintes publicações feitas por seus alunos: *Revista do Club Acadêmico* (1886), *Revista da União Acadêmica* (1899) e *A Escola* (1896).

censura da instituição. Afinal existiam as moças, que estavam todas do lado de fora dos muros. As namoradas da Escola Normal, do Colégio Sevigné, do Colégio Americano e suas famílias. Apesar dos versos serem dedicados a elas, a rivalidade com os alunos do Colégio Anchieta, Rosário, Cruzeiro do Sul, sempre dispostos a namorar as mesmas moças e a vencer as disputas desportivas que aconteciam especialmente no “Dia do Estudante” (22 de setembro), pode ter contribuído para o uso constante dos pseudônimos. (PINEDA, 2003, p. 56)

De fato, na *Revista* nº 2, de setembro de 1923, por exemplo, o aluno do 5º ano José G. de Menezes assinou a autoria do conto “Triste carnaval”. Sua estória narra a dor de uma mulher, esposa e mãe dedicada, diante do suicídio do marido em plena tarde de carnaval. G. de Menezes narra a ironia de ouvir os lamentos daquela mulher em meio às marchinhas carnavalescas. O mesmo autor, contudo, no periódico nº 5 publicado em maio, preferiu fazer uso do pseudônimo J. Widing na medida em que seu texto, “Cousas que encabulam”, abria espaço para que ele expressasse seu ponto de vista em circunstâncias inusitadas e temas mais controversos. Como ilustração dessas situações constrangedoras, o autor cita as que podem ocorrer em um bonde e, em especial, descreve a necessidade do aluno se dirigir até o superior hierárquico e cumprimentá-lo, caso ele se fizesse presente. Tal atitude, embora comum e necessária no contexto militar, é estranha no universo civil e a ciência disso causa aflição na imaginação do autor. Esse sentimento, porém, não deve ser revelado, mas pode ser humoristicamente confidenciado ao leitor por intermédio de um nome falso.

Outra descrição que requer a segurança do anonimato é a possibilidade, revelada pelo autor como infeliz, de uma mulher negra sentar-se no banco ao lado do seu, no transporte coletivo: “Quando vem uma ‘creola’ e se assenta ao nosso lado” (HYLOEA, 1923, nº 5). Apesar de o processo de abolição da escravatura no Brasil ter sido finalizado em 1888, apenas 35 anos antes da produção desse texto, seu autor achou por bem não se identificar ao expor sua opinião.

No texto “O que se vê”, que rebate uma crítica de alguns leitores que alegavam que a *Revista Hyloea* não deveria ser lida por moças, fez com que o seu autor defendesse a inocência dos colegas escritores ao mesmo tempo que censurava a forma de se vestir de algumas delas, atribuindo-lhes a culpa de tamanha imoralidade. O autor “esconde-se” atrás do pseudônimo Beto para fazer toda essa apologia à moral e aos bons costumes:

O que se vê...

Quando, no anno passado, chegou aos meus ouvidos a notícia de que houve quem dissesse que a *Hyloea* era uma *Revista* que, em certos pontos, não podia ser lida por moças, fiquei tomado por uma melancolia profunda. Assim, eu a reli, para vê se achava base para esta crítica esmagadora.

Em verdade, a *Hyloea* não encerra esta sisudez que se nota num jornal catholico, por exemplo, onde se vêem artigos de uma moral profunda, sublima, divina até. Mas, a razão é simples. Nossa Revista é collaborada por moços na flôr da idade. E estes não conhecem a vida em sua realidade; vivem numa illusão profunda e são levados muitas vezes, por uma paixão qualquer, a escrever cousas que, se já tivessem vivido mais annos, não as escreveriam.

É isto, somente, que se pode notar em nossas páginas. Em uma pessoa sensata que já passou pela juventude, não nos accusará de erro.

O que uma moça não deve vêr, é o que vê, muito frequentemente, nas ruas e nos theatros. Emtretanto, são ellas, em parte, que nos proporcionam tal factio. Sahi, há dias atraz, para ir a um cinema . Lá tive occasião de ver um espectáculo immoral, representado no palco, já não falando nas fitas, que, em grande maioria, são contrárias às leis da decencia.

Depois de ter passado a scena cinematográfica, veio ao palco uma dansarina. Dançou semi-núa. Não, não digo bem. Dançou muito mais do que semi-núa, quase completamente núa. Tinha escondidas apenas umas partes do corpo, deixando o resto inteiramente a descoberto e exposto aos olhares sensuaes dos homens que la se achavam. Mas não havia só homens; creanças, moças, senhoras casadas lá havia e viram também.

Mas isto porque era dentro de um cinema. Se sahisse assim, á rua, uma mulher, as vizinhas cochichariam umas aos ouvidos das outras, as moças fechariam os olhos e, talvez a policia a levasse para o posto.

Nas ruas dá-se um factio semelhante. Senhoritas e mesmo senhoras usam uma espécie de vestido que deixa o collo e mais alguma cousa, os braços, em toda sua extensão e as costas, até quasi à cintura, tudo a descoberto, numa exposição de carne pelas ruas.

Silêncio! ... Parece que ouço alguém dizer-me ao ouvido: _ Cala-te creança ingênuu, pois não vês que isso é a moda e que a Sociedade a admitte?

Collegio Militar. Maio – 1923

BETO

(HYLOEA, 1923)

Analisando os fascículos existentes no acervo do CMPA, nota-se que as primeiras edições eram trimestrais, de diagramação bastante simples, algumas sem ilustrações, nem mesmo na capa, como os fascículos de nº 4, 5 e 6, de 1923, por exemplo. Essas primeiras edições seguiam um padrão semelhante: iniciavam com os nomes do diretor, redator-secretário e outros quatro ou cinco demais redatores-auxiliares. Vinham precedidas por um editorial da equipe de redação que consistia em um informativo sobre o assunto principal daquela edição. A matéria poderia tratar de alguma questão do cotidiano escolar, como o que versou sobre o aniversário da *Hyloea* na edição nº 4 de 1928, ou de algo que estivesse no rol dos acontecimentos gerais, como a visita do Presidente da República ao CMPA, veiculada na edição de nº 5 e 6 de 1934.

Foi pesquisado no CMPA, porém não foi encontrado o primeiro e único exemplar da *Hyloea* publicado em 1922. Pineda (2003), ao fazer o levantamento da relação entre a

quantidade de exemplares publicados e exemplares localizados no acervo histórico do colégio, encontrou o seguinte panorama:

Quadro 2: Relação entre exemplares publicados e localizados da *Hyloea*

Ano	Exemplares Publicados	Exemplares Localizados
1922	1	0
1923	6	5
1924	0	0
1925	6	6
1926	6	0
1927	6	1
1928	6	2
1929	6	6
1930	6	3
1931	6	3
1932	6	2
1933	6	6
1934	6	5
1935	6	3
1936	0	0
1937	6	4
1938	6	5
Total	85	51

Fonte: Adaptado de PINEDA, 2003, p. 54.

Como se vê, não houve publicação em 1924 e 1936. Do total de 51 exemplares existentes, muitos foram recuperados da biblioteca e outros são provenientes de doações de ex-alunos. Era comum dois fascículos serem publicados em conjunto. O objetivo maior era não deixar de produzir apesar das circunstâncias nem sempre serem favoráveis.

Com o passar dos anos, a *Revista* foi adquirindo vulto na sociedade. Na edição nº 2 de 1938, foi publicada, na secção “Entrevistando”, sob a assinatura do aluno Rabelais, a narração da visita feita por um grupo de alunos do CMPA ao Colégio Americano com o intuito de

cumprir uma série de pesquisas a respeito da motivação dos estudantes da cidade. No entanto, aproveitando a entrevista em um local cujo corpo estudantil era todo composto por meninas, o grupo não hesitou em investigar a opinião delas acerca dos alunos do CMPA e da *Revista Hyloea*.

HILEIA VISITA O COLEGIO AMERICANO

Uma reportagem de Rabelais

Cumprindo uma pequena parte do programa por nós traçado, de sentir o palpitar da vida do estudante portoalegrense, a 14 de maio p.p. resolvemos visitar o Colégio Americano. E, passando do pensamento à ação, a nossa reportagem para lá se dirigiu, numa manhã bonita cheia de sol e alegria...

Em lá chegando, penetramos na secretaria onde fomos gentilmente atendidos pela senhorinha Alice Lamberti, secretaria daquele Estabelecimento.

Cientificamos á senhorinha Alice, do nosso objetivo, e fomos informados de que as alunas bem como a Diretora se achavam em “assembléia”, o que dificultava sobretudo a nossa taréfa.

Aguardando o momento oportuno para iniciarmos a nossa entrevista, nos dispusemos a colher alguns dados históricos acerca do Colégio Americano e assim, viemos a saber que este Estabelecimento foi fundado pela norteamericana Carmen Chacon a 52 anos atrás. Enquanto a senhorinha Alice nos prestava outras informações, íamos ouvindo, a momentos, grandes salvas de palmas vindas por certo da famosa “assembléia” que tanto intrigava o repórter. Assim, por entre as palmas e os barulhos dos bondes que transitavam pela Independência, fomos sabendo ainda da transformação que sofrêra o Colégio, alguns anos após a sua fundação quando então passou a denominar-se Colégio Americano.

Nessa altura a “assembléia” já se havia terminado e bandos garrulos desciam as escadarias, rumo à porta da saída. Ficamos, por momentos, indecisos quanto a providencia que havíamos de tomar. Eis que avistamos três velhas conhecidas que não eram três conhecidas “velhas”: Reny Souza, Nely Costa e Margarita Schulmann.

A situação estava salva. Á elas nos dirigimos. Depois dos cordeais “alôs”, informamo-las dos propósitos da nossa visita, convidando-as para responderem às nossas perguntas.

Solicitamos à senhorinha Reny sua opinião acerca dos métodos empregados no Colégio Americano. A resposta não se fez esperar: - Certo que gosto. E justifica: - Porque permite à aluna, gosar uma liberdade disciplinada. O repórter pergunta se elas gostavam dos clássicos latinos. Margarita incubiu-se da resposta: - Só dos mais modernos. O repórter tremeu. Risos e a Reny salva a situação: - Gosto de uma literatura leve. A Nely completa: - José de Alencar, por exemplo. Em seguida tivemos uma revelação sensacional: diz a Margarita que a maioria das suas colegas não liam Glynn nem Delly... (?).

Continuando com a entrevista indagamos: o que vocês pensam dos alunos do Colégio Militar? Reny responde: - Muito disciplinados. Agradecemos confundidos... E a Nely, não sabemos porque, acrescentou: - Nunca assisti uma parada... (?). Margarita, desejando também explanar sua opinião, disse: - Gosto muito dos alunos do Colégio Militar, porém os cadetes da Escola são fiteiros e orgulhosos... Apesar da justificativa do repórter a jovem insistiu na sua maneira de pensar...

O assunto passou para o novo terreno. Perguntamos pelo “Crisol”, o jornalsinho do Colégio e elas lamentam a falta de colaborações. A reportagem interpela: Porque vocês não abandonam o noticiário dos Clubes? Esse noticiário vem contribuir, uma vez que não é do interesse geral, para o desinteresse entre as alunas e mesmo dos leitores por fora. Nisto há cochichos. Nosso enviado especial olha sem compreender...

Entrecortando o sucedido, a nossa reportagem prossegue: De que gênero de literatura vocês mais gostam? Todas são unânimes em preferir a prosa. Passam a falar de Humberto de Campos, Victor Hugo, Diniz e outros.

Falam dos modernos escritores e a Reny diz-nos da palestra do escritor Sergio de Gouvea, feita momentos antes, no Centro Ruy Barbosa, com sede naquele Estabelecimento. O nosso repórter encontra aí um momento propício para satisfazer a sua curiosidade perguntando sobre a “assembléia”, e soube então que, neste centro literário, se realizam festas cívicas onde os fatos históricos, os exemplos de civismo, finalmente os nossos escritores são alvos de comentários da parte das alunas em polemicas bem interessantes.

Indagando si a nossa Revista é lida no Colégio Americano, o nosso enviado consegue a resposta da senhorinha Reny: - Aqui não há ninguém que não aprecie a Hiléia. Neste momento surge Véra Fontes; é convidada a prestar declarações, mas... estava escrito que ela nada diria... É que apareceu a Diretora. Explicamos imediatamente á senhorinha Clark o motivo da nossa visita, inquirindo a seguir sobre a orientação pedagógica seguida pelo Estabelecimento sob sua direção. A senhorinha Clark falou-nos do programa do ginásio Pedro II, que norteia o ensino do Colégio Americano.

Indagamos da instrução moral das alunas e soubemos então ser administrada por um método especial, criação daquele Colégio. Perguntamos ainda se esta orientação tem logrado êxito e a senhorinha Clark, com um sorriso nos respondeu: - Nem sempre...

Estava finda a nossa tarefa. Agradecemos a atenção dispensada, não só às alunas, como também à Diretora, e nos despedimos. Já quasi na saída, nos voltamos:

Pelas janelas do edifício Ypiranga, bando de garotas nos olhavam, como se fossemos “avis raras” ou qualquer cousa parecida mas uma gargalhada argentina nos tirou a impressão de hostilidade e de longe olhamos com amargura, aqueles “passarinhos presos numa gaiola dourada” que, enquanto a cidade se diverte, sujam as mãosinhas delicadas nas tintas e no giz resolvendo equações, traçando hipérboles, fazendo complicados cálculos.

E nos lembramos da veracidade negativa daquela frase de Reny, momentos antes:

“A vida de estudante é ótima... não tem preocupações, vive eternamente alegre...”. (HYLOEA, nº 2 de 1938)

As respostas femininas destacando o perfil altivo característico dos discentes do Colégio Militar, bem como as sugestões sobre as próprias matérias veiculadas nas edições do periódico, parecem ter surpreendido o repórter, que não parece acostumado às críticas, muito menos quando vindas do meio feminino. Em certo momento, ele alega ter dado algumas justificativas à aluna que acha serem “fiteiros e orgulhosos” os cadetes do colégio, deixando-nos a dúvida sobre quais justificativas teriam sido aquelas.

É possível perceber, pelos escritos, que as publicações viviam sob constantes e sérias ameaças. Sua constatação é observada no exemplar de nº 2 de 1923, em que há, no editorial, de autoria de Adalberto P. dos Santos, a seguinte mensagem:

Se o bafejo das cousas nos vier açoitar, não esmoreçamos nunca. Prossigamos com fé, fé na grandeza futura da nossa Sociedade, fé na grandeza da Pátria, fé na grandeza das nossas Esperanças. Trataremos para o nosso Brasil, para a ‘glória de sua grandeza e para a grandeza da sua glória’. É como um imposto de tudo o que sente a nossa alma. (HYLOEA, 1923, p. 1)

Pineda (2003), no entanto, observou que não há uma clara identificação dessas pessoas ou grupos que aparentemente se mostravam antagônicas à *Revista*:

Chama a atenção o fato de que as pessoas que “não compreendiam”, “não acreditavam” ou “dificultavam” a publicação da Hyloea são citadas de forma genérica. Não há identificação de pessoas, ou grupos, nem referência a uma possível contrariedade do comando da escola em relação ao periódico, ou se não havia valoração, pelos outros alunos do CMPA, do trabalho feito pelos integrantes da Sociedade Cívica e Literária. A direção da Revista tecia comentários utilizando as expressões “pessoas”, “aqueles”, “os que são contra”, “os que não entendem”, mas não identificava quem eram os opositores da Revista e pouco esclarecia sobre os motivos dessa oposição. (PINEDA, 2003, p. 62)

Não havia organização na disposição dos conteúdos nas páginas da *Revista*. Dessa forma, o leitor se deparava com um conto de amor e, ao lado, com um comunicado de promoção de oficiais ou uma nota de falecimento. As propagandas, cuja quantidade foi aumentando com o passar dos anos, eram inicialmente dispostas nas contracapas dos periódicos.

As seções poderiam retratar fatos experimentados dentro dos muros do CMPA, bem como mostrar o padrão de comportamento desses indivíduos na sociedade Porto-Alegrense. Uma dessas participações foi descrita na coluna de notícias da *Revista* nº 5 de 1923, em que os editores narraram toda gratidão que sentiram pela calorosa recepção durante um “sarau dansante” ofertado pelo proprietário do Cine Theatro Palacio aos alunos do Colégio Militar. A matéria faz uma projeção de todo o garbo manifestado por uma representação de alunos do CMPA e permite analisar o padrão de comportamento desses alunos, considerado exemplar quando inseridos no ambiente social externo aos muros do colégio. Durante os esfuziantes agradecimentos e toda narração minuciosa do evento, o autor fez questão de destacar a lisura de comportamento dos educandos participantes, grupo do qual também fazia parte.

SARAU DANSANTE _ O sr. Emilio B. Adams, proprietário do Cine Theatro Palacio, em comemoração à magna data de 3 de Maio, ofereceu, aos alunos

desse estabelecimento, um sarau-dansante naquelle seu frequentado centro de diversões.

Quando as últimas horas da tarde agonisavam e Phebo rubro e potente, tombava para o Ocaso, já o salão se achava repleto de alumnos e pessoas gradas.

Regogizava-se o digníssimo proprietário, com a presença do que demais fino podia existir na nossa sociedade.

A iluminação exuberante e caprichosa, as notas melodiosas e sonoras duma orchestra escolhida, a pleiade lusidia de “silhuetas” gentis que delineavam na valsa entre sêdas e sorrisos, tudo concorreu para que o baile se revestisse de brilho e de entusiasmo.

O entusiasmo sobrepungia todos os empecilhos.

Além de tudo, era de vêr-se o correcto comportamento dos “cadetes” que, allias, de annos para cá, se têm sempre procurado mantér no flanco principal da elite portoalegrense.

Entre requebros de musica e palpitar de flôres, desfrutavamos assim, algumas horas de prazer.

De repente, no meio daquelle murmurio, houve um momento de silencio.

Era o representante dos alumnos militares, o porta-voz dos nossos sentimentos, que pedia a palavra.

Era chegada a hora de retribuir-se tão distincto convite.

Por espaço de uns 10 minutos prendeu nosso Director a attenção dos presentes.

O orador cortou o silencio com um bellissimo soneto que, referindo-se ao sr. Emilio, demonstrava por si só a sinceridade do orador, consequentemente a nossa.

O sr. Anaurelino, fez então a offerta dum cartão de prata e de um açafate, e, em poucas palavras, synthetizou o que aquelle humilde presente representava. Continuando, num glauco de inspiração e de entusiasmo, o orador era todo commovido por vêr que: “flôres... perfumes, som, sorrisos, tudo, parecia lhe querer saudar.

Terminando, foi o nosso director alvo duma phrenetica e prolongada salva de palmas.

O baile era ás 21 horas, mais ou menos; continuava com brilho e animação, para só terminar ás primeiras horas do dia. E nós tornamos ao Collegio, trazendo no peito a suave preambulação dessa festa, e hemos ainda hoje, ovante, essa distincção gravada no marmore polido da Saudade.

Ao sr. Emilio Adams, a Hyloea – fiel confidente nossa – vem; mais uma vez, em nome dos alumnos deste Collegio, gravar o nosso affecto de verdadeira gratidão. (HYLOEA, 1923, nº 5, p. 7)

Interessante observar que, enquanto o comportamento masculino é ovacionado no recinto, a presença feminina surge assinalada por nuances em um único parágrafo, onde é percebida pelos enunciados “silhuetas gentis”, “sêdas” e “sorrisos”, somente. Na companhia deles, as mulheres dançam, riem, divertem-se, mas não pertencem ao grupo que naquele momento se destaca. Tal qual um bibelô, a figura feminina é parte do conjunto de elementos que compõe o cenário, assim como são as flores, a música, a iluminação. Ela é mera expectadora da correção de atitudes dos alunos ali presentes.

No final dos anos 30, enquanto o mundo se voltava para a iminência e irrompimento do maior conflito armado da história da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, as matérias da *Revista*, aos poucos, foram modificando seus ares. Silenciavam-se, ao poucos, as vozes femininas, diminuíram-se os poemas e as manifestações de apreço e referências elogiosas ao gênero feminino.

De acordo com a pesquisa de Carra (2008), frente ao panorama mundial vivido na época que implicava a necessidade de reforçar o efetivo de oficiais do Exército, o CMPA foi extinto em 1938. Sua estrutura física passaria ao domínio de uma outra instituição, a Escola Preparatória de Cadetes e, conseqüentemente, a *Revista do CMPA* logo cederia lugar à *Revista da Escola Preparatória*. Paulatinamente o teor dos textos foram mudando. Intensificaram-se as demonstrações da autoridade e força máscula por meio de fotografias de atividades corporais realizadas no interior das dependências da escola ou das instruções externas, de campanha, que objetivavam o treinamento físico militar. Notícias dos *fronts* de batalha eram narradas em detalhes; a coragem e a ousadia dos soldados eram vangloriadas heroicamente; as conquistas eram celebradas com bravura. O fascículo nº 4 da *Revista da Escola Preparatória*, Órgão Oficial da Sociedade Esportiva e Literária, de 1945, foi apresentado a seus leitores com a seguinte mensagem:

Dedicamos êste número aos bravos de Monte Castelo, aos gigantes de Montese, aos mártires que ficaram em Pistóia como símbolos de valor de um povo livre que repudiou o imperialismo Nazi-Fasista.

Dedicamo-lhes para deixar sempre vivo nas consciências dos homens livres desta Pátria o grande compromisso que assumimos diante destes heróis: o de jamais permitir, onde quer que seja, que esta odienda ideologia torne a avassalar o mundo de liberdade em que vivemos.

(REVISTA DA ESCOLA PREPARATÓRIA, 1945)

A *Revista Hyloea* percorreu todas as fases pelas quais passou a instituição hoje conhecida como Casarão da Várzea, modificando a grafia e sua estrutura conforme essas mudanças iam acontecendo e trazendo, como consequência, registros dos recortes valiosos de cada transição.

Voltando a atenção para o período que nos propomos estudar, consideramos importante apresentar, na seção seguinte, o perfil do locutor e do interlocutor da *Revista Hyloea*. Sabe-se, de antemão, que os escritos masculinos são de autoria de alunos do CMPA ou de “colaboradores”. Já as manifestações de autoria feminina provêm da permissão concedida pela equipe de redação.

1.2.2 Quem dirige a palavra e a quem?

Os produtores da *Revista Hyloea* (e escritores mais assíduos), segundo Pineda (2003), eram jovens oriundos das elites regionais, de cor branca, com boa posição social e que estudavam em uma instituição que há décadas mantinha ligações estreitas com o Positivismo¹⁵, uma corrente de pensamento surgida na França do início do século XIX, que interpretava o conhecimento verdadeiro como unicamente possível através da observação e averiguação empírica do mundo. E era nesse contexto que iam sendo educados os meninos do CMPA.

Diferentemente do que ocorre hoje, em que a *Revista Hyloea* é um periódico de circulação anual e dirigido aos formandos do 3º ano do ensino médio do CMPA, as revistas das décadas de 20 e 30 tinham tiragem regular, sendo publicados seis fascículos por ano. *Hyloea* era um canal de divulgação das produções literárias dos alunos, uma juventude que cultivava o hábito da leitura e da escrita, que vivia a época do modernismo e do forte sentimento de amor à pátria, da valorização da nacionalidade, do Positivismo. Além dos próprios estudantes, as edições também contavam com as autorias dos “colaboradores” (professores, militares, antigos alunos) e, em especial, das “colaboradoras”, sendo a mais importante delas, Alzira de Freitas, que escreveu versos e contos para a *Revista* durante seis anos, iniciando aos 14, e continuou a produzir literatura mesmo após adulta. Vasco Prado, aluno que se formaria em 1936 e se tornaria um renomado escultor brasileiro, rabiscou seus primeiros desenhos ilustrando páginas na *Revista Hyloea*. Mario Quintana, aluno entre os anos de 1919 e 1924, também pode ter contribuído com escritos sob o disfarce de algum heterônimo. Apesar de não terem sido encontrados textos comprovadamente seus nas revistas existentes no acervo histórico, é difícil conceber que uma revista literária desse porte não contivesse algum verso de sua autoria, já que, como aluno, possivelmente já tivesse escritos literários.

Na edição nº 2, de setembro de 1923, foram divulgados e publicados os textos premiados nas categorias verso e prosa do concurso literário ocorrido naquele ano. “Manchül”, escrito por Innocencio G. de Queiroz e “Idyllio”, de Jayme P. Pacheco, receberam, respectivamente, os prêmios de 1º e 2º lugares em verso. “Lírios Encarnados”, de Anaurelino S. de Vargas e “Esperança Mallograda”, de Waldemar da Silva Ripoll, foram contemplados com os prêmios de 1º e 2º lugares em prosa.

¹⁵ RODRIGUES, Lucas de Oliveira. "Positivismo"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/positivismo.htm>>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

Em uma época em que a *Revista* tinha um caráter mais literário do que propriamente jornalístico, nunca se escreveu tanto sobre o amor e a paixão. O amor impossível, o amor não retribuído, o amor platônico. Os escritores, na sua maioria, sugeriam em seus textos que a paixão, tal qual doença, deveria ser evitada a qualquer custo, pois quando menos se esperava, na calmaria da vida, a moléstia e a mazela poderiam arrebatar a saúde física e a do coração. A respeito dessa demonstração de inquietude, em “Miss X”, o aluno Ignosi se queixa:

Miss X

Você saía e eu passava...
 Não reparou como eu te olhava?
 Pois foi assim
 Que sem saber como e porque
 Fiquei louquinho por você...
 Pobre de mim!!!
 (HYLOEA, junho de 1923, nº 6)

Os editores pareciam ter autonomia na interação com os colaboradores. Quem tivesse a audácia de escrever para a redação do periódico se submetia ao risco de ser ironicamente criticado publicamente. Na seção de Correspondências da Revista nº 5, de maio de 1923, há um espaço em que a equipe de redação interage com seus leitores e colaboradores, de forma irônica e bem-humorada, justificando o porquê de não ter publicado seus versos. Nela, além de outras críticas, lê-se um recado para um determinado aluno que se utiliza do pseudônimo Bico:

Bico. Você, depois que pegou essa mania de gaita de bocca, tem nos perturbado o silencio, tão necessitado por nós. Além de tudo, essa sua gaita vale por seis, de sorte que forma uma algazarra “dos meus pecados” ao lado da nossa Redacção.
 Quanto á polkinha que você nos mandou, aconselho ao amigo que a leve p´ara a “Flor do Lixo”, pode ser que por lá sirva p´ara alguma cousa...
 Deixe-se disso, você já não é creança! (HYLOEA, 1923, nº 5, p. 18)

Na edição nº 5, de 1938, um dos responsáveis pela redação do periódico, utilizando o pseudônimo de Mitzuko, responde às cartas dos leitores na seção “De Você para Você”. Na primeira, censurando o aluno colaborador por ter cometido uma falta que considera grave, o plágio, e, na segunda, debochando do que considera se constituir como literatura pobre:

J. B. SERTOM (4º ano) – Não sei quem você é. Por isso vou dizer por esta secção o que eu preferia dizer-lhe pessoalmente. Sabe? É um assunto muito delicado... Aquela poesia que você mandou não é sua. É plágio... O autor dela é aquele poeta que todo o indivíduo que gosta de literatura bôa conhece: o nosso inesquecível Bilac... Vê como foi infeliz? Não faça mais isso... você quando ler essa notinha, vai corar até as orelhas, eu sei... Escute: “escreva, escreva tudo o que você amarar; o que você produzir pôde ser horrível mas,

será “seu” o que já é muito, será um motivo de satisfação para si mesmo, o que ainda é mais...

Você um dia verá que eu tenho razão... Mas não faça mais isso, por favor. É vergonhoso obter glórias com o esforço alheio. (HILÉIA, nº 5, 1938)

Nem mesmo as colaboradoras estavam livres das censuras da equipe de Redação:

MARIA (Capital) –Eis a sua carta, na íntegra:

“Ilmo Snr. Mitzusko – Redação de Hiléia – Colégio Militar. Saudações.

É uma estudante como você que lhe escreve, Mitzusko. Uma estudante que vem lhe admirando, através das páginas de “HILÉIA” e que traz a sua presença um punhado de versos para que você dê a sua opinião a respeito e publicar o que achar melhor.

Creio que você será bonzinho e não atirá os meus versos na cesta.

Da sua admiradora

Maria.”

Agora eu: há nomes que, parecem, foram feitos “sob medida” para determinadas pessoas. Você é perfeitamente Maria... Uma mulher “Maria” até para escrever uma carta pedindo a publicação de versos...

Mas o caso é que os seus versos não são versos, são enigmas. Veja só este:

“NOTURNO

Dorme pelas ruas da cidade
a miragem da felicidade
que vem cantar ao meu ouvido:
eu não te olvido...
eu não te olvido...
e na brancura do luar pateando
as ruas,
há formas vagas da minha
felicidade...”

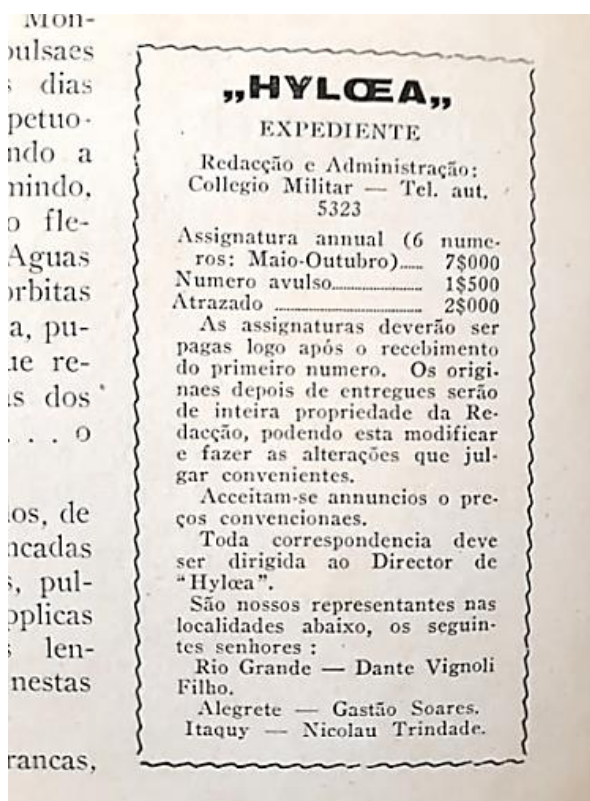
Òra, por amor de Deus, deixe de fazer “versos”... faça “tricot”...

(HILÉIA, nº 5, 1938)

Consultando o setor de assinaturas no recorte cronológico estudado, Pineda (2003) aponta a dificuldade da Sociedade Cívica e Literária em produzir uma revista conciliando a cansativa rotina de estudos e atividades práticas demandadas pelo colégio, porém, seus produtores faziam um esforço redobrado para conseguir abastecer os assinantes de grande parte do interior do estado, onde os fascículos eram comercializados¹⁶: Rio Grande, Alegrete, Itaqui, Pelotas, Bagé, Palmares, Rosário, Santa Maria, Passo Fundo, Cruz Alta, Uruguaiana, Livramento, Taquara. Com o passar dos anos e graças à aparente organização da equipe responsável, as vendas de assinaturas foram se expandindo para outros estados do Brasil, chegando às mãos de parentes de alunos e ex-alunos residentes naquelas localidades.

¹⁶ Pineda (2003) levantou, em sua pesquisa, cinco tipografias responsáveis pelas impressões da *Revista* no período de 1923 a 1938 e sugere que essas constantes mudanças de local se devam a fatores de custos.

Figura 6: Valores da *Revista Hyloea* em 1938



Fonte: *Hyloea*, nº 1, 1938.

Apesar da dificuldade manifestada pelos editores em manter a periodicidade da *Revista*, ela seguiria seu curso ao longo dos anos, registrando a rotina de um ambiente militar, exibindo expressões artísticas e literárias de diferentes épocas, apresentando o testemunho *in loco* e as consequências advindas de importantes fatos ocorridos no país e no mundo.

Veremos, na próxima seção, que a *Revista* vai, gradativamente, absorvendo os ares femininos. Elas são assuntos constantes nas publicações. As páginas da *Hyloea* testemunham a forma dicotômica pela qual são retratadas. Uns as idolatram, outros as satirizam. Suas presenças são requisitadas no lar, como rainhas.

Algumas vão, aos poucos, deixando de ser somente leitoras para ocuparem espaço em suas matérias. Obtido o consentimento para publicar seus escritos, elas se regozizam com a rara chance de conseguirem se expressar por intermédio de um canal que transita pelo interior de um ambiente que elas não têm acesso. Considerando as cidades que as tiragens da *Revista* abrangem, alcançando leitores dentro e fora do estado do Rio Grande do Sul, elas conseguem ir ainda mais longe; um feito incomum aos padrões do início do século XX que a *Hyloea* oportuniza àquelas que se destacam pela destreza da expressão escrita.

1.2.3 Os ares femininos que marcam presença

Um dado bastante interessante levantado por Pineda (2003) sobre a questão do feminino na *Revista Hyloea*: de todas as matérias (artigos, poemas, contos, ensaios) publicadas no período considerado (1922 a 1938), 46,62% versavam sobre a mulher. A autora pontua a dicotomia existente na maneira como os alunos sempre “adjetivavam” esse universo: ou as mulheres eram enaltecidas, ou eram depreciadas. De uma série de predicados encontrados para defini-las, vale citar alguns:

Maternal, pura, distante, virgem, cruel, indiferente, provocante, inacessível, perdida, fútil, orgulhosa, imaculada, de porte mimosa, autoritária, interesseira, superficial, vingativa, angelical, serena, sem-coração, boneca, ingênua, perfumada, jogadora, delirante, prostituta, olhar-de-santa, vestida-de-luz, hipócrita, imitadora, vaidosa, volúvel, frágil-corpinho, esposa-rainha, infiel, feia, quarentona, anjo-de-candura, má, adoradora da moda, ignorante, feminista, pouco-vestida, escandalosa, melindrosa, artificial, extravagante, cabeça-fraca, ingrata, fértil, berço, esteio, misteriosa, linda, que pensa, musa, desiludida [...] (PINEDA, 2003, p. 128)

Na tentativa de tentar compreender essa polarização na forma de tratar o feminino, é preciso avaliar o contexto social em que avaliadas e avaliadores se inseriam no início do século XX. Esse cenário ajuda a compreender a maneira como os alunos do CMPA enxergavam as mulheres nessa época.

De acordo com Pineda (2003), o Colégio Militar de Porto Alegre já assimilara, em sua estrutura, o Positivismo, corrente filosófica surgida na França no início do século XIX, que tinha como principais idealizadores, Auguste Comte e John Stuart Mill.

Caleiro (2002), em seu artigo “O Positivismo e o Papel das Mulheres na Ordem Republicana”, explica que o ideal positivista cultivava, como doutrina, a organização social direcionada ao progresso, e seu caráter conservador acabou elevando a mulher a um patamar cuja função deveria ser a de prezar pela manutenção moral da família e pela boa educação de seus filhos. Esse papel, na verdade, convinha-lhe com perfeição, afinal, inserida no estereótipo da educadora nata, cabia-lhe exercer com maestria o papel de professora, considerando os alunos como sua própria prole. O resgate do papel de mãe-educadora refutava, contudo, a presença das candidatas solteiras ao cargo. A mulher deveria procriar, educar, cuidar do marido, dos filhos e da ordem do lar e, além de todos esses encargos, “servir de musa para inspirar o esposo e os filhos a serem homens honrados e a praticar o culto privado, mantendo presentes as idéias positivistas”. (ISMÉRIO apud CALEIRO, 2002, p. 2).

A autora (2002) esclarece, no entanto, que, apesar de o Positivismo buscar a “complementaridade biológica, mental e social entre homens e mulheres”, a parceria entre ambos não implicava a igualdade de posições. Enquanto ao homem era atribuída, por ele mesmo, a superioridade do caráter masculino, à mulher era conferida, também por ele, a superioridade afetiva feminina, dado o seu caráter maternal. Na verdade, o Positivismo, mesmo voltando-se contra os dogmas da Igreja Católica, ainda se mantinha deveras castrador no tocante a um posicionamento mais destacado da mulher na sociedade. Segundo Caleiro (2002), a mulher urbanizou-se, mas não se libertou do tabu da virgindade nem da responsabilidade de garantir o bem-estar da família, em especial do marido-operário que retornava cansado para casa e precisava de toda atenção e cuidado.

Os positivistas republicanos também disseminaram a ideia do altruísmo feminino, que se dividia em três modalidades. A primeira seria o amor para com seus iguais; a segunda, o amor para com os que lhe fossem superiores; e a terceira, a veneração e o amor para com todos que dependessem de sua bondade. Quanto ao instinto sexual feminino, consideravam-no quase inexistente. (CALEIRO, 2002, p. 3). Era preciso santificar a imagem da mulher e colocá-la em um pedestal

Para mantê-la alheia aos seus próprios interesses, para convencê-la da total prioridade de sua missão como mãe e esposa, castrando-a como um ser autônomo voltado para seu crescimento individual. (SOIHET apud CALEIRO, 2002, p. 3)

O início do século XX contava com uma representatividade considerável de mulheres na classe operária. No entanto, com o estabelecimento das novas normas sociais, qualquer possibilidade de ascensão social delas foi freada em virtude da necessidade de se enquadrarem nos padrões da “esposa-mãe” devotada, que se realizava colhendo os louros dos êxitos alcançados pelo marido e filhos.

Segundo Caleiro (2002), o Positivismo introduziu um discurso “médico-sanitarista” cuja intenção era lembrar a mulher da sua “vocação natural” para a procriação e posterior responsabilidade social como formadora de novos cidadãos. De acordo com as novas normas, a ausência física de seus lares rumo ao trabalho fora de casa deveria se dar somente em casos extremos, visto que essa prática consistia em um empecilho para a amamentação.

Frente à resistência de várias mulheres em seguirem seus “instintos naturais”, conclui-se que a amamentação mercenária deveria ser fiscalizada pelos especialistas competentes e vigiada atentamente. Embora o cerne de todas as questões que giravam em torno do aleitamento materno fosse a elevada taxa de mortalidade infantil do período e a preocupação econômica com a força de

trabalho do país, a discussão se impunha vinculada mais aos argumentos de cunho moral. O leite da nutriz foi apresentado como agente transmissor de doenças, além de perigoso fisicamente, o contato com a ama de leite foi moralmente condenado. Criatura portadora de hábitos duvidosos, a nutriz seria um elemento estranho que poderia comprometer a intimidade da família nuclear. (CALEIRO, 2002, p. 6)

Caleiro (2002) explica que o Positivismo trouxe ao país uma preocupação quanto à higienização do espaço público e do privado por sanitaristas brasileiros, movida pelo desenvolvimento das concepções da medicina social francesa no século XIX, principalmente as defendidas pelo médico Dr. Parent-Duchâtelet, um dos médicos sanitaristas mais influentes do século XIX. Ele realizou um estudo aprofundado sobre a prostituição, levantando suas causas e a devida normatização de sua prática, admitindo ser um mal necessário, porém perigoso. Dessa forma, o perfil que Dr. Parent-Duchâtelet traçou para as prostitutas, “preguiçoso e voltado para a busca incessante do prazer” (CALEIRO, 2002, p. 7), teve ampla aceitação social, fazendo com que o modelo da mulher profana favorecesse o seu oposto. Havia, assim, dois tipos de mulheres: a ideal, altruísta, quase santa e devidamente moldada de acordo com os padrões do regime republicano e a que deveria ser evitada por estar em desacordo com a normatização do comportamento feminino.

No fascículo nº 1 de 1937, L. Guimarães Santos escreveu o seguinte texto a respeito da importância e da necessidade de abnegação por parte da mulher em benefício da sua família, vinculando-a ao reinado do lar.

A MULHER NA MINHA OPINIÃO

Especial para “Hiléia”

A mulher, como dizem, é um pedaço de seda, perfumado e ambulante. Para mim, porém, é uma mimosa e delicada flôr que, no lar, cercada de seus estremecidos filhos, expande o seu doce aroma. Isso, porém, quando se conserva na posição elevada e nobre que Deus, tão sabiamente, lhe destinou. Quando, sem mais aquela, abandona essa posição, olvidando o seu próprio caráter e dignidade, não é mais do que imunda vibora a inocular veneno pelo lar e pela sociedade, onde será tida como mulher, e nada mais.

Quando Deus, o Grande Arquiteto, idealizou os planos para a construção do homem, que seria feito à sua própria imagem, achou que não devia ficar só a sua obra prima. Mergulhou-o, por isso, em profundo sono, tirando-lhe uma costéla, da qual edificou a mulher. Si Ele procedeu assim uma delicada operação, não foi, sem dúvida, por sentir absoluta falta dela. Fe-la por querer dar ao homem uma companheira para os dias que teria que viver e para lhe confortar nos terríveis transes da vida.

Ela tornou-se, pois, a companheira inseparável do homem, amenizando-lhe a existência. Só a morte poderá separa-los.

Napoleao disse muitas vezes á Josefina, sua amada: “Ès o ar que eu respiro, a vida que move a matéria e o vinho que bebo”.

Deus, dotando o homem de um poder limitado, não privou também a mulher deste poder. Ao contrario, deu-lhe mais forte, mais varonil e, sobretudo, mais sublime.

A mulher quando chega à idade da razão, não pode compreender como pode ter tanta inteligência, liberalidade e amor.

Na sua outra missão leva vantagens sobejas sobre os homens: prepara-os, educa-os, torna-os corretos e ensina-lhe o caminho réto do dever.

(E ainda dizem que são fracas as mulheres...)

A propriedade de poder exprimir-se pelo coração pertence exclusivamente às mulheres, o que justifica ainda mais, a formação Divina. Quando chega uma criança erra – o que é humano – o homem repreende-a brutalmente, lançando mão da força física para castiga-la. Dá-se justamente o contrário com as mulheres: fazem uso da força mental, mais pratica e mais sensível, tornando-a obediente e dócil.

As mulheres possuem uma arma poderosa, com a qual poderiam derrotar exércitos inteiros: o Amôr. O amôr vence e destróe ódios por antigos que sejam. De um simples mísero torna-o poderoso, de um poderoso um simples mísero. Isso, porém, conforme...

Por intermédio desse amôr podemos nos conciliar com Deus, como também com sataná.

Ninguém contestou, e jamais contestará, a sublime qualidade e missão da mulher. Sublime e sagrada.

Vimos ao mundo para vesti-la com as lagrimas do nosso arrependimento. Devemos ama-la acima de tudo, porque tudo vem do seu carinho. Em suas entranhas fomos formados, para sermos o que hoje somos: uns felizes, outros não. Esses não, porque não souberam compreende-la.

Quantas mãis há que andam, há lustros chorando uma saudade, desfiando o rosário de sangue e lagrimas de suas existências?

Eu tenho uma mãe. Guardo-a só para mim. Mais tarde ela será imortalizada no meu coração. Depois, ela e eu o seremos no de Deus.

Mãe. Mulher e santa. Jamais te olvidarei.

Infeliz daquele que não compreende a sua mãe. Mais tarde sofrerá as consequências; quando olhar a sua triste e acabada imagem dependurada á parede deixará cair, deste mesmo olhar, duas sentidas lagrimas: uma de saudades e outra de remorsos.

L. Guimaraes Santos
(HILEIA, nº 1,1937)

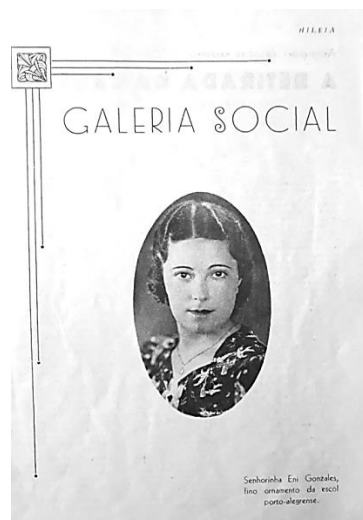
Textos como o apresentado comprovam que a presença da mulher já era sentida nas páginas da *Revista* antes mesmo dela começar a contribuir como “colaboradora”. No início das publicações do periódico, uma tímida referência ao público feminino vinha em forma de anúncios voltados aos “desejos” e “necessidades” das leitoras no que tange à moda e serviços domésticos: propagandas de sapatos, tecidos ou utensílios para o lar, como o da “nova enceradeira Electrolux” que “encera e lustra com rapidez e sem fadiga”, e colunas dedicadas à Sociedade, nas quais fotos de mulheres jovens eram estampadas com a legenda: “fino ornamento da Sociedade Porto-Alegrense”.

Figura 7: Anúncio da Enceradeira Electrolux



Fonte: Hyloea, nº 1, 1938.

Figura 8: imagem de uma senhorita pertencente ao “fino ornamento da escól porto-alegrense”



Fonte: Hyloea, nº 1, 1938.

As mulheres sempre foram muito comentadas na *Revista Hyloea*:

As mulheres estiveram permanentemente presentes nas páginas da Hyloea. Em todos os números, em quase todas as páginas, as mulheres foram faladas,

comentadas, desejadas, desdenhadas, amaldiçoadas, endeusadas, retratadas. Muito escreveram sobre as mães, irmãs, amigas, namoradas, amadas, sobre os amores impossíveis. Muito se perguntaram se a mulher casada devia, ou não, trabalhar. Se as mulheres deveriam fumar, usar meias, depilar as pernas, ir ao cinema, enfim, se realmente havia perigos no universo feminino. (PINEDA, 2003, p. 77)

Observa-se, a partir de 1925, um acanhado aumento da representatividade feminina a assinar alguns escritos, geralmente poemas. Lina D’Arc possivelmente tenha sido a primeira “colaboradora” a ter um texto publicado. Seu poema “Triste Realidade” aparece na Revista de nº 2 e 3, de maio e junho de 1925.

Triste Realidade

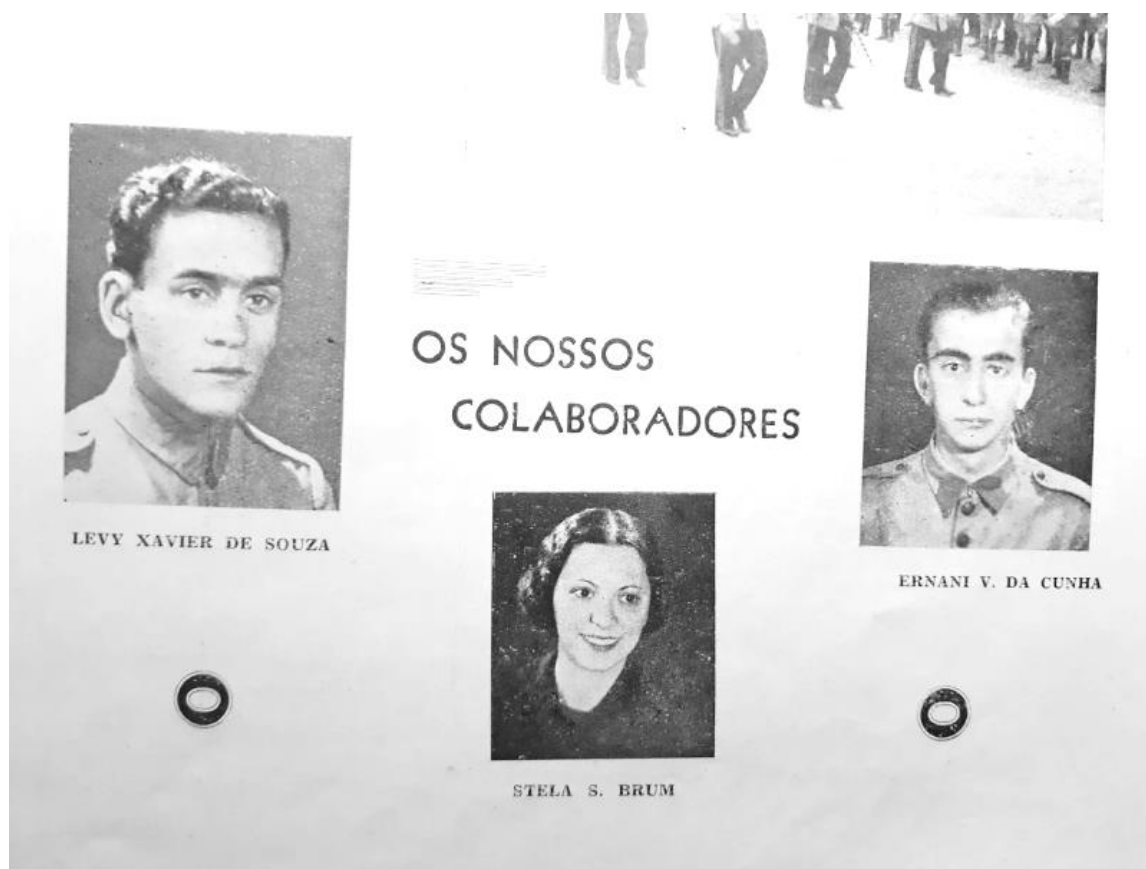
Quando fui pequenina tive amores,
 Sonhos doces de rápida chiméira...
 E hoje, tudo tornado em amargores,
 Quero mal a quem d’ antes bem quizera!
 Busco embalde meus sonhos multicores
 De um passado florir de primavéira
 E na mente inda trago acerbas dôres
 Avivando o sofrer que me lacéira
 Já descrente de tudo, sem carinho,
 A subir as agruras de um calvário,
 Não encontro o sossego em meu caminho
 E ora vivo sem fé, sem ter ventura,
 Esperando que finde o meu fadário
 Na perene mudez da sepultura.

Lina d’Arc

(HYLOEA, nº 2 e 3, maio e junho, 1925)

As colaboradoras, em um total de 37 representantes no recorte compreendido entre os anos de 1922 e 1938, eram jovens meninas pertencentes à “fina escól da Sociedade Porto-Alegrense” que orbitavam muito próximo do universo masculino. Eram irmãs, primas, amigas ou namoradas dos alunos que, ao contribuírem com seus textos na *Hyloea*, vislumbravam uma oportunidade de adentrar um espaço que lhe era incomum, afinal, a literatura era outra das muitas coisas reservadas aos homens. Estudavam em escolas para moças, como o Colégio Bom Conselho, Colégio Sevigné, Colégio Americano ou a Escola Normal e escreviam principalmente sonetos sobre temas ligados à natureza e sobre seus sentimentos. Suas produções eram incentivadas, seus textos eram apreciados, desde que versassem sobre assuntos do interesse desse universo masculino e que contemplassem, ainda, assuntos que também pudessem ser lidos por outras jovens.

Figura 9: colaboradores da *Revista Hyloea*, com destaque para Stela Brum, que publicou vários textos



Fonte: *Hyloea*, nº 6, 1938.

Alzira de Freitas foi outra colaboradora que se tornou contumaz nas publicações, e produções suas são encontradas em fascículos de 1927, 1928, 1930, 1933, 1937 e 1939. Nasceu em São Borja, em 1913. Tornou-se uma poetisa gaúcha, integrante da academia literária feminina do RS e da Sociedade de Homens e Letras do Brasil e uma das fundadoras do Instituto Rio-Grandense de Letras. Faleceu em Porto Alegre, em 1976, e atualmente seu nome batiza uma rua no Bairro Petrópolis, desta cidade.

Ao contrário dos colaboradores, que já tinham seus nomes reconhecidos publicamente, Pineda (2003) afirma que as colaboradoras eram todas desconhecidas. Suas participações eram incentivadas e elogiadas. Na edição nº 5, de agosto de 1925, há uma nota de agradecimento a elas endereçada.

Figura 10: Nota de agradecimento às colaboradoras da *Revista Hyloea*



Fonte: *Hyloea*, nº 5, 1925.

A *Revista* mostra que a sociedade dos homens não se achava pronta para enfrentar a mulher moderna e considerava “masculinizado” o comportamento das que reivindicavam algum direito, como o do voto, embora admita que a vontade feminina era um caminho sem volta, como mostra o texto de Ely Pereira, sobre a liberdade feminina.

A EMANCIPAÇÃO FEMININA

Que é a mulher? Parta a definir convem conhece-la. O nosso século pode começar a definição, mas eu sustento que não se verá a conclusão até o fim do mundo. – Marivaux.

Dizia o bom Fontenelle que o meio de viver em bôa paz com todos, era concordar com todos. Sem duvida, é excelente este conselho. Todavia, não o toleramos nunca intacto. Com a lamina risonha da *Sympathia*, cortamos sempre do todos a sua partícula masculina e com todas concordamos. Esta insincera attitude é porém, ephemera, muito efêmera.

Ella desaparece, com a curva deliciosa dum perfil antigo, ou desfallece, aos poucos, com a onda perturbadora do frou-frou dum vestido de seda. Aqui, porém, estamos longe de olhos femininos e podemos sinceramente analysar as clausulas côr de rosa do seu projecto de emancipação.

Pondo de parte os sentimentos amorosos, não achamos recusável o braço da mulher, na machina politica de certos paizes. E mesmo para o Brasil poderia ser útil, mas não agora. A nossa Eva, como toda a sul-americana, ainda não está apta para trajar as pesadas vestes dos pretensos direitos masculinos da

mulher. Ella ainda possui aquella inaptidão adorável de mulher-boneca e aquella timidez tão pura que a tanto differem das norte-americanas e européas. Tratemos, porém, somente do movimento feminino, nos outros países, porque, até hoje, a mulher brasileira pensa como nós, que a sua missão é femininamente humana e já é bastante.

Aqui, muito em segredo, a eloquência de certos actos do sexo affectivo convence-nos que, quem primeiro se enganou com a mulher, não foi o nosso avô Adão, - foi Deus. Este em vez de tiral-a do mesmo barro humano, quiz maravilhar o seu primeiro filho, e, divinizando o barro, sorriu vaidosamente e delle tirou a primeira mulher. Entretanto, a principio, julgamos que este erro não passasse de mera ilusão de simples mortaes. Pensávamos que a alma feminina, modernizada pelas suas novas pretensões, olhando-se no espelho do passado, se acharia deselegante e voltaria ao fulgor antigo.

Mas, enganamo-nos redondamente: a mulher não retrogradou um passo, - avança lenta e pesadamente pela estrada tortuosa e sem fim da Conquista que, às vezes, conduz á Victória e, ás vezes, á Desdita.

Na velha Europa, Estados Unidos e até na gelada Islandia a pequenina e religiosa mão que movia as contas do rosario e só folheava a Bíblia, gesticulou contra nós, nos comícios, e, contra nós, vibrou, na imprensa, o tacape do panphleto.

Ella de meiga e bella, uma vez votando e masculinizando-se, tornou-se desordeira e má. Em Londres, numa manifestação popular, a sombrinha delicada duma miss esfacella-se na fronte enrugada e enérgica do ex-primeiro ministro inglez Ramsay Mac Donald. Ainda na nevoenta metrópole do Tamisa: em dias de eleições, os seus respeitados policiaes são desautorados e transformados, pelas mãos sufragistas, em simples amas-seccas. Em outros países, mais de uma vez, os carros de correspondência voaram ao estrondo da dynamite feminina.

E apesar de tudo e de todo ruído, á mulher falta muito para conseguir tudo que almeja.

Ella pouco tem conseguido porque empunha sempre, no bizarro prelo, as rudes armas masculinas, deixando esquecido, no talim de seda bordada, o seu gracioso florete antigo cujo tilintar de oiro fazia mover o buril do artista e, ás vezes, por um adorável contraste, até baquear os thronos.

Isso ella não percebeu ainda pois mira tudo com o binoculo masculino, de muito vulto e pouco alcance. E nunca poderá, assim, divisar a perspectiva doirada do seu passado. Não sentirá nos tercetos majestosos e profundos de Dante ou na melodia suave e ardente dos sonetos de Petrarcha, o passaritar furtivo dos beijos duma mulher bonita, nem verá, no bimbalar desfallecente da espada de Marco Antonio, a labareda provocante do corpo de Cleópatra.

Oh! Como foi bello o passado da mulher!

No entanto, ella o esqueceu completamente. E si ella o tivesse recordado, ao menos, ao iniciar a sua campanha de emancipação que (segundo o bello sexo) é a reedição reduzida e actualizada da Revolução Franceza, o singular torneio não faria tanto ruído, nem duraria tanto. Duraria a rápida e bella eternidade duma conquista feminina. E, neste torneio galante, representariamos o comico papel de rei, de Luiz XVI, e não passaríamos, na verdade, de simples rei de cartas de jogar, nas suas mãos delicadas; pois o nosso sceptro rolaria, por terra, na cadencia amorosa de beijos e sorrisos.

Beijos e sorrisos! Personificação indirecta da mulher; porque, quando ella nos facina, é toda um sorriso em flôr e, quando se entrega, é sempre a caricia macia e suave dum beijo.

Oh! Que bello e romântico seria, pois, si a nossa Eva moderna em vez de querer desviar o curso da historia, com a machinagem ruidosa dos comícios e da imprensa, o fizesse com a orchestração silenciosa de beijos e sorrisos!

Entretanto, é muito tarde, para ella retroceder, e, muito cedo, ainda, para o homem ceder.

Ely Pereira
(HYLOEA, nº 2 e 3, 1925)

Diante das considerações e dos excertos colhidos acerca do universo masculino e do feminino e da *Revista Hyloea* que paulatinamente os coloca frente a frente, buscamos, a seguir, apresentar a teoria que norteia o processo das análises propostas nesta dissertação. O referencial teórico, pautado nos estudos do Círculo de Bakhtin, embasa as questões relativas à construção discursiva da mulher na *Revista Hyloea* sob uma perspectiva dialógica.

2 VERSANDO A TEORIA: RELAÇÕES DIALÓGICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

O presente capítulo apresenta as noções teóricas advindas do Círculo de Bakhtin que norteiam o processo de análise dos textos selecionados. A fim de iluminar as questões relativas à construção da imagem feminina levantada nas crônicas, é aqui apresentada, inicialmente, uma breve introdução histórica sobre o Círculo e seus fundadores. Em seguida, são exploradas questões pertinentes às relações dialógicas e ao signo ideológico, incluindo a inter-relação entre discursos e entre interlocutores, bem como questões sobre o acento valorativo em consonância com a entonação expressiva e sobre o apoio coral.

O Círculo de Bakhtin é constituído por estudiosos como seu próprio fundador e líder, Mikhail M. Bakhtin, além de nomes como Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev e de outros intelectuais de diferentes formações e profissões (literária, filosófica, científica e/ou artística). Entre 1919 e 1929, o Círculo de Bakhtin¹⁷ se manteve em plena atividade, produzindo, ao longo dessa década, um rico e vasto material cuja autoria nem sempre ficou suficientemente clara entre seus prováveis criadores e cujo conteúdo, constituído quase sempre de manuscritos inacabados e, por vezes, somente rascunhados, ainda passaria por futuros empecilhos relacionados à tradução e publicação.

Faraco (2017, p. 14) destaca que as conversas do Círculo de Bakhtin nos tempos de Leningrado eram motivadas pelo entusiasmo pela filosofia e pelo debate de ideias permeadas de um sentimento comum ao grupo: a paixão pela linguagem; algo que Bakhtin levaria adiante, em suas obras posteriores. As postulações do Círculo, mais especificamente centradas nos pensamentos de Bakhtin e Volóchinov, levam em conta que a palavra como sistema linguístico, ou seja, na qualidade de unidade básica vazia de significado, dicionarizada, diferencia-se do enunciado pelo caráter dialógico que este possui. O enunciado é a unidade de comunicação discursiva, repleto de expressividade, produto da expressão verbal.

Dito em outras palavras, a unidade real da linguagem é a enunciação e o enunciado é o seu produto. Bakhtin/Volóchinov (2017) considera que qualquer trabalho com a linguagem deve considerar as condições reais de uso, sem levar em conta análises classificatórias das

¹⁷ O filósofo da linguagem Bakhtin foi o mais longo dentre os principais membros do Círculo (faleceu em 1975) e o que mais contribuiu com o legado de obras. Os demais, apesar das contribuições ativas durante seus períodos de produções, foram precocemente silenciados devido à brevidade de suas existências. Volóchinov, um professor de história da música que se dedicou aos estudos linguísticos, foi acometido pela tuberculose, que lhe ceifou a vida muito cedo, em 1936, e Medvedev, formado em direito, foi fuzilado em 1938, em consequência de expurgos políticos que acometiam a URSS na época.

palavras, frases, ou da própria língua em si, haja vista que, em sua opinião, todo enunciado tem caráter dialógico e somente o contexto da enunciação é capaz de fornecer dados acerca dos efeitos de sentido gerados por ele.

De acordo com Bakhtin (1981), a língua se consolida somente a partir de seus enunciados e é através do contato com a comunicação que ela se torna real.

[...] a língua não existe por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. (BAKHTIN, 1981, p. 154)

Sob essa linha de pensamento, a produção do Círculo inova ao tratar a linguagem não somente como um sistema autônomo de signos mas como um processo interativo mediado pelo diálogo. Conforme Bakhtin/Volóchinov (2017) destaca:

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano. (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017, p. 181)

Assim, na concepção do Círculo, todo enunciado é ideológico e nunca neutro. Por sua vez, dado o caráter correspondente, todo fenômeno ideológico implica um valor semiótico. A ideologia vai se construindo histórica e socialmente, através da relação do locutor com o outro. Bakhtin/Volóchinov (2017) defende que enunciações aparentemente vazias de sentido e significação enchem-se de importância quando finalmente compreende-se o contexto extraverbal que leva ao entendimento do sentido construído no discurso. Esse vazio semântico da palavra proferida acaba sendo preenchido pelos elementos linguísticos e, principalmente, pelo contexto imediato extraverbal.

Bakhtin (1992) destaca, ainda, que não somos precursores dos discursos que produzimos, e o sentido do que dizemos jamais será o último: “Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais ele é o primeiro a nomear” (BAKHTIN, 1992, p. 319). Muitas vezes aquilo que dizemos ou escrevemos nos parece inédito a princípio, no entanto, na comparação e no confronto das ideias nos damos conta que já foi dito ou escrito antes e por muitas vezes.

Segundo Bakhtin/Volóchinov (2006, p. 99), toda produção verbal, ao prolongar aquelas que a antecederam, polemiza com elas, prevê reações ativas de compreensão, antecipa suas respostas. Dito de outra forma, os discursos, de fato, passeiam por nós, perpassam nossa fala,

polemizam com os demais discursos que também transitam em nosso mundo social e cultural. E, tão logo deixam nossos dizeres, vão povoar outros pensamentos, rodear novas ideias, exprimir diferentes sentimentos.

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Entretanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subseqüentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 300)

A analogia entre o enunciado e o elo de uma “engrenagem discursiva” justifica-se pela sua capacidade de responder e ser respondido por outros enunciados, num ciclo sucessivo e infinito, propiciando um mosaico de discursos alheios. Na concepção bakhtiniana, o ser humano existe a partir da convivência com o outro; suas palavras, percebidas em condições concretas de comunicação verbal, estão imbricadas nas palavras do outro:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros. [...] Em todo o enunciado, contando que o examinemos com apuro, [...] descobrimos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade; [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 317-318)

Bakhtin (2003) postula que a linguagem se caracteriza por um fenômeno constituído de duas faces ao presumir que haja sempre a ocorrência de um falante e de um ouvinte – mesmo que este não seja real. Logo, até mesmo o enunciado monológico aguarda uma resposta. De acordo com Bakhtin/Volóchinov (2017), um enunciado monológico, tal qual um monumento escrito, continua o trabalho daqueles que lhe antecederam, dialogando com eles à espera de uma compreensão ativa e responsiva. O monumento, pertencente ao campo da ciência, da literatura ou da vida política, é somente uma parte desse todo e orienta-se rumo à compreensão da vida científica ou da realidade literária em que se apresenta naquele instante.

A comunicação entre os indivíduos só se torna viável a partir desse conjunto socio-histórico, em que não há espaço para a individualidade da língua. As condições sociais de cada época configuram-se em fatos determinantes para as situações de comunicação verbal, e o princípio dialógico é capaz de alcançar uma amplitude muito além dos modelos de um diálogo comum, constituído de perguntas e respostas.

A relação dialógica consegue se estabelecer mesmo quando não há uma proximidade física ou temporal entre o locutor e o interlocutor. Ambos podem se conhecer intimamente ou

nunca terem se encontrado antes. O que torna possível essa inter-relação entre ambos é a convergência ou divergência de sentidos entre as diferentes opiniões, ideias ou pontos de vista, e o fenômeno ideológico por excelência, na concepção de Bakhtin, é a palavra: a palavra carregada de sentidos que é dirigida ao interlocutor.

O enunciado, para Volóchinov (2017, p. 205), é formado entre dois indivíduos socialmente organizados,

[...] e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204)

O uso comum das palavras da língua e sua compreensão pública são estabelecidos pelas significações lexicográficas, no entanto, o que determina a utilização de uma palavra no contexto verbal são a individualidade e o contexto. Isso significa dizer que a palavra que elegemos para compor um enunciado não é retirada dessa “neutralidade lexicográfica” contida no sistema da língua; ela vem de outras falas, do discurso alheio. O locutor apropria-se desses signos já valorados de outros discursos, toma-os como seus atribuindo-lhes ressignificações e os lança na direção de seus interlocutores.

Bakhtin (2003, p. 20) aponta que a palavra se apresenta ao locutor através de três formas distintas: a) carregada de neutralidade e não pertencente a ninguém; b) de domínio do outro e sob responsabilidade dos outros, preenchendo o vazio dos enunciados de outrem; c) como palavra que, de fato, não é do próprio locutor que, ao fazer uso dela em certa situação, enche-lhe de marcas expressivas.

Para o pensador russo (2003), o fato de a palavra pertencer a outrem ou ao locutor revela que sua expressividade não foi gerada nela mesma, mas é oriunda do ponto em comum entre essa palavra e a realidade em que ela está inserida, e seu *status* vai sendo atualizado mediante o enunciado individual. Dessa forma, a palavra, apresentando um juízo de valor de quem lhe toma a guarda (seja esse detentor o escritor, o cientista, o pai, a mãe, o amigo, etc.), carrega também um conglomerado de outras vozes discursivas.

Da mesma maneira que, para escrever este trabalho, são tomados por base conceitos e ideias de autores de outras épocas, discursos que nos rodeiam (da família, dos amigos, dos colegas) também oferecem enunciados que nos servem de inspiração e ampliam nossa bagagem histórica e sociocultural.

Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das

obras, dos enunciados, das locuções, etc. Há sempre certo número de ideias diretrizes que emanam dos “luminares” da época, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem, etc. Sem falar do modelo das antologias escolares que servem de base para o estudo da língua materna e que, decerto, são sempre expressivas. (BAKHTIN, 2003, p. 20)

Visto por outro ângulo, esse fenômeno que possibilita a ininterrupta transição de outras vozes através de diferentes discursos, é capaz ainda de promover, no juízo coletivo, a fossilização de formas específicas de pensamento, estabelecendo verdades inquestionáveis que serão continuamente transferidas de discurso em discurso, constituindo paradigmas sólidos, de difícil mudança.

Em *A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica*, Bakhtin/Volóchinov (2011), no intuito de explicar como a palavra real se comporta em uma situação extraverbal, incita o leitor a observar o vocábulo “Bem” que, quando analisado sob o viés puramente linguístico, é praticamente vazio de significação, constituindo-se de uma mera interjeição que somente adquire plenitude de sentido após considerados todos os elementos da enunciação que o rodeia no discurso. Na ilustração apresentada, duas pessoas estão sozinhas em uma casa. Uma delas olha pela janela e irrompe o silêncio, dizendo, simplesmente: “Bem”. A outra permanece calada, compreendendo o sentido da situação, pois é capaz de transpor os limites das características fonéticas, morfológicas e sintáticas da expressão enunciada.

A entonação atribuída à palavra “Bem” é capaz de preencher razoavelmente o vazio semântico, porém não esclarece totalmente sua significação. É necessário que o contexto extraverbal se faça presente para atribuir sentido àquele que a ouve e esse fenômeno, de acordo com Bakhtin/Volóchinov (2011), se dá por meio de três aspectos essenciais no discurso, a saber: 1) um horizonte espacial compartilhado, visível, de comum conhecimento dos falantes envolvidos, 2) o conhecimento e a compreensão que os falantes possuem da situação, 3) a valoração compartilhada por ambos.

Dessa forma, na enunciação dada, os dois interlocutores, sentados lado a lado, de frente para uma janela aberta e apreciando a chuva que cai lá fora, encontram-se em situação familiar; partilham e comungam das mesmas expectativas. De acordo com a perspectiva volochinoviana, nesse instante, eles veem juntos, sabem juntos e avaliam juntos a situação. Importante ressaltar a ausência de qualquer outra expressão verbal no contexto dado, além do enunciado “Bem”, que é parte realizada verbalmente. Além dele, somente o silêncio carregado de significação está presente; nada mais é dito, porém tudo é assimilado. A essas duas partes que compõem uma enunciação da vida real, plena de sentido, Volóchinov (2011) define como: (1) a parte expressa verbalmente e (2) a parte presumida. Por parte expressa verbalmente na linguagem entende-se

aquilo que é palpável, concreto, experimentável. Cabe à parte presumida os fatos silenciados, porém sugeridos, subentendidos. É da natureza do presumido constituir-se de conhecimento socialmente compartilhado e propiciar o inconsciente entendimento coletivo no desenrolar do uso da linguagem.

Volóchinov (2011) segue comparando a enunciação da vida real a um entimema¹⁸, termo que reporta à retórica aristotélica e que, por sua vez, na situação extraverbal, também se constitui por um elemento não citado, mas sugerido entre os interlocutores. O linguista, contudo, sugere cautela em sua comparação ao entimema aristotélico e justifica tal prudência alegando que, diferentemente do que se possa imaginar pela concepção da palavra entimema, o subentendido não dá importância ao individual e ao subjetivo, mas sim ao social e objetivo. Exemplificando: somente os sentimentos compartilhados conjuntamente podem se configurar nas entrelinhas do enunciado; aquilo que se ama, se deseja ou se sente no campo do individual não pode formar o seu subentendido.

Considerando-se que o enunciado de um entimema é socialmente objetivo, a constância dos fatores subentendidos será definida pela amplitude do horizonte social partilhado pelos indivíduos:

[...] existe o subentendido da família, da tribo, da nação, da classe social, dos dias, dos anos inteiros e inclusive de épocas totais. À medida que se amplia o horizonte geral e do grupo social que lhe corresponde, os aspectos subentendidos se tornam cada vez mais constantes. (VOLÓCHINOV, 2011, p. 158)

Bakhtin (2009, p. 58) esclarece que “[...] todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência”. A respeito desse pensamento, Faraco (2009, 49) observa: “Vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações. [...] como a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores”.

O filósofo russo (2003) defende que a carga emotiva, o juízo de valor, assim como a expressão, não estão presentes na palavra isolada; passam a existir somente através do seu uso concreto no processo enunciativo, pois uma palavra enunciada, praticamente vazia semanticamente, não possui o poder de estabelecer uma situação para si. Na verdade, qualquer entonação é capaz de lhe tomar posse, seja de alegria, seja de tristeza ou de ironia, e, na falta de um contexto verbal próximo, é a situação extraverbal que irá determinar a entonação. Toda

¹⁸ Entimema, termo que o próprio autor define em sua obra, é originário do grego e significa aquilo “que se encontra na alma, o que se subentende”.

significação de uma palavra que especificamente designa um sentimento, como “alegre” ou “triste”, é extraemocional, tão neutra como qualquer outra. Prova disso é sua possibilidade de uso em contextos que não contemplam sua potencialidade de uso primária.

A entonação sempre se encontra no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Mediante a entonação a palavra se relaciona diretamente com a vida. E antes de tudo, justamente na entonação o falante se relaciona com os ouvintes: a entonação é social por natureza. É, sobretudo, sensível para com qualquer oscilação da atmosfera social em torno do falante. (VOLOCHÍNOV, 2011, p. 160)

As valorações subentendidas, aquelas que residem nas entrelinhas e não são enunciadas por constituírem um juízo de valor coletivo, como a vida econômica e política de um grupo, por exemplo, são também tratadas por Bakhtin/Volóchinov (2011). O autor ilustra sua teoria apresentando a conexão que inconscientemente fazemos entre o elemento sol (seu calor e luz) e seu valor para nós. Esse vínculo, de alguma forma, leva-nos a acreditar que o valor que esse objeto nos remete já faz parte de suas próprias qualidades.

Segundo Volóchinov (2011), há, no mundo interior e no pensamento de cada indivíduo, um ambiente onde repousa um “*auditório social estável*” (p. 204, grifo do autor). Nesse espaço, residem seus juízos de valor, seus argumentos internos, suas motivações; um repertório formado ao longo de sua vivência, experiência e interações com outros indivíduos. A proximidade do auditório desse locutor com o auditório médio da criação ideológica será diretamente proporcional ao seu nível cultural; no entanto, Volóchinov (2011) aponta a barreira intransponível da classe e época na qual esse indivíduo está inserido.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2009, p. 41) afirma que “a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”. Através da palavra, é possível aferir o grau de todas as transformações sociais em voga ou das que ainda são um mero prenúncio: “A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada”.

O acento de valor que advém de uma determinada ideologia é intrínseco a qualquer forma de enunciação, determinante para a sua existência. De acordo com o pensamento de Bakhtin/Volóchinov (2017, p. 91), “tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia.”

A relação de interdependência entre o signo e a ideologia é tamanha que impossibilita o tratamento desses conceitos separadamente. O signo funciona como o material da ideologia; é

o caso da pomba branca que simboliza a paz, da maçã, que representa o pecado e da balança que sinaliza a justiça. Todas as formas de discurso têm, como característica comum, a intenção de fazer transitar algum tipo de ideologia que possa influenciar comportamentos e atitudes dos interlocutores. Sendo assim, qualquer discurso faz uso de signos verbais ou não verbais na veiculação de ideologias; até mesmo o silêncio, inserido em um determinado contexto, pode ter a intenção de representar a indiferença, a tristeza, o embaraço.

Com o objetivo de explicar a relação entre o dito e o não dito, ou entre o horizonte extraverbal e a palavra, Volóchinov (2017) afirma que, ao contrário do espelho que reflete um objeto, o discurso não reflete a situação extraverbal. Na verdade, segundo ele, a palavra fornece um resumo valorativo e se constitui como sendo a própria avaliação do evento da vida. Em virtude disso, sua função é muito mais de refração (interpretação do mundo) do que reflexo (espelho do mundo).

Assim como alguns instrumentos (como o vinho tinto no catolicismo, por exemplo) são eleitos pela malha coletiva para representar uma dada ideologia (“materializar” o sangue de Cristo), algumas interpretações escapam da homogeneidade social e, influenciados pela heterogeneidade das experiências, também refratam o mundo, tal qual um prisma que desvia a luz, ao invés de somente refleti-lo. Tal fenômeno ocorre porque, mesmo vivendo em um único meio social, cada indivíduo lida constantemente com a sua “singularidade” nas palavras que profere. A respeito disso, Faraco (2009) afirma:

[...] a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos. Sendo essas experiências múltiplas e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos); só podem ser plurívocos (multissêmicos). A plurivocidade (o caráter multissêmico) é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas. E isso não porque eles sejam intrinsecamente ambíguos, mas fundamentalmente porque significam deslizando entre múltiplos quadros semântico-axiológicos (e não com base numa semântica única e universal). (FARACO, 2009, p. 51)

Há uma íntima relação entre o enunciado concretizado que abarca os falantes de um determinado evento e a situação extraverbal. Ao contrário do que o termo possa sugerir, o extraverbal não age de fora para dentro do enunciado, mas o integra:

Deste modo, a situação extraverbal não é tão somente a causa externa da enunciação, nem atua sobre esta como uma força mecânica externa, Não; a situação forma parte da enunciação como a parte integral necessária de sua composição semântica. (VOLÓCHINOV, 2011, p. 157)

Volóchinov (2011) destaca alguns elementos responsáveis por concretizar as avaliações sociais no enunciado: a entonação, o coral de apoio, a metáfora entonacional e a metáfora gestual. Se questionássemos Volóchinov a respeito da forma como esse julgamento de valor social, pertencente à vida, organiza o modo de concretização do enunciado, o linguista russo nos responderia que é através da entonação: “[...] é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura. A entonação estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais” (VOLÓCHINOV, 2011, p. 160).

No entanto, no conteúdo do discurso, esse mesmo julgamento precisa encontrar uma expressão que lhe seja mais apropriada. A entonação é plenamente dependente do contexto em que se situa. O sentido de uma palavra ou de um enunciado não vem gravado na própria palavra, como se dela fizesse parte, mas vai sendo construído dentro do contexto em que ela se encerra naquele instante.

A entonação apoia-se justamente no aspecto compartilhado das valorizações, no senso do comum acordo. Assim como toda a estrutura padrão do discurso, ela necessita de um coral de apoio capaz de reduzir “a enunciação às supostas valorações compartilhadas daquele meio social para o qual está orientada a palavra” (VOLOCHÍNOV, 2011, p. 161).

Para uma efetiva compreensão de como se dá o apoio coral, é fundamental associá-lo à entonação, cuja função principal é fornecer uma base nítida que favoreça a clareza das enunciações. Todos os fenômenos que nos são circundantes encontram-se repletos de julgamentos de valor subentendidos, que não se configuram emoções individuais, mas sociais, regulares e essenciais.

O apoio coral localiza-se no social, mais especificamente além das fronteiras verbais, para onde a entonação dirige a palavra. Não ocorrendo a almejada aceitação, o desacordo entre os falantes fica revelado na entonação diferenciada, na tensão no discurso: “Uma entoação criativamente produtiva, segura e rica, é possível somente sobre a base de um ‘apoio coral’ presumido [...] quando falta tal apoio, a voz vacila e sua riqueza entonacional é reduzida.” (VOLÓCHINOV, 2011, p. 6).

Uma situação em que o apoio coral não se faz presente pode muito bem ser comparada àquele ataque de riso explosivo, porém solitário, que se perde no constrangimento por não conquistar adesão e entendimento.

Onde não existe este apoio, a voz se corta como em alguém que ri e logo se perde por ser um riso solitário: o riso se cala ou degenera, volta afetado, perde a segurança e definição e já não é capaz de gerar palavras alegres e burlescas.

A comunicação das valorizações gerais representa o tecido sobre o qual o discurso vivo dos homens borda figuras entonacionais. (VOLOCHÍNOV, 2011, p. 161; grifos do autor).

Dirigir-se ao ouvinte visando ao coral de apoio é somente uma das estratégias da entonação, porém, o autor aponta outra questão pertinente à sociologia da palavra. Nem sempre é intenção do falante orientar sua entonação ao ouvinte, como ocorre no exemplo da interjeição “Bem”, enunciada frente uma janela aberta, diante da neve que cai lá fora. Nesse caso específico, a entonação, ironicamente debochada, não se refere ao ouvinte, mas quiçá à própria neve ou ao mau tempo. Diante dessas circunstâncias, oportuniza-se o surgimento de um terceiro participante, não nomeado, não definido, mas com autoridade para transformar o segundo participante, o ouvinte, em testemunha ou aliado.

Trata-se da metáfora entonacional, um fenômeno de suma importância na criação verbal. A entonação, dotada de seu caráter personificador, faz com que objetos e coisas presentes no contexto da enunciação se voltem para os seus protagonistas. Nesse processo que possibilita, por exemplo, que o inverno seja culpado pela neve que não cessa, surge, através da enunciação aparentemente vazia “Bem”, uma metáfora entonacional pura.

Volóchinov aponta a superioridade da capacidade metafórica da entonação frente às palavras no discurso cotidiano, que, segundo ele, “são pobres e prosaicas” (VOLOCHÍNOV, 2011, p. 163). A entonação, ao contrário, torna o mundo do falante repleto de forças animadas que ganham alma e vontade próprias.

A metáfora entonacional está intimamente ligada à metáfora gestual, segundo Volóchinov (2011). O gesto linguístico, seja manifestado pela mímica, seja pelos gestos do rosto, é parente ancestral da palavra e, da mesma forma que a entonação, também requer o apoio coral dos demais participantes. O gesto é capaz, ainda, de fazer aflorar um terceiro participante da ação comunicativa: o herói, entidade autônoma, entendida como personagem ou como objeto do enunciado/discurso; aquele ou aquilo de quem ou do que se fala. Dessa forma, o linguista (2011, p. 164) conclui que a enunciação orienta-se em duas direções: uma voltada ao ouvinte, como seu aliado ou testemunha, e a outra direcionada ao objeto da enunciação, que adquire o *status* de terceiro participante vivo. Nesta posição, como herói, acaba sendo molestado, acariciado, rebaixado ou elevado pela entonação.

O linguista russo (2011) observa ainda que o gesto e a entonação possuem uma natureza ativa e objetiva, pois, além de expressarem a taciturnidade do falante, são capazes também de ultrapassar o seu pequeno mundo para confrontar, no universo exterior, seus amigos, inimigos ou aliados, em uma interação socialmente ativa. A cada entonação lançada pelo enunciador,

duas direções são possíveis. A primeira vai ao encontro do ouvinte, que a receberá como aliado ou testemunha. A segunda vai orientada ao objeto da enunciação, tratado como um terceiro participante vivo. Essa dupla orientação social é a responsável pelo sentido atribuído a todos os aspectos da entonação:

[...] toda palavra realmente pronunciada (ou escrita com sentido), que está aconchegada em um dicionário, é expressão e produto da interação social de três: do falante (autor), do ouvinte (leitor), e daquele de quem ou de que se fala (protagonista). (VOLÓCHINOV, [1926] 2011, p. 164)

É possível depreender, desta seção, que o que dizemos transmite muito sobre nós: quem somos, o que pensamos, no que cremos, afinal, em nossas interações dialógicas, diante de tantas possibilidades de escolha no universo linguístico, vamos escolhendo e ressignificando as palavras que nos chegam valoradas de falas de outros discursos.

De acordo com a afirmação de Bakhtin (2016), em *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*, nossos enunciados são sempre marcados pela valoração de uma dada ideologia. A teoria do Círculo de Bakhtin nos mostra que a significação de um enunciado, fruto do contexto sócio-histórico e ideológico, não é retirada das palavras, tampouco dos interlocutores, mas sobrevêm da interação dos participantes do discurso (BAKHTIN, 2016). Ou seja, antes de ser integrada no organismo individual e, em seguida, na fala interior, a palavra nasce e se desenvolve no processo de socialização dos sujeitos que podem ser muitos, considerando a possibilidade de se identificar, em um único texto, a presença de diferentes vozes (pontos de vista, visões de mundo). Esse lugar, de onde se origina a palavra, nada mais é do que a situação extraverbal com a qual o discurso mantém algum vínculo.

Para Volóchinov (2011, p. 154-55), toda valoração que uma palavra carrega em um discurso envolve, além do seu aspecto verbal, nítido, concreto, a sua situação extraverbal, não importando se o critério é de cunho ético ou político. Uma palavra, considerada como um fenômeno linguístico somente, desassociada de seu contexto, da vida que a completa, não possui juízo de valor. Somente a conjuntura social é capaz de atribuir índices de valor aos vocábulos e essa prática envolve certos artifícios como o uso, por parte do locutor, de mecanismos de entonação expressiva na tentativa de conquistar o apoio coral e evitar tensões no discurso.

Após contemplar os conceitos e noções necessários aos procedimentos de análise dos textos, partiremos para a contextualização e para a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.

3 NAS ENTRELINHAS DA REVISTA: ENTRE A CONTEXTUALIZAÇÃO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo está dividido em duas seções, em que a primeira explora os estudos a respeito das lutas feministas, com especial destaque aos pensamentos de Simone de Beauvoir, discorrendo brevemente sobre o contexto de criação da *Revista Hyloea*. A segunda seção apresenta os procedimentos metodológicos em três etapas: coleta, seleção e análise do material de pesquisa.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO: AS LUTAS FEMINISTAS

Nossa proposta, nesta seção, é fazer uma concisa apresentação das lutas feministas, com destaque à figura de Simone de Beauvoir, uma das maiores representantes do existencialismo na França e a principal representante da primeira fase do feminismo, finalizando com uma breve exposição do contexto de criação da *Revista Hyloea*.

O tempo cronológico não é determinante para indicar quando se inicia e encerra cada fase da história da humanidade. Cabe aos historiadores definirem se um novo período histórico deve ou não começar, e o fazem baseados nas transformações mais significativas ocorridas nesse tempo; uma divisão que, em termos práticos, auxilia a pontuar quais eventos tem mais afinidades entre si. Não se pode, no entanto, presumir que os períodos tenham características estanques. Os valores de uma época podem passar de um período para outro, sucessivamente, conservando-se em nosso cotidiano. As divisões são referenciais criados para facilitar o estudo dos fatos passados, mas não indicam o momento preciso das mudanças ocorridas.

Projetando a mesma lógica ao analisar o movimento de luta das mulheres ao longo dos anos, observa-se que, diante da diversidade de demandas que elas tinham em cada momento histórico, houve por bem agrupá-las em determinada “onda”¹⁹ do feminismo de acordo com as reivindicações de cada época ou cruzando, com seus momentos históricos, os ideais que essas mulheres, que se denominavam feministas, buscavam.

No artigo “Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política”²⁰, das psicólogas Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006), lê-se que a primeira

¹⁹ Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. Acesso em: 14 out. 2018.

²⁰ *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

onda marcou justamente o início do movimento feminista, nascido como um movimento liberal em prol de reivindicações por igualdade de direitos nos ramos civil, político e educacional; direitos esses reservados apenas aos homens na época. A principal representante dessa fase é Simone de Beauvoir, com sua mais célebre frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, escrita em 1949, em seu livro *O Segundo Sexo*, utilizada como crítica à submissão das mulheres que, em função dos preconceitos e discriminações a que são subjugadas, recolhem-se à situação de inferioridade e menosprezo.

Narvaz e Koller (2006) relatam que o movimento sufragista, estruturado na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha, foi de grande importância para o surgimento do feminismo. O movimento lutava contra a discriminação das mulheres e exigia direitos, como o de exercer o voto. Outra marca dessa fase é a denúncia da opressão à mulher infligida pelo patriarcado.

As autoras (2006) apontam o ressurgimento da segunda fase, ou segunda onda, do feminismo nos Estados Unidos e França entre as décadas de 1960 e 1970. Enquanto as feministas americanas ressaltavam a busca de igualdade e a opressão masculina, as francesas requeriam que as diferenças existentes entre homens e mulheres fossem consideradas e que a especificidade da experiência feminina passasse a ser relevada. Essas variações nas propostas feministas (uma enfatizando a igualdade e a outra destacando as diferenças e a alteridade) levam autores como Scott (2005) a tratar o “feminismo da igualdade” e o “feminismo da diferença” como paradoxos, em que as proposições não podem ser resolvidas, no máximo negociadas, já que, segundo ele, “são verdadeiras e falsas ao mesmo tempo”. É nessa fase que, segundo Narvaz e Koller (2006), é introduzida, no debate igualdade e diferença, a ideia de equidade e paridade.

Ainda segundo pesquisas das autoras, a terceira fase, ou terceira onda do feminismo iniciou na década de 1980, sob influência do pensamento pós-estruturalista predominante na França, sobretudo o de Michel Foucault e de Jacques Derrida. Questões sobre a diferença, subjetividade e singularidade das experiências são enfatizadas nessa etapa. Sendo assim, a proposta dessa última fase passa a direcionar atenção na análise daquilo que é diferente, na alteridade, na diversidade, na produção discursiva da subjetividade. O campo de estudo, antes focado nas mulheres e nos sexos, volta-se agora ao estudo das relações de gênero. Narvaz e Koller (2006) apontam que ocorre, na terceira fase, o cruzamento entre o movimento político das mulheres e a academia, o que motivou a criação, nas universidades, de centros de estudos sobre a mulher, estudos de gêneros e feminismos.

Vários autores, além de Simone de Beauvoir, também contribuíram com temas relacionados ao gênero feminino, como Butler (1990), Schmidt (1994, 2006), Soares (1998), Hollanda (2003) e outros. Soares (1998) afirma que a discriminação social por gênero não se

configura uma originalidade brasileira e lamenta a intensidade da resistência ao feminismo até mesmo por classes de onde se esperaria defendê-la, como os meios intelectuais, os de esquerda, ou até mesmo no círculo de mulheres. Para o autor, “feminismo é frequentemente objeto de pilhéria e seus temas são muitas vezes tratados de forma jocosa” (SOARES, 1998, p. 219).

Simone de Beauvoir, ao discorrer sobre o ponto de vista do materialismo histórico em seu livro *O segundo sexo* (2016), ousa dizer que “o mundo sempre pertenceu aos machos”. Ela apresenta, nesse capítulo da obra, o panorama feminino que se inicia no tempo das mulheres no período precedente ao da agricultura, uma época em que as circunstâncias nunca lhes foram favoráveis. Beauvoir chega a questionar se, primitivamente, a mulher não teria a musculatura e o aparelho respiratório tão desenvolvidos quanto o do homem, afinal, era ela que carregava os fardos no campo. No entanto, a própria autora pondera sua insinuação ao deduzir uma nova razão para o emprego da força física feminina nas atividades laborais. O homem deveria manter as mãos livres para prover a segurança nos comboios, defendendo o grupo contra eventuais investidas de agressores, fossem elas de indivíduos ou de animais.

No que tange aos estudos de gênero, Beauvoir (2016), na busca por respaldo em diversas perspectivas que incluem a biológica, a materialista, a psicanalítica, a literária, a histórica e a antropológica, numa tentativa vã de definir a mulher, conclui que nenhuma delas a caracteriza por completo, porém todas contribuem para rotulá-la como a “outridade” em relação ao homem. Segundo Beauvoir (2016), a biologia atribuiu ao homem, desde a antiguidade, o privilégio da soberania. Ele nunca teve que lutar pelo direito ao patriarcado; já nasceu nele e, por não se identificar com a mulher na forma de pensar ou trabalhar, não a enxergou como sua igual; não existiu reciprocidade entre os sexos; reservou-lhe, então, a posição do *Outro* e se tornou seu opressor. De fato, a impotência da mulher diante de uma sociedade movida pela força bruta não tornaria sua situação mais favorecida e, mesmo sendo honrada por ser esposa e mãe, ela se torna escrava nessas funções.

Beauvoir (2016) aponta a masculinidade como sendo o fator primordial da sociedade. Para o homem, o outro, que não deixa de ser seu semelhante por ser o mesmo, é sempre um indivíduo do sexo masculino, com quem ele mantém relações de reciprocidade. Segundo a autora francesa, o erro proveio de terem confundido dois aspectos da alteridade, que se excluem rigorosamente. Na medida em que a mulher é considerada o *Outro* absoluto, isto é – qualquer que seja sua magia -, o inessencial, torna-se impossível encará-la como outro sujeito (BEAUVOIR, 2016, p. 106). A autora explica que o homem, ao se negar a enxergar a mulher como sua igual, não reconheceu, nela, um semelhante. A mulher, por continuar escravizada aos

“mistérios da vida”, não dividia com ele sua maneira de trabalhar e de pensar e, conservando aos seus olhos posição de o *Outro*, só cabia a ele oprimi-la (p. 113).

Segundo a escritora francesa (2016, p. 23), por mais que o homem diga que não mais existe hierarquia social entre homem e mulher e que a considera como sua igual, é sabido que, em situação pacífica, ele faz uso do princípio da igualdade abstrata para tratar das diferenças, não expondo a desigualdade concreta. No entanto, ao menor sinal de ameaça conflituosa, ele muda a ótica e então faz questão de apresentar toda disparidade que deveras sente:

[...] logo que entra em conflito com a mulher, a situação se inverte: ele tematiza a desigualdade concreta e dela tira autoridade para negar a igualdade abstrata. Assim é que muitos homens afirmam quase com boa-fé que as mulheres são iguais aos homens e nada tem a reivindicar, e, ao mesmo tempo, que as mulheres nunca poderão ser iguais aos homens e que suas reivindicações são vãs. (BEAUVOIR, 2016, p. 23)

O homem, para Beauvoir (2016, p.11), nunca enfrenta a necessidade de se definir como tal, quaisquer que sejam as circunstâncias, pois como macho ocupa um lugar confortável, onde reina sem questionamentos. A autora afirma ainda que “um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada” (p. 12). Mesmo sendo evidente que o mundo sempre pertenceu aos machos, Beauvoir (2016, p. 96) diz que nunca encontrou embasamento teórico convincente capaz de explicar os motivos da constituição dessa hierarquia dos sexos. Sendo assim, ela então voltou sua busca aos dados pré-históricos sob a luz da filosofia existencial e da etnografia:

Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, porém sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade? (BEAUVOIR, 2016, p. 95)

A soberania masculina parece ser clara e definida aos olhos do homem, assim como o é, sob a mesma perspectiva, a submissão feminina e, diante do menor sinal de rebeldia da mulher que ameace seu reinado, ele não poupará esforços para defendê-lo e colocá-la de volta no que define ser “o seu lugar”. De acordo com Beauvoir (2016), ao explicar o patriarcado nas sociedades primitivas:

[...] ela se encontra sempre sob a tutela dos homens; a única questão consiste em saber se após o casamento ela fica sujeita à autoridade do pai ou do irmão

mais velho – autoridade que se estenderá também aos filhos – ou se ela se submete, a partir de então, à autoridade do marido. (BEAUVOIR, 2016, p. 106)

Avançando cronologicamente para o século XIX, constatamos que o patriarcado²¹ firma-se na sociedade, e a situação feminina permanece sob extrema submissão. Em 1857, foi aprovada a lei do divórcio na Inglaterra, como relata Burke (2008). Segundo o historiador inglês, foi somente em 1857 que o Ato da Reforma do Divórcio foi sancionado, efetivamente libertando os homens para se casar novamente se por ventura suas mulheres tivessem cometido adultério, desde que eles pudessem pagar os honorários do advogado. Nos 120 anos seguintes a lei foi gradativamente estendida às mulheres, a pessoas mais pobres que não podiam pagar as custas legais e passou a incluir outros motivos para o divórcio - da crueldade à incompatibilidade. No entanto, homens e mulheres tiveram parâmetros morais legalmente diferentes. Enquanto ele tinha o direito de obter a dissolução do seu casamento ao comprovar o ato de infidelidade de sua consorte, a recíproca não se aplicava a ela, ou seja, as provas que atestavam a culpa de seu marido só eram válidas se elas comprovassem que ele havia sido, além de infiel, também cruel.

Oliveira (2012) afirma que mesmo no início do século XX a educação das mulheres não contemplava o mercado de trabalho vigente da época, mas sim as atividades úteis ao lar. O conhecimento que não fosse adquirido de mãe para filha, em casa, como servir ou cozinhar, seria aprendido na escola, assim como música, boas maneiras e língua francesa. Se o ensino elementar lhe era oferecido, era porque o domínio da aritmética lhe auxiliaria na administração da economia doméstica. A aquisição da leitura e da escrita seria empregada em benefício de futuramente orientar as tarefas escolares dos filhos homens, afinal, o esperado de uma moça de família era conseguir um bom casamento e parir o maior número de filhos. De preferência, do sexo masculino.

Oliveira (2012) aponta que essa condição era, de certo modo, um instrumento ideológico utilizado em favor da dependência aos ideais masculinos; uma forma de humilhação e subjugação à qual as mulheres se submetiam diariamente, julgando ser normal e inerente à classe feminina. Dessa forma, elas não dispunham de credibilidade, pouco ou nada contribuía nas decisões da família e, por não compartilharem dos mesmos direitos morais igualitários conferidos aos homens, eram tratadas como posses deles, somente. Mesmo multiplicando-se os

²¹ Conf. OLIVEIRA, R. de. A mulher no século XIX. Recanto das letras, fev. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-sociedade/3511571>. Acesso em: 31 maio 2018.

colégios para meninos e meninas das elites no fim da década de 30, a educação oferecida a elas ainda era focada no casamento, ainda muitas vezes arranjado pela família.

Importante ressaltar que houve, ao longo do tempo, avanços²² importantes direcionados à equidade e igualdade de gêneros, como a conquista do direito ao voto, articulado pela bióloga e idealizadora do Partido Republicano Feminino, Bertha Lutz, em 1932, e a eleição da primeira deputada, Carlota Pereira de Queiroz, em 1934. Não menos importantes foram o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, em 1961, com incentivo e financiamento realizados, respectivamente, por parte da feminista e ativista social Margaret Sanger e da herdeira industrial Katharine Mc Cormick, e a criação, em 1996, da Lei nº 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, batizada em homenagem à farmacêutica cearense que exigiu, na época, condenação judicial ao seu agressor.

Perante o exposto, acreditamos que estudar e compreender a figura da mulher retratada em ambiente, época e espaço de dominação masculina, como o universo militar, seja de suma importância para inseri-la como sujeito da história. Foi em busca de textos para o desenvolvimento do artigo final da disciplina “Gêneros do Discurso: questões teóricas e metodológicas”, ministrada pela professora e orientadora de mestrado Maria da Glória Corrêa Di Fanti, que fascículos antigos da *Revista Hyloea*, localizados no acervo histórico do CMPA, me chegaram às mãos. A combinação entre o acaso e a conveniência permitiu a aproximação dessas vozes do passado e, para uma melhor compreensão do objeto da nossa pesquisa, nos cabe, agora, apresentar o contexto da criação da *Revista Hyloea*.

No ano de 1922, um grupo de alunos das séries finais do Colégio Militar de Porto Alegre, componentes de um seletivo grupo denominado Sociedade Cívica e Literária, resolveu criar um veículo de comunicação que fizesse circular suas produções literárias e a de seus colegas. Nasceu, assim, a *Revista Hyloea*, apresentada como “Órgão oficial da Sociedade Cívica e Literária do Collegio Militar de Porto Alegre” (SCL). O projeto, tímido inicialmente, acabou tomando vulto ao longo dos anos, não obstante uma série de intempéries advindas de pessoas que pareciam se opor à veiculação do periódico. Seus escritores, a princípio, eram os próprios alunos da SCL, mas a equipe de redação, que possuía uma sala só para selecionar as produções que lhe chegava manuscritas, aceitava contribuições dos chamados “colaboradores”: professores, pai de aluno, antigo discente, etc.

A *Revista* foi gradativamente conquistando o interesse de uma ou outra empresa que enxergava nela um vantajoso meio de noticiar seus produtos. Os textos publicados nos

²² Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3522/os-fatos-historicos-que-marcaram-as-conquistas-das-mulheres>. Acesso em: 29 jun. 2018.

fascículos despertavam a simpatia de meninas que, direta ou indiretamente, compartilhavam algum vínculo com os frequentadores desse reduto estudantil exclusivamente masculino.

A admiração pela leitura do que se passava nos corações desses jovens fez brotar, na alma daquelas garotas, suas leitoras, o desejo de também se expressarem na revista e foi assim que elas começaram a fazer parte do rol das autorias das matérias veiculadas. Iniciava-se, assim, na função de “colaboradora”, uma série de participações femininas, cujo número de escritos em pouco tempo superaria o dos seus colegas homens, os “colaboradores”. Ambos os meninos e meninas testemunhavam e se deixavam influenciar pela consolidação da geração modernista, que trazia como características comuns o desejo de liberdade de expressão, permeado pelos ideais nacionalistas, objetivando a emancipação do julgo europeu. Tanto eles, quanto elas, leitores contumazes, escrevem poemas, sonetos e crônicas que versam sobre os fenômenos da natureza e sobre os mistérios do amor, em uma literatura acadêmica e elitizante.

Meninos e meninas se correspondiam secretamente através dos textos produzidos na *Hyloea*. Em suas páginas, a mulher era adorada, comentada, analisada e criticada. Os fascículos seguiam acompanhando a exaustiva rotina de estudos do corpo discente do CMPA, registrando e interpretando fatos que sucediam no decorrer do tempo, alheios ao dia de 1938 em que o Colégio Militar se extinguiria obrigando a *Revista* a adormecer temporariamente.

Após sua reabertura em 1962, militares e professores graduados, antigos alunos do final da década de 30, realizariam uma tentativa frustrada de recriar o periódico nos mesmos moldes de outrora. A *Hyloea*, contudo, despertaria de sua hibernação com novas aspirações, passando a ser uma revista a serviço da turma de formandos do novo Colégio Militar de Porto Alegre.

Tendo em vista o panorama contextual exposto, passaremos a apresentar os procedimentos metodológicos desta dissertação.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos considerando-se a articulação entre o referencial teórico, a contextualização, os objetivos da pesquisa e as perguntas norteadoras da investigação. Buscando suprir a demanda por estudos que visem a inserir a mulher como sujeito da história, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como se constrói discursivamente a imagem da mulher na *Revista Hyloea* entre os anos de 1922 até 1938, em ambiente, época e espaço de dominação masculina.

O estudo tem como objetivos específicos: a) analisar a imagem dessas mulheres através das contribuições textuais dos alunos do CMPA ou dos colaboradores da *Revista*; b) analisar o modo como as colaboradoras se representam a partir dos textos que produzem, c) comparar a imagem feminina revelada a partir dos textos escritos por eles com a imagem levantada a partir dos textos escritos por elas, a fim de verificar como cada enunciador, diante do mesmo cenário sociocultural, interpreta a noção de feminino.

Como perguntas norteadoras, esta investigação questiona: Como a mulher é representada discursivamente em textos produzidos na *Revista Hyloea*? Que imagens são produzidas sobre a mulher em textos assinados por homens? Que imagens são produzidas sobre a mulher em textos assinados por mulheres? Que relações dialógicas podem ser observadas entre as diferentes imagens da mulher reveladas em textos escritos por homens e textos escritos por mulheres?

Passemos a apresentar o levantamento das revistas entre 1922 e 1938, a seleção do material de análise e os procedimentos de análise.

3.2.1 Levantamento das revistas

O recorte cronológico das revistas analisadas é delimitado entre 1922 e 1938. Esse recorte justifica-se pelo fato de contemplar o único período da história da *Revista* em que ela se propôs a ter o caráter de um periódico literário totalmente produzido pelos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre.

Tendo em vista esse recorte cronológico, que ambientou a pesquisa entre os anos de 1922 e 1938, foi realizado o levantamento dos impressos existentes no acervo histórico do Colégio Militar de Porto Alegre, onde foram localizados 51 exemplares do total de 85 publicados, conforme registros anteriormente levantados por Pineda (2003) em seu trabalho.

3.2.2 Seleção do material de análise

Do montante coletado do corpus foram selecionados quatro textos, observando-se os seguintes critérios estabelecidos para análise: a) todos os escritos deveriam ter, como tema, a figura feminina; b) os escritos deveriam dialogar, direta ou indiretamente, entre si; c) dois deles deveriam ter autoria masculina, escritos por aluno ou colaborador, e os outros dois, autoria

feminina, escrito por colaboradoras da *Revista*; d) duas produções deveriam ter sido publicadas na década de 20 e duas na década de 30; e e) todos os escritos deveriam contemplar o mesmo gênero, no presente caso, narrativas curtas (crônicas).

Dessa forma, foram escolhidos os seguintes textos: “Chroniqueta Fútil”, de Breconet, e “Fútil Chroniqueta”, de Maria A., ambos escritos em 1925, e “O Ideal da Mulher”, de Helena Silveira, publicado em 1930, e “O Lar e a Mulher”, de Edison Vignoli, publicado em 1933.

3.2.3 Procedimentos de análise

Os dois primeiros textos, “Chroniqueta Fútil” e “Fútil Chroniqueta”, publicados em 1925, foram analisados em diálogo por serem um a resposta ao outro. Os outros dois textos, “O Ideal da Mulher”, de 1930, e “O Lar e a Mulher”, de 1933, também foram examinados em diálogo, porém a aproximação entre eles foi feita pela pesquisadora. Apesar de um não responder ao outro, como nas duas primeiras crônicas, “O Ideal da Mulher” e “O Lar e a Mulher”, dialogam entre si por versarem sobre o mesmo tema: a emancipação feminina, um assunto constantemente abordado nos escritos da época.

A análise do material selecionado contempla noções e/ou abordagens desenvolvidas na fundamentação teórica, e, a fim de uniformizar as análises, procurou-se seguir um roteiro articulando, em todos os textos, os mesmos conceitos eleitos, a saber: signo ideológico, relações dialógicas, incluindo a inter-relação entre discursos e entre interlocutores, acento valorativo em consonância com a entonação expressiva, apoio coral e imagem construída no discurso. Cada texto será analisado em um *continuum*, a partir do seu título, portanto, os conceitos podem se repetir na medida em que os exemplos forem sendo identificados.

A descrição de cada análise tem início com uma concisa apresentação da crônica e de sua autoria e finaliza com algumas observações sobre quais imagens são produzidas sobre a mulher no texto e como elas são construídas. Conforme já explanado no início deste trabalho, optou-se por manter, na cópia das crônicas, a mesma ortografia da época em que foram escritas. Tendo esclarecido o itinerário comum a ser seguido, partiremos agora às análises propostas.

4 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MULHER NA REVISTA *HYLOEA*: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA

Este capítulo, dedicado à análise dos textos selecionados, está organizado em três seções. A primeira apresenta as crônicas “Chroniqueta Fútil”, escrita por Breconet, e “Fútil Chroniqueta”, de autoria de Maria A., e ambas se encontram publicadas na *Revista Hyloea* de 1925. As análises desses dois primeiros textos são realizadas em diálogo, visto que uma responde a outra, diretamente. A segunda seção contém a análise das crônicas “O Ideal da Mulher”, de Helena Silveira, publicada na *Revista Hiléia*, de julho de 1930, e “O Lar e a Mulher”, de Edison Vignoli, publicada na *Revista Hyloea* de nº 1, de 1933. A aproximação entre as crônicas deve-se ao fato de ambas tratarem da emancipação feminina. A terceira seção consiste na discussão entre as análises a fim de responder pontualmente aos objetivos desta pesquisa, no que tange à construção discursiva da imagem na *Revista Hyloea*.

4.1 “CHRONIQUETA FÚTIL” E “FÚTIL CHRONIQUETA”

Apresentar as noções do feminino observáveis a partir da imagem discursiva que emana de diferentes vozes em um periódico produzido por alunos exige uma análise criteriosa do processo interacional estabelecido nos textos selecionados.

O primeiro e o segundo deles, “Chroniqueta Fútil”, de autoria de Breconet, e “Fútil Chroniqueta”, de Maria A., estão publicados, respectivamente, na edição conjunta de nº 2 e 3 e na edição de nº 5, ambas de 1925, e foram analisados conjuntamente por ser, como já mencionado, o segundo, a réplica do primeiro.

Após ambientar historicamente o contexto das duas crônicas, dando destaque à noção do feminino, vale lembrar que a época em que ambas foram escritas era vista como “os felizes anos 20”, tendo em vista a ascensão econômica pela qual o Brasil vinha gradativamente experimentando. Por outro lado, o mesmo período foi também considerado os “anos loucos”²³, devido a uma série de mudanças de valores que ocorriam no cenário mundial, dentre elas os movimentos em prol de direitos das mulheres. O período denominou-se, ainda, “geração perdida”, por causa do modo artificial e alienado daqueles jovens se portarem.

²³ Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/decada-de-1920-os-anos-loucos/> - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues. Acesso em: 3 dez. 2018.

Conforme abordado anteriormente, a moda e os costumes sociais sofreram grandes mudanças e o Brasil da década de 20²⁴, que absorveu boa parte dessas mutações sociais ocorridas nos Estados Unidos e na Europa, também experimentou inovações nos campos tecnológico e elétrico. Nosso país testemunharia, mais adiante, em 1929, além da modernização das fábricas, do rádio e do cinema falado, A Grande Depressão, considerada o pior e mais longo período de recessão econômica do século XX que eclodiria nos Estados Unidos e viria a trazer consequências ao Brasil, dentre elas a formação de uma nova sociedade. Sem abandonar o cultivo do café, que não tinha mais o seu maior comprador, os Estados Unidos, houve o incentivo, por parte do governo nacional, de acelerar as produções nos ramos da indústria e do comércio.

Voltando-nos à crônica, não podemos afirmar com certeza que a sua autoria “Chroniqueta Fútil” seja de um aluno do Colégio, visto que o nome “Breconet” sugere o uso de um pseudônimo e os pseudônimos poderiam ser utilizados tanto pelos alunos escritores como pelos escritores colaboradores.

01
02

CHRONIQUETA FUTIL **A CLOVIS TRAVASSOS**

03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

As mulheres!... Sempre as mulheres!...

Como somos fúteis em nos preocuparmos tanto com essas bonequinhas de salão que recitam, com os olhos romanticamente semi abertos, as frivolidades metrificadas de Oligario Mariano; que copiam mais ou menos desageitadamente os figurinos de Poiret e imitam os provocantes requêbros de quadril das Nitas Naldi dos “films” norte-americanos!

Como é lamentavelmente perdido o tempo que os homens passam a fazer sonetos de amôr, tentando traduzir em palavras o ardor de seus sentimentos, procurando ajustar uma alma dentro de catorze versos, si ellas, no intimo, a um alexandrino primorosamente burilado preferem o “five-o-clock-tea” em qualquer confeitaria elegante!

Longe vae o tempo em que o amor era tomado a serio e o das românticas entrevistas, indiscretamente espreitadas pela lua. Vivemos no grandioso século do “schimmy” e do “fox-blue” em que uma partida de “football” desperta mais sensação que uma declaração de amôr e em que um “film” de Valentino é sempre mais interessante que uma entrevista ao luar.

O “Jazz-band” é hoje uma instituição! Originário da Africa e aclimatado nos Estados- Unidos, tem a sua solidez assegurada por essas deliciosas florinhas de estufa, de cabelos cortados a “chien” e unhas esmeradamente brunidas, leitoras de Victor Marguerite e Marcel Prevost.

A conversação elegante e os ditos de espirito que, dando um profundo cunho de nobreza, foram ao mesmo tempo a maior atracção dos salões de outr’ora – brilham

²⁴ Conf. GARCIA, C. Anos 20. **Almanaque da Folha**. Banco de Dados da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/anos20.htm>. Acesso em: 3 dez. 2018.

28 pela ausência nas salas fartamente iluminadas do Grande Seculo. Hoje, quando
 29 ellas não discutem as possibilidades de um cavallo ganhar no próximo “grande-
 30 premio” fallam sem duvida no ultimo “Chiffon” de Paris.

Oh! Si Madame de Staël, que reunia em sua recepções o escól da intellectualidade da França, por ventura ressuscitasse só poderia ter, é certo, um único desejo – o de morrer novamente.

Breconet

(HYLOEA, nº 2 e 3, 1925)

A crônica é dedicada a uma pessoa em particular, Clovis Travassos, muito provavelmente alguém do convívio íntimo do locutor que, talvez na condição de testemunha ou de aconselhado, esteja sendo especialmente convidado a participar do discurso que está por vir. O discurso de Breconet dirige-se, contudo, a uma plateia composta de homens e mulheres. Desse público sairão seus aliados, despontarão seus cúmplices, aflorarão suas testemunhas, mas também despertarão seus discordantes, dentre eles uma mulher, Maria A., que ousou levantar-se e endereçar-lhe uma resposta, também no gênero crônica.

O enunciador inicia sua fala exclamando, “As mulheres!... Sempre as mulheres!” (l. 03). Esse enunciado, carregado de expressividade, levanta inicialmente uma expectativa sobre qual tipo de valoração será atribuída à palavra “mulheres”. Há várias opções estereotipadas, materializadas na consciência coletiva das pessoas de caracterizar a mulher e cada uma delas está representada por um signo ideológico.

A partir de nossas experiências sociais, sabemos que há a mulher amiga, a bondosa, a dedicada, a elegante, a justa, a mentirosa, a interesseira, a vaidosa, a encrenqueira. Na concepção bakhtiniana, aquilo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Nas palavras de Bakhtin, “tudo que é ideológico é um signo e sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 1981, p. 32). Cada definição possível de ser atribuída ao sujeito mulher origina-se no universo sociocultural do passado e revisita, continuamente, novos discursos. Aliás, vale lembrar que a maioria desses atributos elencados são contumazes nos escritos impressos na *Revista Hyloea* no período considerado nesta dissertação.

A refração é um fenômeno inerente ao signo ideológico. Seria vã a expectativa de que, em uma comunidade linguística constituída de grupos distintos, todos os indivíduos fizessem uso do mesmo signo, sem ressignificá-los, ignorando as vivências, particularidades, e avaliação ideológica de cada um. É sabido que fatores como cultura, ideologia e momento histórico são determinantes para definir o indivíduo no ambiente em que vive e determinar seu comportamento no engajamento de práticas sociais intermediadas pela linguagem. O confronto

de interesses em uma mesma comunidade semiótica também pode motivar a deformação e refração do ser.

Na medida em que o enunciador prossegue sua fala, percebe-se, no enunciado “Sempre as mulheres!” (l. 03), a intenção de apresentar, a seu modo, uma previsibilidade de atitudes que julga pertinentes ao universo feminino, dando um sentido negativo e reprovável a ele.

Conhecer os fatores sócio-culturais inerentes ao momento histórico em que as relações discursivas atuam auxilia na compreensão e análise do comportamento dos sujeitos envolvidos nessas interações. O enunciado, dialógico por natureza, constitui-se apenas como um elo na corrente discursiva e tem a capacidade de responder e ser respondido por outros enunciados, infinitamente. Como preza Bakhtin/Volóchinov (1992), a declaração, repleta de entonação, prolonga as que a antecederam, aguarda a compreensão dos interlocutores e polemiza com elas.

De acordo com a postulação bakhtiniana (2003), o ser humano existe a partir da convivência com o outro que, por sua vez, também deixa marcas em seu discurso. No exercício de antecipar o discurso alheio, o enunciador organiza o seu próprio.

No texto, o enunciador, na busca pela cumplicidade ideológica, decide separar, de um lado, as mulheres que considera frívolas, objeto de seu discurso e, de outro, os homens que julga serem vítimas da frivolidade delas, seus interlocutores. Nessa divisão, as mulheres são apresentadas como “bonequinhas de salão” (l. 04, 05), “deliciosas florinhas de estufa” (l. 20, 21), enquanto os homens são “fúteis” (l. 04) por se preocuparem com elas.

Para Bakhtin (2003), a carga emotiva, assim como o juízo de valor ou a expressão, não são inerentes à palavra isolada e somente ganham vida a partir do uso concreto dessa palavra no processo enunciativo, quando então ganham sentido. Dessa forma, apesar de predicados extra emocionais como “bonequinhas de salão” (l. 04, 05) e “florinhas de estufa” (l. 20, 21), praticamente não terem força argumentativa quando descontextualizados, presume-se, pela situação, que as expressões, mesmo não fazendo parte do vocabulário linguístico atual, produzem uma analogia entre os termos e os objetos decorativos, reforçando a imagem trivial da noção do feminino existente nas valorações socioculturais compartilhadas. Segundo Bakhtin (2003), as expressões utilizadas não são originárias da “neutralidade lexicográfica” estabelecida no sistema da língua, mas provêm de outras falas, de outros discursos e dirigem-se ao encontro do enunciador que então delas se apropria. De posse desses signos que lhes chegam já valorados de outras vozes discursivas, se apodera e faz uso deles, atribuindo-lhes novas significações. Comparadas às “bonequinhas de salão” (l. 04, 05), a figura da mulher é tida como um pequeno e frágil ornamento, um *bibelot*. Ela é um brinquedo de menina depositado em um espaço que não lhe pertence e que não lhe é seguro, afinal, as bonecas da época eram feitas de louça e uma

delicada peça de louça no meio de um salão em festa poderia facilmente se quebrar. Por outro lado, quando relacionada a “florinhas de estufa” (l. 20, 21), sua figura é novamente vinculada à fragilidade do seu ser. Sabe-se que para cultivar flores em estufas, é necessária observação cuidadosa em relação ao adubo, à temperatura e às formas de regar o plantio. A flor em estufa não se desenvolve sozinha, é preciso estar sob vigilância constante de alguém cuidadoso e responsável.

O autor do texto aparenta censurar certos comportamentos femininos através dos seguintes enunciados presentes em seu discurso: “frivolidades” (l. 06); “desajeitadamente” (l. 07); “imitam” (l. 07). Ao dizer que as poesias de natureza lírica, simples, correntia e romântica do poeta recifense Olegário Mariano continham “frivolidades metrificadas” (l. 06), Breconet alude que se tratam de futilidades transformadas em versos e que elas ingenuamente repetem. Quando diz que as moças “copiam mais ou menos desajeitadamente os figurinos de Poiret” (l. 05, 06) ou que “imitam os provocantes requebros de quadril das Nitas Naldi ²⁵ dos “films” norte-americanos!” (l. 06, 07), faz uma crítica à incapacidade da mulher em tentar ser original. Para o autor, a postura delas não é autêntica.

Na demonstração de atitudes femininas, como em “si ellas, no intimo, a um alexandrino primorosamente burilado preferem o ‘five-o-clock-tea’ em qualquer confeitaria elegante!” (l. 11-13), percebe-se a crítica velada à preferência das moças pelos costumes vindos do exterior que as fazem ignorar os cortejos dos rapazes.

Em “Longe vae o tempo em que o amor era tomado a serio e o das românticas entrevistas, indiscretamente espreitadas pela lua.” (l. 14, 15) o autor parece lamentar um comportamento que não mais existe, e cuja ausência é sentida e compartilhada por outros representantes do universo masculino, não significando um protesto individual seu. Volochínov (2011) compara esse fenômeno do subentendido coletivamente ao entimema da retórica aristotélica. Para o linguista russo, somente os sentimentos compartilhados no campo do consenso público podem pertencer às entrelinhas do enunciado e o romantismo dos flertes e a nostalgia que deixam na memória afetiva e na lembrança coletiva e se fazem presentes em qualquer momento histórico.

Na concepção volochinoviana (2011), sendo os enunciados dos entimemas socialmente objetivos, a recorrência dos fatores subentendidos será diretamente proporcional à amplitude do horizonte social partilhado pelos indivíduos. Assim, a constância dos aspectos não ditos está diretamente relacionada à ampliação do horizonte geral e do grupo social que lhe diz respeito.

²⁵ Nita Naldi foi uma atriz americana do cinema mudo durante os anos 20. Conf. NITA NALDI (verbete). **Filmow**. Disponível em: <https://filmow.com/nita-naldi-a188056>. Acesso em: 4 dez. 2018.

Há o subentendido da família, da classe social, dos dias. Nos limites da abrangência do discurso analisado, há o subentendido dos fatores que desvirtuam a atenção das mulheres: “five-o-clock-tea” (l. 12); “partida de ‘football’” (l. 16); “Jazz-band” (l. 19), obras de “Victor Marguerite e Marcel Prevost” (l. 22). Há o subentendido dos homens que se preocupam com as mulheres, do qual o autor faz parte: “Como somos fúteis em nos preocuparmos tanto com essas bonequinhas de salão” (l. 04). Há, também, o subentendido dos que perdem tempo com elas: “Como é lamentavelmente perdido o tempo que os homens passam a fazer sonetos de amor” (l. 09); “tentando traduzir em palavras o ardor de seus sentimentos” (l. 10); “procurando ajustar uma alma dentro de catorze versos” (l. 11).

Expandindo os horizontes, contudo, na abrangência sociocultural que gera a *comunidade das valorações*, coexistem os entimemas objetivos partilhados por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social. Nessa perspectiva mais ampla, cabe à enunciação “apoiar-se nos aspectos permanentes e estáveis da vida, e nas valorações sociais essenciais e básicas” (VOLÓCHINOV, 2011, p. 158-159, grifos do autor).

No universo das valorações subentendidas, sem necessidade de verbalização por estarem estabelecidas no interior de um juízo de valor coletivo, sedimentado como se fizesse parte de suas próprias qualidades, reside o estereótipo da mulher vaidosa, pouco confiável, previsivelmente volúvel: “As mulheres! Sempre as mulheres!” (l. 04).

No processo discursivo em tela, seu objeto, as mulheres, surgem revestidas de um juízo de valor que foi se construindo por meio de outros discursos com os quais o enunciador já teve contato; falas de outrem capazes de impactar e transformar seu pensamento interno e comprovar que não há neutralidade na língua. Na crônica analisada, observa-se, na enunciação “Longe vae o tempo em que o amor era tomado a serio e o das românticas entrevistas, indiscretamente espreitadas pela lua” (l. 14, 15), que o enunciador mostra-se resistente às transformações pelas quais os costumes sociais podem passar e dos quais as mulheres, a seu ver, fúteis como naturalmente são, acabaram por se renderem. Para o enunciador, o homem continua preocupado, romântico, com intenções sentimentais sérias e, conforme enuncia em (l. 23, 24, 25), apreciador dos bons costumes sociais: “A conversação elegante e os ditos de espirito que, dando um profundo cunho de nobreza, foram ao mesmo tempo a maior atracção dos salões de outr’ora – brilham pela ausência nas salas fartamente illuminadas do Grande Seculo.” Os padrões rigidamente estabelecidos e fortemente arraigados na sociedade machista parecem convencer a audiência do enunciador, deixando a mulher em visível posição de desvantagem.

É possível perceber, em um texto tão crítico às questões mundanas da frivolidade feminina, que nenhuma palavra associada ao termo é diretamente dirigida às mulheres. Em

“Como somos fúteis em nos preocuparmos tanto com essas bonequinhas de salão” (l. 4), o termo “fúteis” é atribuído aos homens, e em “bonequinhas de salão que recitam, com os olhos romanticamente semi abertos, as frivolidades metrificadas de Oligario Mariano” (l. 04, 05, 06), o vocábulo “frivolidades” associa-se aos versos do poeta pernambucano. Embora o discurso estabelecido na crônica não seja o reflexo direto da situação extraverbal, suas palavras fornecem pistas reveladoras da própria avaliação do evento da vida, em um fenômeno citado por Volochínov (2017) como refração. Assim, diferentemente do espelho, que reflete um objeto real, o discurso apresenta uma interpretação desse objeto, fornecendo uma imagem carregada de valorações.

De acordo com Volochínov (2011), as avaliações sociais presentes no discurso são concretizadas por meio de alguns elementos que este trabalho julga pertinente destacar na presente análise: a entonação, o apoio coral, a metáfora entonacional e a metáfora gestual. Todos esses aspectos convergem para o mesmo ponto: mostrar que a mulher, sentada no banco dos réus no teor dessa crônica, se engana ao se alienar ao supérfluo e ignorar a materialidade dos valores que lhe é ofertada pelo homem. A entonação é voltada a ela, assim como são as metáforas entonacional e a gestual. O apoio coral deverá ser conquistado no intuito de ajudar a convencê-la a mudar ou recriminar sua atitude.

O linguista aponta a entonação como a organizadora do julgamento de valor social na concretização do enunciado. Segundo ele (2011, p. 160) a entonação é a condutora da palavra para além das fronteiras verbais. Na crônica de Breconet, as entonações são principalmente pontuadas por exclamações, sendo a primeira delas: “As mulheres! Sempre as mulheres!” (l. 03). Mesmo apresentando um contexto verbal próximo que nos possibilita esclarecer o teor crítico dirigido ao feminino, essa entonação só se permite compreender por intermédio do compartilhamento das valorações subentendidas do grupo social que o rodeia. A entonação é dependente do contexto, no qual vai se construindo. É intrinsecamente social e encontra-se no limite entre o dito e o não dito, fato observado na passagem “Oh! Si Madame de Staël²⁶, que reunia em suas recepções o escól da intelectualidade da França, por ventura ressuscitasse só poderia ter, é certo, um único desejo – o de morrer novamente.” (l. 28 - 30).

Pelas poucas informações que o texto apresenta a seu respeito, presume-se que a escritora, Madame de Staël, também tenha sido uma intelectual influente no seu tempo, a ponto

²⁶ Madame de Staël foi uma romancista, ensaísta e crítica literária nascida na França em 1766. Conf. MADAME DE STAËL (verbete). **Netsaber Biografias**. Disponível em: <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-3168/biografia-de-anne-louise-germaine-neckers-baronesa-de-stal-holstein--madame-de-stal>. Acesso em: 5 dez. 2018.

de receber em sua residência colegas da mesma estirpe. As entrelinhas do discurso revelam, ainda, que a maioria dos participantes desse grupo era formada por homens, visto a sociedade intelectual ser majoritariamente masculina. O não dito evidencia, sobretudo, uma Madame de Staël profundamente envergonhada diante das atitudes femininas, caso estivesse viva.

Um fenômeno fundamentalmente associado à entonação é o apoio coral, localizado no social, além das fronteiras verbais, para onde ela se orienta, dirigindo a palavra na busca de aliados. Quando há falhas no processo de aceitação, a entonação diferenciada revela a tensão no discurso. Uma das questões observadas na crônica é a alusão que o enunciador faz aos “estrangeirismos” para criticar as preferências femininas: “films” (l. 08); “five-o-clock-tea” (l. 12); “schimmy” e “football” (l. 16); “Jazz-band” (l. 19); “chien” (l. 21); “Chiffon”(l. 27). Ao apresentar todos esses empréstimos linguísticos, o autor sugere a existência de uma dicotomia nas relações afetivas: o clássico, ligado aos homens, e o volúvel, relacionado às mulheres. O enunciador parece querer provar aos interlocutores que a mulher, ao optar pelas influências externas, modernas, que seduzem pela novidade, acaba por arriscar-se ao efêmero, ao passo que o procedimento tradicional representaria a segurança de uma escolha bem feita: “Longe vae o tempo em que o amor era tomado a serio e o das românticas entrevistas, indiscretamente espreitadas pela lua” (l. 14, 15).

Da mesma forma que a entonação, a metáfora entonacional, ligada à metáfora gestual, também conta com o apoio coral dos demais participantes. De acordo com Volochínov (2011), é possível perceber que o gesto manifesta-se implicitamente em vários momentos no texto, como na exclamação “As mulheres!... Sempre as mulheres!...” (l. 3), quando nos permitimos imaginar o enunciador com o dedo em riste a fazer julgamentos. O gesto tem a capacidade de fazer aflorar um terceiro participante na ação comunicativa que irá se manter em uma constante relação entre o enunciador e o coenunciador/interlocutor. A entonação lançada pelo enunciador poderá seguir o rumo do coenunciador, que aguarda na posição de aliado ou de testemunha, ou ainda ser orientada na direção do objeto da enunciação. Sendo a figura feminina o objeto (herói) da interação discursiva, presume-se que sua proximidade tanto com o enunciador quanto com o coenunciador seja motivada pela mesma convicção: defender-se das acusações recebidas. Todos os aspectos da entonação ganham um sentido atribuído por essa dupla orientação social.

Ao longo de “Chroniqueta Fútil”, o enunciador lança-se de toda sorte de subterfúgios na tentativa de apresentar ao seu auditório a melhor imagem de si. Demonstra-se preocupado com a fragilidade das “bonequinhas de salão” (l. 04) e com as “florinhas de estufa” (l. 20, 21) e deixa claro que as prefere frágeis (“*deliciosas* florinhas de estufa” (l. 20, 21, grifos nossos). Apresenta conhecimento cultural e linguístico acerca do poeta brasileiro Olegário Mariano, dos

escritores franceses Victor Marguerite, Marcel Prevost e Madame de Staël, a respeito da dançarina do cinema mudo estadunidense Nita Naldi, sobre os estrangeirismos ilustrados no discurso. Sabe discorrer sobre atores de cinema, ritmos de dança e corridas de cavalos.

A fim de causar uma boa impressão, mostra-se romântico: “Longe vae o tempo em que o amor era tomado a serio e o das românticas entrevistas, indiscretamente espreitadas pela lua.” (l. 14, 15). Novamente argumenta a favor da formalidade, do tradicional: “A conversação elegante e os ditos de espirito que, dando um profundo cunho de nobreza, foram ao mesmo tempo a maior atracção dos salões de outr’ora – brilham pela ausência nas salas fartamente iluminadas do Grande Seculo” (l. 23-25).

Analisando mais atentamente o discurso de Breconet, percebe-se que a imagem de homem inteligente, romântico e tradicional que o autor procura apresentar reflete, inconscientemente em sua enunciação, a figura de um sujeito receoso. Seu medo remete a algo que sobrepuja as consequências advindas da “modernidade” que a mulher experimenta diante das mudanças sociais enfrentadas na década de 20. Tratando-a como necessariamente frágil e facilmente suscetível, ele precisa, a todo custo, convencê-la dos riscos que corre ao decidir adentrar o perigoso rumo da leviandade e evitar, de alguma forma, que nesse passo ela encontre o caminho da sua liberdade.

Das inúmeras valorações possíveis que o signo ideológico “mulher” abarca em nosso universo sociocultural, o autor elege algumas para compor a imagem feminina que constrói em seu texto. A primeira dessas imagens é cercada de conotações negativas; é a mulher frívola, que já não se encanta com o amor e com os cortejos: “Longe vae o tempo em que o amor era tomado a serio e o das românticas entrevistas, indiscretamente espreitadas pela lua.” (l. 20, 21). É a mulher fútil que se volta às novidades advindas do exterior: “Vivemos no grandioso século do “schimmy” e do “fox-blue” em que uma partida de “football” desperta mais sensação que uma declaração de amôr e em que um “film” de Valentino é sempre mais interessante que uma entrevista ao luar” (l. 15-18).

Apesar dos termos “frívola” e “fútil” não se encontrarem encravados nos enunciados proferidos pelo locutor, seus sentidos encontram-se permeados em seu discurso. O mesmo acontece com a segunda imagem feminina construída no texto que contrapõe a primeira e surge como a figura almejada, desejável: a da mulher frágil, um signo ideológico que surge extraverbalmente, já valorado de outros discursos em enunciações como “bonequinhas de salão” (l. 04, 05) e “deliciosas florinhas de estufa” (l. 20, 21). Como postula Volóchinov (2011), “frágil” reside no senso comum das valorações sociais, um julgamento estável que vê a mulher como um ser sensível, dependente de proteção viril e máscula.

Passemos a observar a segunda crônica. Foi necessário aguardar apenas a publicação da edição seguinte da *Hyloea* para que os leitores ficassem a par da repercussão de “Chroniqueta Fútil”, escrita por Breconet nas edições nº 2 e 3 de 1925. A réplica veio dedicada a ele, tal qual bola que se lança de volta tão logo se recebe; seu título, “Fútil Chroniqueta”, de autoria de Maria A..

01

FUTIL CHRONIQUETA

02

(Ao chronista Brecónet, em resposta à sua “Chroniqueta Futil”)

03

Os homens! Sempre os homens!

04

Como somos ridículas em nos preocuparmos ainda com estes bonequinhos de cheiro, de cinturinha fina e costellets em ponta, com um feixe de mascotes a tinir no nó microscópico da gravata e que nos imitam, a nós mulheres, nos gestos, no trajar, nos olhares, nas maneiras e em tantas coisas mais!...

08

E como somos infelizes, sobretudo, na derrocada dos castelos que vimos construindo, confiantes, ingenuamente, desde o dia em que sentimos, dentro de nós, a transformação da menina na mulher!

11

Imaginamos nós, desde os nossos brinquedos de bonecas, para um futuro que há de vir, que sonhamos escondido entre as dobras do tempo, - imaginamos encontrar na vida, por uma espécie de atavismo, de herança das nossas mães primévas das idades de pedra, homens que, pelo seu todo physico e moral, pela sua superioridade muscular e orgânica, posso mesmo dizer sua brutalidade de compleição, sua fortaleza, exuberancia de força, de intelligência, de vida – nos dominem, protejam e amparem.

18

Sonhamos sempre com homens, ao lado dos quaes nós nos sintamos pequenas, muito frágeis, e os quaes possam, em havendo necessidade, nos amparar, com sua força, e proteger.

21

E o que nós vemos, nos tempos que vão correndo?

22

Vemos entes ridicularmente vestidos, n´uma imitação escandalósa de tudo o que em nós, mulheres, dizem ser ridículo e máo.

24

Vemos *homens* – que irrisão, sr. Breconet! – tão frágeis ou mais ainda do que nós, acinturados, apertados nas suas roupinhas elegantes, expondo unhas tão *esmeradamente brunidas* que nos causam inveja muitas vezes, cheios de pó de arroz, falando fino e com maneiras de andar genuinamente femininas.

28

São os *homens* de hoje, em uma grande maioria!

29

Pintam-se, até, por vezes!

30

E que amparo, pergunto, que protecção poderá dar a mim ou a qualquer outra um desses bibelots acarminados que só tem “Frou-Frou” e que suam frio, no Central, vendo as proezas equestres de um Tom Mix ou Carey?

33

Que protecção? Que amparo?

34

_ As mulheres se pintam! – clamam os moralistas.

35

_ E os homens?! – perguntamos nós.

36

A mulher, pela sua função *decorativa* – como querem alguns – tem, até certo ponto, o direito de se procurar enfeitar, embellezar, e fazer o mais attrahente quanto lhe seja possível.

39

Muitas d´ellas o fazem – por fraqueza de espirito umas, outras pelo desejo, innato n´ellas, de compartilhar, com as bellas, dos prazeres que lhe seriam vedados si ellas

41 se contentassem com as suas prendas naturaes – e se nós vemos uma parte dos
 42 homens protestar e se manifestar contra isso, vemos também uma outra parte,
 43 incontestavelmente maior, aplaudir, bater palmas, admirando as escandalosas
 44 *maquillages*.
 45 E não é fraca a mulher, como affirmam os homens todos?
 46 Então não será tanto de admirar que ella se submetta ao despotismo da Moda e a
 47 acompanhe em tudo.
 48 O que admita, o que é ridículo, é que os homens, superiores, tão fortes, procurem
 49 imital-a.
 50 É mais racional que uma melindrosa qualquer, de olhos fechados vá atraz de toda
 51 a Moda que appareça, do que vê o filho do sr. Ex-presidente Harding apparecer na
 52 alta sociedade americana com as sobranceiras pintadas de azul, querendo n’um
 53 indecente requinte de feminismo, ser o introdutor de tal innovação!
 54 Bella coisa, sem duvida, um Senhor Homem eleito Rainha da Moda!
 55 E é o que a mulher de hoje, encontra a cada passo!
 56 A mulher moderna lê Marcel Prevost e Victor Marguerite... o homem dos nossos
 57 dia nem isso lê!
 58 Ella discute o “grande- premio”.
 59 Elle discute a côr provável das gravatas da próxima estação...
 60 E ella tem razão em preferir as emoções de uma partida de “foot-ball”; - onde vê
 61 ao menos alguma demonstração de força e de masculinidade – ou d’um filme de
 62 Rodolfo Valentino – onde vê, atravez da phantasia tresloucada dos De Mille e dos
 63 Fitzmaurice, e embora na tela, alguma coisa que lhe fala do seu sonho; - tem razão
 64 em preferir isso a uma Revista romantica espreitada discretamente pela lua, onde
 65 ao em vez de encontrar um homem, iria achar um ridículo bibelot que só saberia
 66 conversar com ella a respeito do preço do carmim e do “Midget Cutex”...
 67 Oh! Eu já não falo de Madame de Stael! Mas si uma Jeanne d’Arc porventura
 68 resucitasse hoje, e fosse obrigada a commandar um exercito, e encontrasse homens
 69 como nós encontramos a cada passo, que usassem, sob a viseira, sobranceiras azuis
 70 e lábios cheios de rouge, não digo que desejasse morrer novamente, mas é certo
 71 que abandonaria lança e roupa de malha, desanimada, enojada, envergonhada...!
 72 Maria A.

(HYLOEA, nº 5, 1925)

Em sua crônica, Maria A., colaboradora da Revista, deixa claro, no início, tratar-se de uma réplica ao discurso de Breconet e, em uma atitude bem-humorada e ousada, costura seu texto nos mesmos moldes que o dele, tecendo, com tom muitas vezes irônico, uma série de críticas ao comportamento fútil masculino.

Para que se compreenda melhor a crítica da autora em relação à aparência pouco masculina dos homens, importante esclarecer que, assim como a moda²⁷ reinventou-se para as mulheres nos anos 20, em que os corpos em forma de ampulheta moldados por torturantes

²⁷ Disponível em: <http://modahistorica.blogspot.com/2015/05/a-moda-e-o-tempo-os-anos-1920.html>. Acesso em: 9 dez. 2018.

espartilhos ganharam soltinhos vestidos tubulares que deixavam a mulher com jeito de criança, também houve uma revolução na vestimenta masculina.

A mudança no trajar fez o homem perder o porte altivo que lhe conferia magnitude e autoridade. Os tons sóbrios foram aos poucos sendo substituídos por roupas de tecidos leves e de cores pálidas, como o branco, o castanho, o creme. Os paletós ficaram mais curtos, com corte mais estreito nos ombros, diminuindo a silhueta. As calças, com cintura alta, deixaram o porte mais juvenil, assim como o rosto, liso, sem barba. Com a chegada dos anos 20, o homem parecia rejuvenescer. Não raro na literatura, como nas obras de Fitzgerald e James Joyce, os personagens masculinos eram retratados como impulsivos, influenciáveis, psicologicamente fracos ou instáveis.

Maria A. inicia sua crônica enunciando: “Os homens! Sempre os homens!” (l. 03). Desta vez, o leitor, já sabendo tratar-se de uma resposta, antecipa que o sentido da palavra “homens” virá acentuado com valor de reprovação, e aqui a primeira previsibilidade possível de sua significação é a condenação da atitude de Breconet por ter exposto o comportamento das mulheres de forma negativa. Na expressão “Os homens! Sempre os homens!” (l. 03), é possível imaginar a entonação configurando-se através do levantar de braços e franzir de testa da enunciativa durante sua fala.

O contexto extraverbal, defendido por Bakhtin/Volóchinov (2011), é o que possibilita a compreensão do sentido como um todo do enunciado “Os homens! Sempre os homens!” (l. 03). Esse contexto é composto pelo horizonte espacial compartilhado, pelo conhecimento e compreensão comuns da situação e pela valoração desta situação compartilhada por ambos nas relações dialógicas. Os que se envolveram na leitura da crônica de Breconet conseguem compreender que o sentido da expressão “Os homens! Sempre os homens!” (l. 03) tem referência ao enunciado “As mulheres! Sempre as mulheres!” (l. 03, “Chroniqueta Fútil”) de sua autoria. Sabem, também, que o diálogo de Breconet lamenta a mudança de comportamento feminino, que o discurso atual é a sua contestação e entendem a valoração que ambos os textos atribuem ao tema; enfim, estão cientes da previsibilidade de comportamentos sugerida em ambos os enunciados.

Se na fala de Breconet os homens são apresentados como “fúteis” por se preocuparem com as mulheres, agora, na perspectiva da autora, são elas que deveriam se achar “ridículas” (l. 04) por se inquietarem com eles: “Como somos ridículas em nos preocuparmos ainda com estes bonequinhos de cheiro, de cinturinha fina e costelletsas em ponta, com um feixe de mascotes a tinir no nó microscópico da gravata e que nos imitam, a nós mulheres, nos gestos, no trajar, nos olhares, nas maneiras e em tantas coisas mais!...” (l. 04- 07). A valoração atribuída

ao enunciado, como se vê nas palavras “bonequinhos de cheiro” (l. 04, 05), “cinturinha fina” (l. 05), “nó microscópico da gravata” (l. 06), cria um efeito de ironia que polemiza com a imagem máscula que o universo masculino preza para si no coletivo das relações dialógicas. Palavras empregadas no diminutivo, “bonequinhos” (l. 04), “cinturinha fina” (l. 05) ou que representam o diminuto “microscópico” (l. 06), representam atitudes responsivas relativas aos homens; ironia manifestada também por meio do ato de pensar uma coisa e dizer outra, como na própria metáfora “bonequinhos de cheiro” (l. 04).

Mesmo que o termo “bonequinhos de cheiro” (l. 04) seja incomum no vocabulário atual, seu contexto evoca uma peça ornamental, utilizada para perfumar armários e gavetas, algo que, pela singeleza, pode ser utilizado como comparação a “bonequinhos de luxo”, enunciadas na crônica anterior. Tanto o objeto físico “bonequinhos de cheiro” como “bonequinhos de luxo” não desaparecem; eles continuam a existir no mundo concreto, mas suas representações se constituem, na fala, como pertencentes à cadeia discursiva ininterrupta e as imagens a que esses objetos são remetidos convertem-se em signos ideológicos.

Percebe-se que, no discurso da autora, entrecruzam-se vozes de outros discursos. Vozes prolongadas pelas que as antecederam, principalmente e com mais intensidade pelas evocadas por ela da crônica de Breconet que, por sua vez, também eram influenciadas por falas de discursos alheios, corroborando a teoria de Bakhtin/Volóchinov (2006, p. 99), que defende a prolongação dos discursos, a polêmica estabelecida entre eles, bem como sua previsão e antecipação a partir das experiências que trazem de outros dizeres.

A nova imagem de homem menos poderoso parece não agradar ao público feminino que cultiva desde cedo uma expectativa de encontrar um príncipe com quem possa se unir em matrimônio no futuro: “E como somos infelizes, sobretudo, na derrocada dos castelos que vimos construindo, confiantes, ingenuamente, desde o dia em que sentimos, dentro de nós, a transformação da menina na mulher!” (l. 08-10). A respeito do sentido dessa frase, vale dizer que em nenhum momento foi enunciada a palavra “casamento” ou “matrimônio” na crônica de Maria A.; porém, conforme Volóchinov (2011) postula, todo discurso contém valorizações subentendidas, aquelas que residem nas entrelinhas e não são enunciadas, mas que constituem um juízo de valor coletivo, como a união conjugal entre indivíduos de uma sociedade.

O matrimônio, instituição que legitima a união entre um homem e uma mulher, orbitava o imaginário das mulheres da década de 20 desde a infância, seja pelo sincero anseio de se casar, seja pela imposição cultural a qual tinham que se submeter. Em sua crônica, Maria A. refere-se ao enlace matrimonial como uma prática naturalmente aguardada que se transmite, segundo ela, ao longo das gerações; é algo tão previsível no destino das meninas que pertence

até mesmo ao universo das brincadeiras infantis: “Imaginamos nós, desde os nossos brinquedos de bonecas, para um futuro que há de vir, que sonhamos escondido entre as dobras do tempo, - imaginamos encontrar na vida, por uma espécie de atavismo, de herança das nossas mães primévas das idades de pedra [...]” (l. 11-14).

O ideal masculino é apresentado por meio de expressões com tons valorativos como “todo physico e moral” (l. 14), “superioridade muscular e orgânica” (l. 15); “brutalidade de compleição” (l. 15); “fortaleza, exuberancia de força, de inteligência, de vida” (l. 16, 17). São atributos físicos que, segundo a autora, já não combinam com a maioria dos homens da década de 20 e cuja função, tampouco correspondida, aparenta frustrar com a mesma intensidade: “- nos dominem, protejam e amparem” (l. 17).

A autora mostra-se porta-voz do coral de apoio que a circunda em suas enunciações, na expectativa de que se alie a ela ou testemunhe a situação: “Sonhamos sempre com homens, ao lado dos quaes nós nos sintamos pequenas, muito frágeis, e os quaes possam, em havendo necessidade, nos amparar, com sua força, e proteger” (l. 18-20). Apesar das críticas dirigidas ao comportamento volúvel das mulheres na crônica de Breconet, vê-se, pela valoração dos enunciados, que as mulheres não se desfizeram do sonho de se casar um dia. Tampouco parecem querer disputar com os homens a supremacia da força bruta; ao contrário, preferem se sentir “pequenas” e “muito frágeis” e protegidas por eles.

A enunciadora parece explodir em um riso nervoso ao apontar o esmero pelo qual os homens estão cuidando da aparência: “Vemos *homens* – que irrisão, sr. Breconet! – tão frágeis ou mais ainda do que nós, acinturados, apertados nas suas roupinhas elegantes, expondo unhas tão *esmeradamente brunidas* que nos causam inveja muitas vezes, cheios de pó de arroz, falando fino e com maneiras de andar genuinamente femininas” (l. 24-27). O uso da fonte de texto em itálico nas expressões “Vemos *homens*” (l. 24) sugere a marcação da entonação que permeia o discurso. Já o mesmo recurso em “*esmeradamente brunidas*” (l. 26) indica a apropriação do discurso de Breconet (l. 21 em “Chroniqueta Fútil”), atribuindo a ele uma nova valoração.

Em “Vemos *homens* – que irrisão, sr. Breconet! – tão frágeis ou mais ainda do que nós, acinturados...” (l. 24-25), a expressão assinalada “*homens*” (l. 24) sugere que seu tom valorativo não se enquadra com o sentindo másculo e forte que se espera dele. Por outro lado, sua entonação irônica indica que, aos olhos da autora, o homem não deveria ser um ser frágil.

No excerto “expondo unhas tão *esmeradamente brunidas* que nos causam inveja muitas vezes, cheios de pó de arroz, falando fino e com maneiras de andar genuinamente femininas.” (l. 24-27), a expressão “*esmeradamente brunidas*” encontra-se marcada por um acento

valorativo revelador de um homem desvirtuado de sua natureza viril e corajosa. O estranhamento causado por um homem mostrando “unhas tão *esmeradamente brunhidas*” justifica-se pelo fato de não ser esse um comportamento comum compatível aos homens da sociedade dos anos 20.

Esse modelo de homem delicado e assaz e preocupado com sua autoimagem, por não condizer com a figura masculina que transita nas entrelinhas do juízo de valor coletivo construído ao longo de sucessivas relações dialógicas compartilhadas entre os indivíduos, pode influenciar e definir as ações do coral de apoio em benefício da enunciativa.

Não sendo precursora do discurso que produz, a autora evoca vozes discursivas de outros discursos para justificar o seu, sabendo que poderá se apoiar nos signos valorados de outras falas, neles se apropriando e a eles atribuindo novas compreensões. Enunciações inicialmente vazias de sentido tornam-se valoradas após o entendimento do contexto extraverbal da situação. Essas valorações subentendidas habitam nas entrelinhas e que não necessitam ser enunciadas, visto que todo indivíduo, segundo Volochínov, possui seu próprio auditório social estável, construído ao longo da convivência com outros sujeitos, fruto de sucessivas relações dialógicas.

Ao longo de todo o enunciado, a autora assume uma postura defensora, militando em prol das mulheres criticadas na crônica de Breconet. Recorre, por vezes, como justificativa aos seus argumentos, à postura praticamente afeminada dos homens modernos. A virilidade masculina é posta em cheque em enunciações mordazes como: “E que amparo, pergunto, que protecção poderá dar a mim ou a qualquer outra um desses bibelots acarminados que só tem “Frou-Frou” e que suam frio, no Central, vendo as proezas equestres de um Tom Mix ou Carey?” (l. 30-32). O seu enunciado é, na verdade, o diálogo entre outros enunciados, entre o seu discurso e os de outrem e tudo sobre o que fala, já foi de alguma forma apreciado, questionado, polemizado ou valorado por outros sujeitos.

Enquanto Breconet vincula as imagens das “bonequinhas de salão” (l. 04, 05) aos objetos decorativos, valorados socialmente como “*bibelots*” sem, no entanto, fazer uso do termo, Maria A o faz aparecer duas vezes em seu discurso: “E que amparo, pergunto, que protecção poderá dar a mim ou a qualquer outra um desses bibelots acarminados...” (l. 30, 31); “[...] onde ao em vez de encontrar um homem, iria achar um ridículo bibelot...” (l. 65). Em seu contradiscurso, a locutora emprega a metáfora entonacional para mostrar que, na verdade, são os homens vistos como ornamentos decorativos e não as mulheres.

A autora reconhece que a função decorativa atribuída por Breconet às mulheres tem o apoio coral de uma parcela do público: “A mulher, pela sua função *decorativa* – como querem

alguns [...]” (l. 36). Mesmo assim, sai em defesa do direito dessas moças de se ornamentarem, procurando melhorar a aparência física, afinal, a seu ver, todas as mulheres têm o pleno direito de se sentirem mais bonitas. Em sua concepção, esse direito reside nas valorações socioculturais compartilhadas: “A mulher, pela sua função *decorativa* – como querem alguns – tem, até certo ponto, o direito de se procurar enfeitar, embellezar, e fazer o mais attrahente quanto lhe seja possível” (l. 36-38).

Para a autora, qualquer razão é justificável para a mulher assumir – “até certo ponto” – uma postura decorativa, seja pela fragilidade emocional, seja pela estética: “Muitas d’ellas o fazem – por fraqueza de espirito umas, outras pelo desejo, innato n’ellas, de compartilhar, com as bellas, dos prazeres que lhe seriam vedados si ellas se contentassem com as suas prendas naturaes” (l. 39-41).

A parcela masculina que compreende e aprova o desejo feminino de parecer mais atraente é convocada a participar do debate, aumentando, dessa forma, o seu apoio coral: “– e se nós vemos uma parte dos homens protestar e se manifestar contra isso, vemos também uma outra parte, incontestavelmente maior, aplaudir, bater palmas, admirando as escandalosas *maquillages*” (l. 41-44).

A enunciadora afirma não entender como o fato da mulher se render aos apelos da moda pode irritar tanto os homens que as consideram “fracas” se, em sua opinião, a própria condição de fraqueza leva à escravidão às novas tendências: “E não é fraca a mulher, como affirmam os homens todos? Então não será tanto de admirar que ella se submetta ao despotismo da Moda e a acompanhe em tudo” (l. 45-47). Além da intenção de se embelezar, outra atitude aceitável, do ponto de vista da cronista, é o de seguir a moda. Mas desde que essas pessoas sejam do sexo feminino; caso contrário, isso se torna uma prática reprovável: “O que admita, o que é ridículo, é que os homens, superiores, tão fortes, procurem imital-a.” (l. 48, 49).

O discurso de Maria A. segue pontuando mais especificadamente cada aspecto criticado por Breconet. Ela compara a “racionalidade” frívola de uma melindrosa a uma situação envolvendo o 29º Presidente dos Estados Unidos, Warren Harding (situação hipotética, pois o ex-presidente não teve filhos homens e a referência de seu nome aqui pode ter sido pelo elevado grau de autoridade que transmitia em sua época): “É mais racional que uma melindrosa qualquer, de olhos fechados vá atrás de toda a Moda que appareça, do que vêr o filho do sr. Ex-presidente Harding apparecer na alta sociedade americana com as sobranceiras pintadas de azul, querendo n’um indecente requinte de feminismo, ser o introdutor de tal innovação!” (l. 50-53).

Conforme postula Bakhtin (2009), a palavra, sendo um fenômeno ideológico, assume a função de signo. Essa ideologia desenvolve-se primeiramente no processo de socialização dos indivíduos para só mais tarde então se estabelecer no organismo individual e na fala interior. Sendo assim, analisando a comparação feita por Maria A., percebe-se que ela relaciona o signo “melindrosa” à mulher que deseja seguir a moda, atitude que define como “racional”. No seu entender, há uma íntima e coerente conexão entre ser “melindrosa” e seguir a moda, relação que também é valorada coletivamente.

Não concebível por ela, contudo, é o filho de uma pessoa influente como o de um ex-presidente americano, querer fazer uso de sua autoridade (ou a de seu pai) no intuito de ditar novos padrões de comportamento. A autora critica os homens de “superioridade muscular e orgânica” (l. 15) que se transformaram em “entes ridicularmente vestidos” (l. 22). Da mesma forma, recrimina o desejo do “Senhor Homem” (l. 54) em querer assumir um papel dito feminino: “Bella coisa, sem duvida, um Senhor Homem eleito Rainha da Moda!” (l. 54).

Bakhtin (2009, p. 41) pontua que a palavra tem a capacidade de registrar cada fase das mudanças sociais, mesmo as mais íntimas e passageiras. As transformações ocorridas na década de 20 parecem ter afetado homens e mulheres de formas distintas. É possível aferir, através do discurso de Maria A., que as mulheres de sua crônica, apesar do descontentamento com as mudanças físicas e comportamentais ocorridas no universo masculino, parecem estar muito a vontade com as alterações em seu próprio mundo; fato também observado na crônica “Chroniqueta Fútil”. No entanto, não se vê o mesmo contentamento na avaliação de Breconet em relação aos próprios homens, que continuam a fazer sonetos sem o interesse delas em lê-los: “Como é lamentavelmente perdido o tempo que os homens passam a fazer sonetos de amôr, tentando traduzir em palavras o ardor de seus sentimentos” (l. 09, 10).

Maria A. atribui um acento valorativo positivo ao envolvimento das mulheres em outros afazeres, alegando a falta de interesse dos homens em cumprirem seus papéis másculos e protetores: “Sonhamos sempre com homens, ao lado dos quaes nós nos sintamos pequenas, muito frágeis, e os quaes possam, em havendo necessidade, nos amparar, com sua força, e proteger”. Maria A. explica o envolvimento delas em outros afazeres alegando a falta de interesse deles em serem másculos e protetores: “Sonhamos sempre com homens, ao lado dos quaes nós nos sintamos pequenas, muito frágeis, e os quaes possam, em havendo necessidade, nos amparar, com sua força, e proteger”.

A enunciadora envolve-se em um exercício de construção de sua autoimagem, associada a de outras mulheres, ao mesmo tempo que tenta desconstruir a imagem do seu interlocutor, autor da primeira crônica. Para isso, aponta as vantagens da mulher moderna, que pode se

envolver com assuntos e atividades diversos, até mesmo os considerados de trânsito estritamente masculino. Ela ainda justifica suas atitudes de mulher atual com convicção, sem associar essas práticas à necessidade da presença dos homens em sua vida: lê, discute a moda, assiste a filmes, à corrida de cavalos, ao futebol.

Em “Chroniqueta Fútil”, Breconet observa que a mulher lê, no entanto, inserindo esse hábito em uma lista de valorações fúteis em sua enunciação, acaba tornando essa prática frívola também: “[...] de cabelos a “chien” e unhas esmeradamente brunidas, leitoras de Victor Marguerite e Marcel Prevost” (l. 18, 19, 20). Além do mais, deixa subentendido um certo menosprezo pelo tipo de leitura que escolhem.

Em “Fútil Chroniqueta”, Maria A. replica que a mulher “moderna” lê e reclama que o homem não cultiva o mesmo costume, dando a entender que, por esse motivo, não deveria sequer criticá-la: “A mulher moderna lê Marcel Prevost e Victor Marguerite... o homem dos nossos dia nem isso lê!” (l. 56, 57).

Breconet lamenta as mulheres voltarem suas atenções para as corridas de cavalos e, novamente, nas entrelinhas, compara essa atividade com o envolvimento delas nas frivolidades da moda: “Hoje, quando ellas não discutem as possibilidades de um cavalo ganhar no próximo ‘grande-premio’ fallam sem duvida no ultimo ‘Chiffon’ de Paris.” (l. 25-27). Maria A. rebate a crítica de Breconet e diz, nas entrelinhas, que os homens podem ser tão, ou ainda mais fúteis do que as mulheres: “Ella discute o “grande- premio”. Elle discute a côr provável das gravatas da próxima estação...” (l. 58, 59).

O autor de “Chroniqueta Fútil” apresenta uma mulher que se rendeu aos estrangeirismos a fim de confirmar o seu caráter superficial: “Vivemos no grandioso século do “schimmy” e do “fox-blue” em que uma partida de “football” desperta mais sensação que uma declaração de amor e em que um “film” de Valentino é sempre mais interessante que uma entrevista ao luar.” (l. 16-18). Em contrapartida, a autora vem em defesa da mulher que gosta de assistir às partidas de futebol com o intuito de, somente dessa forma, poder ver homens másculos: “E ella tem razão em preferir as emoções de uma partida de “foot-ball”; - onde vê ao menos alguma demonstração de força e de masculinidade” (l. 60, 61).

Maria A. alega que os românticos filmes que assiste são um pretexto para se entregar ao platônico sonho de se relacionar com o homem másculo e viver esse amor idealizado: “- ou d’um filme de Rodolfo Valentino – onde vê, atravez da phantasia tresloucada dos De Mille e dos Fitzmaurice, e embora na tela, alguma coisa que lhe fala do seu sonho” (l. 61-63). A insistência da locutora em enaltecer a natureza máscula dos homens.

Para a enunciadora, a mulher que descarta um romance ao luar por saber que não encontrará um homem à sua espera, mas sim um “ridículo bibelot”, está perdoada de sua desfeita: “- tem razão em preferir isso a uma revista romântica espreitada discretamente pela lua, onde ao em vez de encontrar um homem, iria achar um ridículo bibelot que só saberia conversar com ella a respeito do preço do carmim e do ‘Midget Cutex’...” (l. 63-66).

Enquanto Breconet defende a posição feminina como a de um frágil ornamento a ser apreciado, um *bibelot*, Maria A. desqualifica o homem que se coloca nessa função (“ridículo *bibelot*”), cuja única intenção é a de enfeitar. Cada vez que Maria A. rebate as críticas de Breconet em relação ao que ele aponta como futilidade feminina, ela parece lançar, no universo extraverbal, suas justificativas para que o leitor tire suas próprias conclusões e escolha ficar ao seu lado. Novamente percebe-se que a mesma palavra é utilizada de forma ambígua pelos dois locutores. Para Breconet, “bibelot” recebe um acento valorativo positivo, já que, em sua concepção, deveria ser um dos papéis desempenhados pela mulher. Para Maria A., a mesma palavra, utilizada para descrever a atitude masculina, reveste-se de um tom depreciativo.

Em suas considerações finais, Maria A. evita falar de Madame de Stäel. Em vez disso, cita Joana D’Arc, heroína militar francesa que, em uma analogia ao texto de Breconet, desistiria de lutar ao ver seus comandados prontos para a guerra com vestes e trejeitos tão efeminados: “Mas si uma Jeanne d’Arc porventura resucitasse hoje, e fosse obrigada a commandar um exercito, e encontrasse homens como nós encontramos a cada passo, que usassem, sob a viseira, sobranceiras azuis e lábios cheios de rouge, não digo que desejasse morrer novamente, mas é certo que abandonaria lança e roupa de malha, desanimada, enojada, envergonhada...!” (l. 67-72).

A escolha da imagem da combatente francesa por alguém que condena a aparência pouco viril dos homens aparenta, a princípio, ser inusitada, por se tratar de uma mulher ocupando uma função máscula (Joana D’Arc já lutou de cabelos curtos e vestes masculinas). Contudo, ao analisar a presença de Madame de Stäel na crônica de Breconet, observa-se que esta também se tratava de uma mulher com comportamento masculino: convidar a elite culta da sociedade para reuniões das quais ela também participava, algo raro para as mulheres da sua época. Entre uma e outra, é possível que a autora tenha se espelhado na mais guerreira delas para justificar seus argumentos.

No decorrer de “Fútil Chroniqueta”, a enunciadora procurou valer-se de estereótipos sociais na construção de uma imagem feminina favorável diante de seus interlocutores. Mostrou que as mulheres continuam frágeis e sonhadoras, em busca de um amor digno de seus sentimentos e ilusões. A fim de se defender das acusações feitas, buscou amparo nas causas que

a motivaram a mudar seu comportamento, ou seja, mostrou que essas mudanças foram motivadas, de fato, pelas transformações vividas pelos homens.

Da crônica de Breconet é possível depreender uma mulher superficial, rendida às influências que chegam de fora (corrida de cavalos, futebol, filmes, dança, livros, tendências de moda) e pouco interessada no romantismo e proteção ofertados pelo homem. A imagem construída pelo locutor não condiz com a da mulher que ele considera idealizada: frágil, romântica, digna de ser apreciada como um *bibelot*. Maria A., por outro lado, aposta na figura feminina apreciadora dos prazeres citados acima que, pelo visto, deveriam ser de uso exclusivo do universo masculino. A locutora constrói, ao longo de sua prática discursiva, a imagem de uma mulher sonhadora, desejosa de encontrar o amor verdadeiro nos braços de um homem viril que a “domine, proteja e ampare” (l. 17), contudo, se vê frustrada em suas expectativas pois a imagem que ela constrói do homem é tão idealizada quanto a imagem que o homem constrói dela.

A próxima análise diz respeito à crônica “O ideal de mulher”, escrita pela colaboradora Helena Silveira em 1930 e será seguida pela análise do texto “O lar e a mulher”, de autoria de Edison Vignoli, publicado em 1933. Apesar das crônicas não dialogarem diretamente entre si, a aproximação entre elas deve-se ao tema da emancipação feminina, tratado por ambas.

4.2 “O IDEAL DA MULHER” E “O LAR E A MULHER”

Diante de todo o controle sobre as matérias que chegavam à redação da *Revista Hyloea* para serem publicadas, surpreende a divulgação do texto de Helena Silveira que, em 1930, colaborando na *Revista* somente esta vez, escreveu sobre assuntos deveras polêmicos para uma época em que a abnegação feminina era uma norma de conduta consolidada pela sociedade.

Em uma crônica intitulada “O ideal da mulher”, merecedora de ser alçada ao patamar dos textos atemporais, a autora versa a respeito de questões concernentes à igualdade de direitos entre homens e mulheres, nos campos profissional e educacional, tema tão recorrente em nossos dias, mas considerados tabus no início do século XX.

01

O IDEAL DA MULHER

02 Antes, muito antes que as mulheres conseguissem o direito de voto, em alguns
 03 países adiantados, já a revolução progressista do feminismo se vinha acentuando
 04 e, com o correr dos tempos, tornou-se um facto real, incontestável. Ao lado dessa
 05 evolução ascendeu lentamente o novo ideal da mulher.

06 No seu primeiro momento, o feminismo rastejava; hoje, avança a passos de
 07 gigantes. O lar constituía antigamente a única origem de esperança para a maior
 08 parte das donzellas. Agora, em pleno fulgor da electricidade e do rádio, no século
 09 em que os aviões rasgam os céos como soberbas aves paleontológicas; agora que o
 10 Polo é explorado em submarinos e que nações mais poderosas do mundo se alliam
 11 em magníficos tratados de humanidade, agora já não são raras as jovens que
 12 procuram galgar a montanha escabrosa da sciencia, alargar os horizontes
 13 femininos, até então quasi limitados pelo circulo enganador dos preconceitos
 14 sociaes.

15 Uma nova estrela brilhou na constelação do raciocínio; a mulher viu essa luz e
 16 conheceu a necessidade de saber; procurou ella própria dar expansão à sua
 17 intelligência, dilatando suavemente o vasto campo da instrucção, tantas vezes
 18 descurado e maltratado pela aridez dos conhecimentos. Hoje, não somente o lar
 19 compreende esse ideal.

20 A par dos encargos que lhe são confiados na qualidade de esposa e mãe, e que
 21 constituem a obrigação primordial da mulher, ella quer alçar o pensamento atravez
 22 dos outros centros de actividade, buscando ahi, inspirada sempre no mais elevado
 23 sentimento, a realização de um ideal que no lar não lhe fora dado alcançar. E é por
 24 isso que, dilatando a vista pelos paizes mais civilizados não é raro encontrar-se hoje
 25 senhoras no desempenho de altas funções sociaes, econômicas e politicas, ás
 26 quaes emprestam um brilho que talvez o homem não pudesse dar. Basta citar os
 27 Estados Unidos, incontestavelmente a nação mais poderosa do mundo no momento
 28 actual, que bem cedo compreendeu que não só para o lar fôra feita a mulher.

29 E é com grande desvanecimento que lemos a cada instante nos jornaes a eleição de
 30 senhoras às mais altas investiduras daquela Republica. Muito longe teríamos que
 31 ir se procurássemos mencionar todos os postos elevados que a mulher tem logrado
 32 desempenhar. Mas o que podemos affirmar é que não existe hoje um só ramo de
 33 actividade humana, tanto no domínio das artes como na mechanica e da sciencia
 34 em geral, em que ella não tenha tomado parte integrante, sempre com os resultados
 35 mais benéficos e eficientes.

36 Cresce, dia a dia, o numero das mulheres instruídas, e feliz daquella cuja cultura
 37 intellectual lhe permite manter uma certa independência pessoal. Feliz da mulher
 38 que pôde prescindir do casamento por conveniência, esse abysmo insondável que
 39 há de eternamente tragar a felicidade feminina.

40

Helena Silveira

41

(Hiléia, julho de 1930)

42

Em seu discurso, Helena Silveira discorre acerca da mudança de pensar e enxergar o mundo sob uma nova ótica: a do feminismo; uma transformação libertadora, motivada em um mundo exterior e mais evoluído que o dela. Sob essa nova perspectiva, a autora trata das lutas feministas, da emancipação da mulher, do direito ao voto e da ocupação de lugares de poder.

Valendo-se de palavras recheadas de conteúdo, expressividade e significação ideológicas, como requer Volóchinov (2017), a autora vai organizando seu pensamento, costurando sua fala, enquanto seus enunciados lidam com outros enunciados, em um mosaico

de discursos alheios. Nesse jogo de ampliação das inscrições utilizadas em seus dizeres, ela antecipa reações ativas de compreensão, respondendo-as e polemizando com elas.

A palavra “feminismo”, que a enunciativa elege algumas vezes para compor seus argumentos, apresenta-se como um signo ideológico que, a cada uso, é valorado em diálogo com os aspectos socioculturais do contexto que lhe deu origem. O uso concreto da palavra “feminismo”, no primeiro parágrafo do texto (l. 03), é valorado como uma revolução em andamento: “já a revolução progressista do feminismo se vinha acentuando” (l. 03). Tal orientação expressiva se concretiza continuamente, tendo em vista a expressão “correr dos tempos” sugerir pressa: “com o correr dos tempos, tornou-se um facto real, incontestável” (l. 04). Em “No seu primeiro momento, o feminismo rastejava” (l. 06), o termo em questão é acentuado valorativamente como uma ideia embrionária, inicial; um projeto que se relaciona a uma condição temporal que ainda não lhe é favorável. Já em “hoje, avança a passos de gigantes” (l. 06, 07), o feminismo finalmente consegue se firmar, sem cogitar um retrocesso.

Com base na teoria bakhtiniana (2009), que defende que a palavra nasce e se desenvolve no processo de socialização dos sujeitos, vemos que, em cada situação de emprego do signo “feminismo”, sua valoração é distinta e por isso a análise sobre a imagem da mulher faz-se necessária no enunciado concreto, no uso da palavra em situação específica. No caso em foco, pode-se dizer que o feminismo de ontem era moroso; o de hoje, veloz, libertador e, por estar em curso (“*avança a passos de gigantes*”, l. 06, 07, grifo meu), é promissor.

A potencialidade do signo ideológico “feminismo” é observada na cadeia discursiva da crônica, quando, por exemplo, a enunciativa associa o feminismo a sua capacidade de direcionar a mulher para fora de casa, onde ela poderá se beneficiar das conquistas tecnológicas: “Agora, em pleno fulgor da electricidade e do rádio, no século em que os aviões rasgam os céos como soberbas aves paleontológicas; agora que o Polo é explorado em submarinos e que nações mais poderosas do mundo se alliam em magníficos tratados de humanidade” (l. 08-11). Mesmo que não haja referência ao universo masculino nessa passagem do texto, subentende-se, pelo juízo de valor coletivo, que são os homens os inventores e grandes desfrutadores de suas invenções. A elas, conforme o próprio dizer da autora, antes do advento do feminismo, somente lhes restava o encarceramento da vida doméstica: “O lar constituía antigamente a única origem de esperança para a maior parte das donzelas” (l. 07, 08).

Bakhtin, em *Os gêneros do discurso* (2011, p. 290), afirma que “A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe”. A entonação, que não diz respeito somente ao aspecto vocal-fônico das palavras, como altura e modulação de voz, por exemplo, atua diante do que as palavras não são capazes de

dizer, cumprindo a missão basilar de atribuir sentido aos enunciados, facilitando a compreensão do interlocutor.

A entonação pode se manifestar de formas variadas na esfera das relações sociais. Na crônica “O ideal da mulher”, ela pode ser percebida na repetição do advérbio “agora” no mesmo parágrafo (l. 08, 09 e 11), como um recurso para mostrar ao interlocutor que a situação da mulher mudou e que já é capaz de acompanhar o progresso vigente: “agora já não são raras as jovens que procuram galgar a montanha escabrosa da sciencia, alargar os horizontes femininos, até então quasi limitados pelo circulo enganador dos preconceitos sociaes.” (l. 11-14). Embora seja possível observar que a cronista valora como crívado de preconceito social (“circulo enganador”, l. 12) os horizontes femininos, ela ressalta a coragem da mulher em enfrentar e ter êxito frente a desafios que tradicionalmente eram reservados aos homens: “galgar a montanha escabrosa da sciencia” (l. 11).

A busca pela igualdade de direitos é um caminho sem volta. A “luz” (l. 16) representa o clique, o gatilho; a descoberta da sua capacidade de inserção social: “A mulher viu essa luz e conheceu a necessidade de saber”. Mais uma vez ela apresenta o reconhecimento pela dificuldade de se ajustar aos novos padrões conquistados pela modernidade: “procurou ella própria dar expansão à sua intelligência, dilatando suavemente o vasto campo da instrucção, tantas vezes descurado e maltratado pela aridez dos conhecimentos” (l. 16-18). O contexto sociocultural da época em que o texto foi produzido nos esclarece que eram poucas as mulheres da década de 30 que frequentavam os bancos escolares. Quando o faziam, estudavam o conteúdo básico que pudesse ser útil na administração da casa.

As enunciações “refletem” a experiência social, formadora da consciência e com a qual o indivíduo interage com o mundo; por outro lado, mesmo inserido na mesma comunidade, o sujeito revela seu próprio posicionamento acerca do que diz, ou seja, suas enunciações também “refratam”. Como afirma Bakhtin (1992, p. 47), “[...] toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras”, nem sempre as percepções e ideias do enunciador corresponderão às necessidades, valores, interesses e emoções do coletivo social. Na crônica, a enunciativa utiliza-se do signo ideológico “lar”, que reflete o senso comum da “família”, mas o ressignifica. O “lar”, para a autora, assemelha-se à prisão, ao cerceamento da liberdade e é dessa forma refratado.

Nessa refratação, Helena Silveira faz aflorar um terceiro participante na ação comunicativa: o herói, entidade autônoma, objeto do enunciado. Importante ressaltar que, na tentativa de despertar a empatia do seu auditório, ela sugere, nas entrelinhas de sua fala, que há

mais sujeitos, além do lar, ou dos que vivem nele, dispostos a compreender o seu ideal: “Hoje, *não somente* o lar compreende esse ideal” (l. 17 18; grifos nossos).

Corroborando o preceito de Bakhtin/ Volóchinov (2006, p. 99) que preza que toda inscrição polemiza e antecipa reações ativas de compreensão prevendo suas respostas, Helena Silveira procura usar do mesmo subterfúgio em seu discurso. Para isso, ela presume a resposta do seu opositor (interlocutor), numa tentativa de se precaver de sua provável reprovação, e captar o nível de aceitação do coral de apoio, frente à imagem de mulher emancipada que está buscando construir. Assim, no mesmo enunciado destacado acima, a autora recorre ao signo “lar” cuja dimensão axiológica remete à família, e, mesmo ciente de que haverá um julgamento do senso comum à figura feminina que anseia pela liberdade, ela ainda assim resolve arriscar uma aliança com o coral de apoio em benefício das necessidades de sua luta: “A par dos encargos que lhe são confiados na qualidade de esposa e mãe, e que constituem a obrigação primordial da mulher, ella quer alçar o pensamento atravez dos outros centros de actividade, buscando ahi, inspirada sempre no mais elevado sentimento, a realização de um ideal que no lar não lhe fora dado alcançar.” (l. 19-23)

Observamos pela valoração do enunciado, a seguir destacado, que a autora reconhece como uma função “primordial” da mulher, como “esposa e mãe”, ser gestora do lar: “A par dos encargos que lhe são confiados na qualidade de esposa e mãe, e que constituem a obrigação primordial da mulher” (l. 20, 21). No entanto, há uma ênfase valorativa no que se refere à disposição da mulher em encarar o desafio de transpor as barreiras impostas por essas funções que limitam seu potencial: “ella quer alçar o pensamento atravez dos outros centros de actividade, buscando ahi, inspirada sempre no mais elevado sentimento, a realização de um ideal que no lar não lhe fora dado alcançar” (l. 21-24).

Ao enunciar que deseja dedicar-se a outras tarefas além das pertinentes ao universo doméstico “inspirada sempre no mais elevado sentimento” (l. 22, 23), Helena Silveira entoa, num gesto metafórico, a promessa de estar sendo fidedignamente bem intencionada no sentido de não cogitar descumprir suas obrigações em detrimento do gozo de uma maior liberdade.

No sentido de atribuir veracidade e apoio a sua fala, a enunciativa apresenta as inovações tecnológicas – “electricidade”, “radio” (l. 08); “aviões” (l.09); “submarinos” (l. 10) – dos países que considera modernizados. Esse é o caso de países como os Estados Unidos que ela julga terem se rendido ao feminismo e onde as mulheres já ocupam posições de destaque pelas quais lutaram: “Basta citar os Estados Unidos, incontestavelmente a nação mais poderosa do mundo no momento actual, que bem cedo compreendeu que não só para o lar fôra feita a mulher” (l. 24-29).

Os feitos das mulheres que alcançam a projeção almejada são amplamente enaltecidos pela autora: “É com grande desvanecimento que lemos a cada instante nos jornaes a eleição de senhoras às mais altas investiduras daquela Republica” (l. 31, 32); “Muito longe teríamos que ir se procurássemos mencionar todos os postos elevados que a mulher tem logrado desempenhar” (l. 31-33). As expressões “altas investiduras” (l. 31) e “postos elevados” (l. 32), por exemplo, são lançadas repletas de entonação pela enunciadora e seguem em duas direções: uma ao encontro do interlocutor, que pode ser seu aliado ou testemunha, e a outra orientada ao objeto da enunciação, uma nova entidade que se personifica no discurso.

Talvez o terceiro participante da ação comunicativa que se manifesta na interação discursiva sob o gatilho da entonação não provoque tanta polêmica como nas passagens em que a competência da mulher é colocada em destaque quando comparada à dos homens: “[...] não é raro encontrar-se hoje senhoras no desempenho de altas funções sociaes, econômicas e politicas, ás quaes emprestam um brilho que talvez o homem não pudesse dar” (l. 24-27).

Bakhtin/Volóchinov (2017) atenta para a premissa de que a subjetividade é intrinsecamente social; isso significa que, mesmo o sujeito não dispondo de completa autonomia nas relações dialógicas, ele não precisa se render passivamente ao julgo das forças sociais. Segundo a postura bakhtiniana, “[...] os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN, 2006, p. 111). O indivíduo convive entre o individual e o coletivo, mas suas posições sempre se orientam às normas do pensamento linguístico da coletividade.

Na crônica, o discurso de Helena Silveira tensiona, na verdade, o discurso de toda uma classe dominante, a machista, acostumada a ver a mulher inserida em um modelo que, enraizado no inconsciente coletivo, é tido como natural: o de dona de casa. Em seu contradiscurso, a autora, aliada ao apoio coral que também defende as mesmas causas que as suas, confronta suas queixas sobre emancipação feminina, conquista no mercado de trabalho, direito ao estudo e não obrigatoriedade do casamento com a dos valores ideológicos já enraizados na sociedade.

Há uma ênfase valorativa no enunciado em que a cronista afirma: “[...] não existe hoje um só ramo de actividade humana, tanto no domínio das artes como na mechanica e da sciencia em geral, em que ella não tenha tomado parte integrante, sempre com os resultados mais benéficos e efficientes” (l. 33 – 36). A construção discursiva mostra a imagem de uma mulher que não só passou a ocupar espaços importantes na sociedade, como na mecânica e nas ciências, antes lhe negados, como também se destacou neles.

Se em nossos dias atuais o direito ao estudo contém uma valoração relacionada às boas escolhas profissionais e consequente garantia de independência financeira, para a autora, em 1930, representa uma carta de alforria que a desvincula da necessidade de se envolver em um casamento arranjado pela família: “Cresce, dia a dia, o numero das mulheres instruídas, e feliz daquella cuja cultura intellectual lhe permite manter uma certa independência pessoal. Feliz da mulher que pôde prescindir do casamento por conveniência, esse abysmo insondável que há de eternamente tragar a felicidade feminina” (l. 37-40). A enunciadora não mede esforços para desqualificar o matrimônio compulsório que aprisiona a mulher: “esse abysmo insondável que há de eternamente tragar a felicidade feminina” (l. 39-40).

Finda a análise de mais um texto assinado por mulher, consideramos interessante pontuar que, em comparação com a crônica “Fútil chroniqueta”, de Maria A., “O ideal de mulher”, escrito por Helena Silveira, apresenta-se como uma produção mais madura, com assuntos mais densos e argumentos mais elaborados e fundamentados, ao contrário da primeira, mais provocativa. A maneira como Helena Silveira se reporta a sua audiência diferencia-se da de Maria A. no que tange a forma discursiva. Maria A. direciona a fala a uma pessoa especial, Breconet, como réplica ao seu discurso anterior. Os enunciados da locutora são lançados com uma valoração mais agressiva, por vezes até mesmo debochada, ora voltando-se ao interlocutor, Breconet, ora ao herói ou objeto do enunciado conforme a terminologia de Volóchinov (1976).

Helena Silveira, ao contrário, procura manter uma postura mais comedida, valendo-se de meios persuasivos mais ponderados e, quando fala sobre a necessidade de emancipação feminina, mostra o quanto a mulher é capaz de exercer as mesmas funções masculinas, com igual maestria: “Mas o que podemos afirmar é que não existe hoje um só ramo de actividade humana, tanto no domínio das artes como na mechanica e da sciencia em geral, em que ella não tenha tomado parte integrante, sempre com os resultados mais benéficos e efficientes” (l. 33-36). Mal sabe ela que, algumas décadas mais adiante, suas colegas mulheres enfrentariam o desafio cotidiano de conciliar todas as atividades que lhe fossem atribuídas, além da de dona de casa: mãe, esposa, estudante e trabalhadora.

Posto esse comentário acerca do posicionamento feminino diante de suas reivindicações, é possível afirmar que, desta vez, as imagens construídas sobre a mulher dizem respeito a um ser seguramente disposto a se libertar da exclusividade dos deveres domésticos e tomar parte dos direitos reservados ao universo masculino, como o de trabalhar fora, votar e estudar. Uma mulher que reconhece a importância da sua função no lar, mas que se propõe a transpassá-la, por entender que é plenamente capaz de ocupar os mesmos postos que seu companheiro homem.

Dentro da proposta de trabalho que nos dispomos a realizar, seguiremos no processo concernente à análise da última crônica selecionada, “O lar e a mulher”, de autoria de Edison Vignoli, publicada na *Hyloea* nº 1, em 1933. De modo semelhante ao caso de “Fútil Chroniqueta”, é impossível precisar se a autoria corresponde a de um aluno ou a de um colaborador da *Revista*.

Ainda que as crônicas “O ideal da mulher” (1930) e “O lar e a mulher” (1933) tenham sido escritas em um intervalo de tempo de três anos de diferença uma da outra e que não haja evidências de que a segunda seja uma resposta direta à primeira, propusemos o diálogo, baseados no referencial teórico do Círculo de Bakhtin, tendo em vista a possibilidade de confrontarmos os dois discursos.

Essa possibilidade, mesmo envolvendo enunciadores que não se conhecem, nunca se viram e que não compartilham o mesmo tempo e espaço, deve-se ao fato de os discursos terem pontos de contato, como é o caso do tema, que permitem o estabelecimento de diálogo entre eles. O caráter dialógico inerente aos enunciados pressupõe a permanente relação de sentido com outros enunciados.

Em cada enunciado, que é sempre heterogêneo, estão sempre imbrincadas, ao menos, duas vozes: uma que revela sua própria posição e a outra em oposição àquela que ele constrói. E essas vozes viajam de fala em fala, valorando-se conforme o contexto social, histórico e ideológico por onde transitam, significando e [re]significando no interior das relações cotidianas, conforme defende Bakhtin (2010).

Da mesma forma, ao acarearmos dois enunciados, de dois sujeitos distintos, devemos levar em conta que as relações de sentido estabelecidas entre eles poderão não ser de mútuo consentimento visto que um diálogo pode ser organizado por adaptações, confrontos ou discordâncias.

dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). Qualquer resenha da história de alguma questão científica (...) realiza confrontos dialógicos (...) entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros. (BAKHTIN, 2010, p. 331).

Com base na teoria bakhtiniana, passaremos à análise da crônica “O lar e a mulher”, que dialoga com o texto anteriormente analisado, dando a impressão de que, se Helena Silveira abriu as portas da casa para a mulher sair, Edison Vignoli abriu as portas para a mulher voltar.

01

O LAR E A MULHER

02 Marcha, aceleradamente, pelo caminho ilimitado do tempo, a Evolução que,
03 rasgando com sua luz radiosa a profunda treva em que se acha envolta a
04 humanidade, vae deixando no seu rastro luminoso, a orientação para as gerações
05 futuras.

06 Tudo avança no caminho do progresso, trilhando na estrada da sciencia e do
07 trabalho, pela conquista dos páramos da perfeição. Porém, n'esse evolucionar,
08 n'essa ancia continua de elevação, surge a mulher do século XX, revelando no
09 progresso dos seus ideaes, sentimentos verdadeiramente incompatíveis com a
10 nobre e altruística missão que a natureza a ella confiou.

11 A mulher de hoje, querendo partilhar do progresso, abandona n'uma inconsciência
12 tristíssima, os grandiosos deveres que vem desempenhando, através de todos os
13 tempos e de todas as eras, para se entregar a todas as efemeridades sociológicas, a
14 todas as phantasias mundanas.

15 É o manejo do “rouge”, é a febre da dança, é a illusão de realizarem os pesados
16 encargos do homem que desvirtuam os seus sentimentos, que aviltam a sua
17 candura, que deprimem a sua pureza e que aniquillam a sua graça.

18 E assim, vae a deusa Evolução imperando n'este ente prendado, fazendo,
19 tristemente, da mulher ideal, da mulher compenetrada dos seus deveres sagrados,
20 uma cousa bem rara, uma joia bem custosa.

21 Entretanto, em contrario à realidade, todas as suas forças, todas as suas aspirações
22 deviam estar voltadas para o desempenho da sua suprema missão na terra, a missão
23 mais edificante e sublime, mais perfeita e bella – o lar.

24 É n'esta palavra lar, tão pequenina em syllabas, mas tão vasta em elevação que está
25 synthetisado todo o papel magnifico que à mulher foi confiado para o desempenho,
26 porque a ella foram concedidas todas as virtudes e lhe cumpre, somente,
27 desenvolve-las para ampliar os sentimentos de sua alma e nunca deprimi-las ou
28 suffocal-las, com vaidades supérfluas.

29 O lar é a mais perfeita criação que na terra existe, é o templo sagrado, onde se
30 ajoelham no mesmo altar, homem e mulher, acrysolados por um amor puríssimo,
31 pela essência verdadeiramente grandiosa e sublime da amizade, buscando cada um
32 a suprema ventura do outro.

33 É grande, é divina a criação do lar, porque é elle o incomparável revelador que nos
34 vem mostrar, da mulher, todas as belezas que sua alma, purificada por sentimentos
35 immaculados, possa encerrar, e essas bellezas são somente levadas aos páramos da
36 perfeição, quando, ao nome da mulher, n'um gesto lindo, ella adiciona o de mãe.

37 O lar é ainda uma pequenina pátria, na qual a mulher é sentinella alerta que vigia
38 constantemente pela sua felicidade; e é n'essa pátria reduzida que o sentimento de
39 mãe se transforma n'uma verdadeira apoteose edificante, ao vermos em seus braços
40 a creancinha feliz que se cria e ao seu lado, ditoso, o confidente e o companheiro
41 sincero, o homem que a ama, aspirando os perfumes d'esse ambiente suave, onde
42 rescendeu os aromas dos lyrios da paz e onde enfeitam as perfumadas rosas do
43 amor.

44 É grande e lindo o dever da mulher! É triste e cruel o seu desvio.

45 É mister que ella acorde do somno utópico que povoa o seu cérebro e que vae
46 anestesiando os seus elevados sentimentos e, consequentemente, os seus deveres,
47 para, com justiça, subir ao pedestal altíssimo que lhe pertence e, então, ufana mirar,
48

49 a seus pés, os homens deslumbrados, ante o esplendor dos sentimentos nobres, dos
 50 sentimentos puros, que ella então espargirá.
 51 É forçoso que a mulher sacuda da sua mente, entorpecida pela vaidade, esses ideaes
 52 falseados pela ilusão, fazendo de sua alma o bouquet que encerrará o affecto, a
 53 constância, a sinceridade divinos, sem os quaes o castello da felicidade nunca será
 54 alcançado, nem a luz da ventura jamais brilhará a seus olhos.
 55

Edison Vignoli,

(Hyloea, nº 1, 1933)

O enunciador preludia seu texto de maneira semelhante ao da crônica “O ideal da mulher”, de Helena Silveira, ao falar sobre a evolução: “Marcha, aceleradamente, pelo caminho ilimitado do tempo, a Evolução que, rasgando com sua luz radiosa a profunda treva em que se acha envolta a humanidade, vae deixando no seu rastro luminoso, a orientação para as gerações futuras.” (l. 02-05). A palavra “evolução”, neste excerto, tem uma valoração diferente da empregada no discurso de Helena Silveira. Enquanto que, para ela, esse signo ideológico relaciona-se à “revolução progressista do feminismo” (l. 04, “O ideal da mulher”), fenômeno propulsor da orientação feminina rumo a sua transformação, para o autor, Edison Vignoli, representa, em “O lar e a mulher”, o progresso, fenômeno gerador de uma significativa mudança que, a seu ver, exige, como condição de sucesso a nível social, a permanência da mulher na administração do lar.

O uso do termo “evolução” valorado respectivamente como feminismo e como progresso corrobora a tese bakhtiniana (2003), que defende que a carga expressiva não está presente na palavra isolada mas passa a existir a partir do seu uso concreto no processo enunciativo.

Apesar de Vignoli, ao contrário de Silveira, não se referir especificamente ao termo “matrimônio” em seu discurso, ele valora expressivamente, na palavra “lar”, as idealizações pertinentes ao sonho das pessoas que constroem uma relação conjugal; uma expectativa que reside no âmbito das ideologias sociais. De acordo com Bakhtin (1988)

Todo produto ideológico parte de uma realidade (natural ou social), possui um significado e remete a algo que lhe é exterior, ou seja, é um signo. Os signos são, também, passíveis de avaliações ideológicas, já que não existem apenas como item passivo da realidade: eles refletem e refratam outras realidades (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988, p. 31).

Esclarecida a relação entre os signos ideológicos “casamento” e “lar”, podemos perceber que Edison Vignoli lamenta o fato de a mulher se desvirtuar da função que ele julga ser intrínseca a sua natureza para se adequar à modernização. Apesar de, em nenhum momento

sua fala explicitar quais seriam as funções a serem desempenhadas no lar, o senso comum coletivo das valorações extraverbais induz se tratem das atividades domésticas: “Porém, n’esse evolucionar, n’essa ancia continua de elevação, surge a mulher do século XX, revelando no progresso dos seus ideaes, sentimentos verdadeiramente incompatíveis com a nobre e altruística missão que a natureza a ella confiou” (l. 07-10).

A “mulher do século XX” (l. 08) está presente em ambos os textos. Na crônica de Helena Silveira, ela se manifesta ao longo de toda a sua fala. Há a mulher que deseja se instruir: “jovens que procuram galgar a montanha escabrosa da sciencia, alargar os horizontes femininos” (l. 12-14); “a mulher viu essa luz e conheceu a necessidade de saber; procurou ella própria dar expansão à sua intelligência.” (l. 16-18). Há a que almeja trabalhar fora de casa: “ella quer alçar o pensamento atravez dos outros centros de actividade” (l. 22, 23); “não é raro encontrar-se hoje senhoras no desempenho de altas funcções sociaes, econômicas e politicas” (l. 25-27). Há mulheres que querem usufruir das mesmas oportunidades que os homens na área das descobertas científicas: “não existe hoje um só ramo de actividade humana, tanto no domínio das artes como na mechanica e da sciencia em geral, em que ella não tenha tomado parte integrante” (l. 34-36). Há ainda as que insistem em se emancipar de antigos padrões socioculturais: “Cresce, dia a dia, o numero das mulheres instruídas, e feliz daquella cuja cultura intellectual lhe permite manter uma certa independência pessoal” (l. 38, 39); “Feliz da mulher que pôde prescindir do casamento por conveniência” (39, 40).

No discurso de Edison Vignoli, a mulher, que surge na carona da evolução, equivocase ao ignorar o papel que lhe foi conferido pelas leis da natureza. No jogo do não dito porém sugerido, o autor deixa entrever uma motivação egoísta da parte dela, atitude condenada por ele: “Porém, n’esse evolucionar, n’essa ancia continua de elevação, surge a mulher do século XX, revelando no progresso dos seus ideaes, sentimentos verdadeiramente incompatíveis com a nobre e altruística missão que a natureza a ella confiou” (l. 07-10).

Podemos observar que cada enunciador refrata de forma distinta o tom valorativo que permeia a mulher do século XX. Tratada como um terceiro participante nas relações dialógicas, ela se personifica como uma mulher moderna, vinda do exterior, empoderada, livre para estudar, trabalhar, bem informada. Aos olhos de Helena Silveira, esse ser que lhe serve de modelo lhe garante a satisfação de abrir os portões da casa e lhe direcionar ao trabalho fora dela. Em troca, a enunciativa promete se adaptar, somando a todas essas novas conquistas a missão de continuar amparando a família, afinal, ela relaciona as tarefas domésticas e cuidados com os filhos, atividades reconhecidamente suas: “A par dos encargos que lhe são confiados na qualidade de esposa e mãe, e que constituem a obrigação primordial da mulher” (l. 20, 21)

Edison Vignoli, entretanto, valora negativamente a mulher do século XX e a acusa de incentivá-la a desvirtuar-se do seu destino: o de trabalhadora do lar. É interessante ver como o autor responsabiliza a “evolução” pelo comportamento lascivo da mulher. Nessa passagem do texto evidencia-se o que Volóchinov (2011) observa, em sua teoria, quanto às características do gesto e da entonação: “É o manejo do “rouge”, é a febre da dança, é a illusão de realizarem os pesados encargos do homem que desvirtuam os seus sentimentos, que aviltam a sua candura, que deprimem a sua pureza e que aniquillam a sua graça.” (l. 15-17). Para o linguista russo, o gesto e a entonação, percebidos nesse parágrafo, possuem uma natureza ativa e objetiva por expressarem a taciturnidade do locutor e avançarem além das fronteiras do seu pequeno mundo, alcançando, no universo exterior, os aliados com os quais espera compactuar.

Percebemos que, no interesse de atrair o coral de apoio para si e lidando com o levante feminino aflorante, o locutor, prudentemente, opta por modular seu tom e, sagazmente, direciona seu discurso ao mundo exterior, onde se localiza o coral de apoio. Por conseguinte, a entonação atribuída às suas palavras é queixosa; aproximando-se mais do lamento e da lamúria do que propriamente da autoridade que se esperaria dele: “A mulher de hoje, querendo partilhar do progresso, abandona n’uma inconsciência tristíssima, os grandiosos deveres que vem desempenhando, através de todos os tempos e de todas as eras, para se entregar a todas as efemeridades sociológicas, a todas as phantasias mundanas” (11-14).

Como vimos, personificada como “a mulher do século XX” durante a interação discursiva, a “evolução”, fenômeno ideológico, torna-se um terceiro elemento vivo. Nessa posição, é também posta em julgamento. Por um lado, é um acontecimento necessário à humanidade e, elevada ao nível das divindades, é tratada com letra maiúscula: “E assim, vae a deusa Evolução” (l. 18). A “Evolução” traz luz às trevas, ou seja, conhecimento à ignorância. No contraponto, é a culpada pela desordem feminina.

Ainda a respeito dessa dicotomia (evolução no bom e no mal sentido), consideramos necessário pontuar a referência à palavra “luz”, presentes nas duas crônicas. Em ambas o signo assume a roupagem mais próxima da ideologia que lhe é mais comum no júízo de valor coletivo: aquilo que ilumina os objetos e os torna visíveis. Em “O lar e a mulher”, a palavra apresenta-se da seguinte forma: “Marcha, aceleradamente, pelo caminho ilimitado do tempo, a Evolução que, rasgando com sua luz radiosa a profunda treva em que se acha envolta a humanidade, vae deixando no seu rastro luminoso, a orientação para as gerações futuras” (l. 02-05). Como já citamos, a evolução é vista, aqui, como a luz necessária que clareia as mentes dos indivíduos e livra o mundo da obscuridade.

Na crônica de Helena Silveira, a luz também é fonte de esclarecimento: “Uma nova estrela brilhou na constelação do raciocínio; a mulher viu essa luz e conheceu a necessidade de saber” (l. 16, 17; O ideal da mulher). É possível entrever, nas entrelinhas do enunciado, que essa luz, aparentemente divina e, portanto, mais potente do que a luz dos homens, é capaz de fazer a mulher dar-se conta do potencial que tem para a luta. No entanto, o locutor reconhece somente a importância da primeira delas; a seu ver, a luz que ilumina o caminho da mulher é a mesma que a guia ao caminho do mal.

A mesma “Evolução” que liberta os homens das trevas da ignorância não produz o mesmo efeito no meio feminino; ao contrário, ilude-o: “É forçoso que a mulher sacuda da sua mente, entorpecida pela vaidade, esses ideais falseados pela ilusão (l. 50, 51). Nesse discurso, ainda, o locutor alça as mulheres que não se deixaram guiar pela luz do feminismo ao patamar dos objetos raros e valiosos, numa tentativa de diferenciá-las perante as que se rebelam, tornando-as ainda mais especiais aos olhos dos que pensam como ele.

Bakhtin/Volóchinov (1992) defende que toda interação dialógica parte de algo já dado, conhecido, para logo ser acrescido de algo novo: “Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 98). É a partir do que já existe ou em resposta ao que já é conhecido que o indivíduo constrói seu enunciado e assim interage socialmente. Sua contribuição é adequar sua fala já presumindo possíveis respostas gerando assim um enunciado inédito, mesmo que construído no âmbito de diversas vozes.

Diante desse pensamento, na análise das crônicas em tela é possível abstrair o termo “ideal” sendo valorado de formas distintas por ambos os locutores. Helena Silveira, por exemplo, define o “ideal” da mulher como sendo algo que ela aspira, deseja; aquilo que, dentre outras coisas, tem o sentido de “[querer] alçar o pensamento através dos outros centros de atividade” (l. 22,23; “O ideal da mulher”), defendendo o interesse feminino de se dedicar a outras áreas, além do zelo com a família.

Por outro lado, na contramão dessa ideia, Edison Vignoli usa o termo como uma característica sublime. Para ele, a mulher “ideal” é aquela envolvida exclusivamente com o cuidado do lar: “E assim, vae a deusa Evolução imperando n’este ente prendado, fazendo, tristemente, da mulher ideal, da mulher compenetrada dos seus deveres sagrados, uma cousa bem rara, uma joia bem custosa” (l. 18-20). Percebe-se, então, nos discursos de Helena Silveira e Edison Vignoli, que cada um atribui algo de singular à palavra que já vem carregada de ideologia social, não somente refletindo essa ideologia através da linguagem, mas refratando-a de acordo com suas próprias.

Os enunciados são estabelecidos dentro de diferentes esferas discursivas levando-se em conta tanto a parte verbal quanto a não verbal. A compreensão dos sentidos nas enunciações deve-se ao compartilhamento completo do que é expresso não verbalmente. Diante dessa premissa de Bakhtin/Volochínov (2017), nos cabe atentar para o discurso de nossos locutores que muitas vezes se expressam no nível do subentendido. Para o locutor, a mulher perde seu tempo ao desviar-se de suas funções domésticas: “Entretanto, em contrario à realidade, todas as suas forças, todas as suas aspirações deviam estar voltadas para o desempenho da sua suprema missão na terra, a missão mais edificante e sublime, mais perfeita e bella – o lar” (l. 21-23). Para ele, é inconcebível separar a imagem feminina do espaço no qual acredita que ela deva estar e essa crença é dita nas entrelinhas: “O lar é a mais perfeita criação que na terra existe, é o templo sagrado, onde se ajoelham no mesmo altar, homem e mulher, acrysolados por um amor puríssimo, pela essência verdadeiramente grandiosa e sublime da amizade, buscando cada um a suprema ventura do outro.” (l. 29-32).

Edison Vignoli apresenta-se como um homem temeroso das consequências que possam advir se a mulher conquistar os direitos que pleiteia e, na tentativa de persuadi-la a voltar para o lugar de onde, a seu ver, ela nunca deveria ter saído, ele apela para o enaltecimento das qualidades desse espaço que deveria ser seu: “O lar é a mais perfeita criação que na terra existe” (l. 29); “é o templo sagrado” (l. 33); “É grande, é divina a criação do lar”; “O lar é ainda uma pequenina pátria” (l. 37).

Na perspectiva do locutor, somente no lar a mulher é capaz de encontrar o amor verdadeiro e mútuo, no entanto, Helena Silveira parece não analisar a situação com o mesmo romantismo, afinal, no seu entender, o caminho da cultura intelectual é o único capaz de livrá-la do casamento “por conveniência”: “esse abysmo insondável que há de eternamente tragar a felicidade feminina” (l. 40-41; “O ideal da mulher”). Em sua última tentativa, no texto, de mostrar à mulher a necessidade de se render definitivamente aos encantos do lar e voltar a ocupar o seu posto dentro de casa, Edison Vignoli suplica: “É forçoso que a mulher sacuda da sua mente, entorpecida pela vaidade, esses ideaes falseados pela ilusão, fazendo de sua alma o bouquet que encerrará o affecto, a constância, a sinceridade divinos” (l. 50-52). O tom de sua fala é apelativo, quase ameaçador ao depositar, nas mãos femininas, toda a responsabilidade pela prosperidade do casamento: “sem os quaes o castello da felicidade nunca será alcançado, nem a luz da ventura jamais brilhará a seus olhos” (l. 50-53).

Um olhar mais apurado ao discurso do autor permite perceber, no não dito especificamente, via entonação expressiva, que é o lar que possibilita a mulher ser perfeita, e não o contrário; o lar é o agente: “É grande, é divina a criação do lar, porque é elle o

incomparável revelador que nos vem mostrar, da mulher, todas as belezas que sua alma, purificada por sentimentos imaculados, possa encerrar” (l. 33-35).

Apesar de não estarem expostas detalhadamente nas crônicas de Silveira e Vignoli quais tarefas são esperadas das mulheres no interior de suas residências, Volochínov (2011) postula que qualquer vazio semântico deixado pela palavra “lar” é prontamente preenchido pelos elementos linguísticos que lhe dizem respeito e pelo contexto imediato extraverbal, formado por três elementos essenciais. Esses elementos, de conhecimento comum entre os interlocutores, dizem respeito, primeiramente, ao horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes e representado, na presente crônica, não somente pelo lar como uma construção de valores e princípios como ditaria o dicionário, mas também pela estrutura física; uma construção de cimento e tijolos. É o elemento visível representado pela casa, local em que Vignoli espera que a mulher reine soberana, não somente educando seus filhos, mas também lavando suas roupas, cozinhando sua comida, organizando o espaço em que habitam. O segundo elemento diz respeito ao conhecimento e à compreensão que ambos os locutores tem da situação. Tanto Silveira quanto Vignoli são cientes da importância da mulher como gestora do “lar”, seja como instituição, seja como espaço concreto. A própria Helena Silveira fez questão de afirmar: “A par dos encargos que lhe são confiados na qualidade de esposa e mãe, e que constituem a obrigação primordial da mulher...” (l. 20, 21). O terceiro elemento linguístico formador do contexto extraverbal é a valoração compartilhada por ambos, da situação. Silveira e Vignoli valorizam o lar de forma parecida, fazem parte da malha social acostuada a ter, na figura materna, a organizadora das tarefas domésticas. O que diferencia um do outro é que ela deseja ir além disso e ele quer que situação não mude.

A associação estabelecida entre a entonação e o apoio coral no intuito de favorecer a clareza das enunciações, defendida por Bakhtin/ Volochínov (2011) é evidenciada tanto na atitude de Helena Silveira, quanto na de Edison Vignoli, ao convocarem, nas entrelinhas de seus discursos, sob o signo ideológico “lar”, as diferentes ressignificações que ele possa refratar. Para Helena Silveira, “lar” remete aos deveres domésticos; o cuidado com o marido e filhos e que a aprisionam ao passo que, no discurso de Edison Vignoli, “lar” relaciona-se ao lugar em que a mulher deveria se sentir realizada no papel de esposa e mãe: “e é n’essa pátria reduzida que o sentimento de mãe se transforma n’uma verdadeira apoteose edificante, ao vermos em seus braços a creancinha feliz que se cria e ao seu lado, ditoso, o confidente e o companheiro sincero, o homem que a ama” (l. 38-43).

Edison Vignoli faz uso do diminutivo “creancinha” (l. 40), que confere uma valoração frágil ao infante, reforçando a necessidade de constante cuidado; o esposo personaliza-se

através do ser venturoso, leal, apaixonado e no qual ela pode confiar seus segredos. Filho e marido parecem satisfeitos pela presença da mulher no ambiente doméstico, caracterizado no discurso como um lugar sereno e harmonioso: “ambiente suave, onde rescendeu os aromas dos lyrios da paz e onde enfeitam as perfumadas rosas do amor” (l. 41-43).

As relações dialógicas particularmente observadas nessas duas crônicas parecem provocar o acareamento entre Helena Silveira e Edison Vignoli, tensionando o discurso de ambos e trazendo, junto deles, a parcela do coral de apoio que coube a cada um conquistar. Enquanto a Silveira brada, aos gestos: “Cresce, dia a dia, o numero das mulheres instruídas, e feliz daquela cuja cultura intellectual lhe permite manter uma certa independência pessoal” (l. 38, 39), Vignoli entoa, melancólico: “É grande e lindo o dever da mulher! É triste e cruel o seu desvio” (l. 44).

Objetivando ilustrar como ocorre a aquisição do acento valorativo pelas palavras nos acontecimentos da vida, Bakhtin/Volóchinov (2017) relata uma hipotética situação de pobreza²⁸ em que cada sujeito enxerga sua própria condição de maneira diferente. Evento semelhante é observado nas crônicas analisadas. Um exemplo é a forma como cada enunciador valora o feminismo a partir da consciência de como vive e do ambiente social em que vive.

Dessa forma, na situação das duas crônicas, mesmo que Silveira e Vignoli concordem que o feminismo se trata de uma “evolução”, para ela o fenômeno chegou com a finalidade de abrir os olhos da mulher, fazendo com que ela se desse conta de suas potencialidades: “Uma nova estrela brilhou na constelação do raciocínio” (l. 16). Para Vignoli, o feminismo faz mal à mulher. Segundo o enunciador, ela não está em sua sã consciência quando anseia se emancipar: “É mister que ella acorde do somno utópico que povoa o seu cérebro e que vae anesthesiando os seus elevados sentimentos e, conseqüentemente, os seus deveres” (l. 45-47).

Como já relatado anteriormente e observado na concretude dos discursos analisados nesta pesquisa, conhecer os fatores sócio culturais e históricos que permeiam o ambiente em que se desenvolvem as interações discursivas é de suma importância para a compreensão dos sentidos envolvidos nessas relações. Os fios ideológicos que tecem as palavras presentes nos

²⁸ A hipotética situação ilustrada por Bakhtin/ Volóchinov (2017) ambienta-se em um contexto de extrema pobreza e descreve o comportamento particular de dois desses famintos. Um deles aceita a sua miséria como algo fortuito e particular; sente vergonha, mas não se identifica com os demais sujeitos a ponto de constituir, com eles, uma classe. O outro homem, contudo, pode se ver condenado pela própria exclusão da sociedade e reconhecer-se se como alguém marginalizado. A fome que ronda os dois sujeitos é a mesma mas cada um tratará sua própria experiência de modo distinto ao dirigir-se ao interlocutor a espera de ajuda e o fará baseando-se em dois pontos: na consciência de seu problema e no meio social em que está inserido.

enunciados originam-se em outros discursos e vão sendo valorados conforme o cenário por onde transitam.

O Círculo de Bakhtin (2010, p. 41) configura a palavra como sendo “o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas estruturados e bem formados”. Para Bakhtin (2003), a palavra possui um valor duplicado. Podemos imaginar essa situação como a dos dois lados de uma moeda. Em uma face, a palavra tem seu sentido de unidade lexical da língua e na outra, relaciona-se ao encadeamento de ideias, às unidades reais de comunicação. Essa característica faz do enunciado um fenômeno único e irrepetível, intimamente condicionado à realidade dialógica.

Se, no embate comum aos enunciados, sua carga valorativa apresentar-se forte o suficiente para encontrar apoio no juízo de valor de uma comunidade, abre-se a possibilidade de uma quebra de paradigmas sociais. Caso contrário, somente lhe resta aguardar para que encontre, mais adiante, em novos discursos, momento mais propício a um novo levante.

Objetivando observar a imagem do feminino partindo-se dos quatro textos analisados, pontuaremos algumas observações a respeito deles, sob o viés dos estudos do Círculo de Bakhtin e trazendo, para o desenvolvimento das ponderações, as reflexões de Simone de Beauvoir.

4.3 DISCUSSÃO DA ANÁLISE: A IMAGEM DA MULHER A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE OS TEXTOS

Pontuar considerações a respeito das noções de feminino a partir de evidências que residem, na maioria das vezes, nas entrelinhas do texto serviram para confirmar o quão aventureira e misteriosa é a nossa linguagem. Sem a pretensão, contudo, de esgotar o universo de imagens femininas possíveis de serem elencadas em cada texto, nos voltaremos, agora, à discussão da análise, objetivando avaliar as relações entre as diferentes imagens levantadas sobre a mulher nas quatro crônicas publicadas na *Revista Hyloea*. Para que esse trabalho se otimize, entretanto, é necessário que, no processo de cada análise, nos aproximemos e nos coloquemos no lugar do outro para que apreendamos os sentidos através de nossa própria visão que é única. Feita nossa reflexão, nos cabe afastarmos e acrescentarmos a nossa própria experiência ao que vemos. São essas trocas recíprocas, em que atrelamos a nossa visão de mundo à imersão no ambiente alheio, sob o panorama do outro que definem a produção de

novos sentidos e, conseqüentemente, de novos conhecimentos. Bakhtin (2011) esclarece o postulado da seguinte forma:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2011, p. 23)

A partir desse paradigma, revendo as análises das quatro crônicas aqui apresentadas, é possível traçar aspectos que as aproximam ideologicamente e outros que as distanciam, em um constante jogo de convergências e divergências. As duas primeiras, “Chroniqueta fútil” e “Fútil chroniqueta”, escritas e publicadas em 1925, estabelecem um diálogo direto em que a distância temporal entre o discurso original e sua réplica é de poucos meses, mas essa conversa poderia ter ocorrido simultaneamente, se o acaso assim o tivesse permitido. A mesma situação é percebida entre os outros dois textos da década de 30. “O ideal da mulher” e “O lar e a mulher”, produzidos, respectivamente, em 1930 e 1933, devido à aproximação dos temas que abordam, possibilitou a análise do diálogo entre elas, como se os respectivos enunciadores também estivessem posicionados frente a frente. A respeito dessa proximidade temática e distanciamento físico, Bakhtin (1981) afirma que as relações dialógicas estabelecidas entre o locutor e o interlocutor não demandam uma aproximação física entre ambos, visto que elas se manifestam por meio da convergência ou divergência de sentidos diante da palavra endereçada ao interlocutor.

A título de organização, inicialmente serão tratadas as duas primeiras produções para, em seguida, nos debruçarmos sobre as outras duas e finalmente fazer uma aproximação entre todas. Começaremos com a análise dos títulos das duas primeiras crônicas por entendermos que eles auxiliam a dar as primeiras pistas sobre a construção das imagens levantadas da mulher.

O primeiro título, “Chroniqueta fútil”, sinaliza ao leitor a expectativa de leitura de uma pequena crônica sob o tema da frivolidade, em que a mulher é o objeto principal do discurso. O título da segunda, “Fútil chroniqueta”, uma réplica ao trabalho anterior, parodia o discurso de Breconet. Sua autora, Maria A., para produzir a ironia desejada, toma a palavra do autor, reproduzindo-a na medida em que faz soar, agora na sua, a voz de quem a disse antes, um recurso tratado por Bakhtin como bivocalidade. Em relação a esse aspecto, Bakhtin (1988) considera a reprodução da voz ou da palavra um problema para os estudos literários e linguísticos: “A palavra bivocal da prosa é ambígua” (1988, p. 140). Segundo ele, tomar a

palavra do outro implica uma necessidade de atualizá-la, alterando seu sentido, afinal, não há como reproduzir fielmente a opinião de alguém, sem perder parte do seu todo.

Na primeira crônica, “Chroniqueta fútil”, seu autor, Breconet, faz emergir em seu texto noções variadas do feminino: a mulher frágil e ingênua: “essas bonequinhas de salão que recitam, com os olhos romanticamente semi abertos...” (l. 04, 05); a mulher fútil, que se entrega às “frivolidades metrificadas de Oligario Mariano” (l. 06); a mulher falsa, inautêntica, que copia “mais ou menos desageitadamente os figurinos de Poiret e imitam os provocantes requêbros de quadril das Nitas Naldi dos ‘films’ norte-amerianos!” (l. 07, 08). Nesse último comentário, Breconet emerge a mulher desajeitada, artificial, a influenciável, que se deixa levar pelos modismos. O autor faz despontar, também, a mulher teimosa, que intercala, incansavelmente, seu tempo entre atividades frívolas: “Hoje, quando ellas não discutem as possibilidades de um cavalo ganhar no próximo ‘grande-premio’ falam sem duvida no ultimo ‘Chiffon’ de Paris” (l. 25-27).

Breconet se queixa da súbita mudança de hábitos das mulheres que, ao se renderem às modernidades importadas do estrangeiro, desviam suas atenções, ora às futilidades, ora ao narcisismo. Nessa lamúria, faz emergir a mulher narcisista, a vaidosa, que ignora o romantismo e o cuidado masculino que lhes são, em vão, ofertados. Frente a essa questão, na tentativa de justificar essa mulher tida e apresentada por Breconet como “volúvel” e alheia ao que se passa ao seu redor, recorreremos a Beauvoir (2016), que entende que a mulher, ao se mostrar indiferente ao mundo que a rodeia, procura em si mesma um consolo para sua própria frustração.

Na realidade, o narcisismo é um processo de alienação bem definido: o eu é posto comum fim absoluto e o sujeito nele foge de si. Muitas outras atitudes – autênticas ou inautênticas – se encontram na mulher [...] A verdade é que as circunstâncias convidam a mulher, mais do que o homem, a voltar-se para si mesma e dedicar-se a seu amor. [...] A mulher é levada ao narcisismo por dois caminhos convergentes. Como sujeito, ela se sente frustrada; quando menina viu-se privada desse *alter ego* que o pênis é para o menino; mais tarde sua sexualidade agressiva permaneceu insatisfeita. E, o que é muito mais importante, as atividades viris lhe são proibidas. Ela se ocupa, mas não *faz nada*, através de suas funções de mãe, esposa, dona de casa, não é reconhecida em sua singularidade. A verdade do homem está nas casas que constrói, nas florestas que lavra, nas doenças que cura: esforçará por se apreender na imanência de sua pessoa. (BEAUVOIR, 2016, p. 443, grifos da autora).

Observamos, na crônica de Maria A., que a locutora admite apreciar a proteção masculina, e é nesse breve instante que personifica em seu discurso a mulher assumidamente frágil e submissa. No entanto, malograda em suas expectativas por não dispor da atenção masculina, opta por enveredar pelo caminho trilhado por eles e passa a experimentar as mesmas

novidades que eles disfrutavam, na tentativa de se libertar da opressão disfarçada de cuidados que eles instauram: “E ella tem razão em preferir as emoções de uma partida de ‘foot-ball’, onde vê ao menos alguma demonstração de força e de masculinidade...” (l. 60- 61). E assim a mulher passa a se dedicar a outras ocupações: jogos, livros, filmes, ou seja, a tudo aquilo que Breconet descreve como futilidade e que, sob o olhar de Maria A., é valorado como modernidade: “A mulher moderna lê Marcel Prevost e Victor Marguerite... os homens de nosso tempo nem isso lê!” (l. 56). Dessa forma, no contradiscurso de Breconet, que aponta a mulher como fútil, frívola, volúvel, surge, nas palavras de Maria A., a “mulher moderna”.

Há um tom de desesperança na voz do locutor e Maria A., que ousa lhe replicar, utiliza-se ironicamente de seus argumentos como meios persuasivos para mostrar que, se a mulher se transformou, é porque o homem deixou de cumprir seu papel de sujeito superior, tão admirado por ela. A autora reconhece que o casamento é um acontecimento inevitável no universo feminino, uma certeza na vida de toda menina, algo que passa de mãe para filha, ao longo das gerações: “[...] imaginamos encontrar na vida, por uma espécie de atavismo, de herança das nossas mães primévas das idades de pedra, homens, que, pelo seu todo physico e moral...” (l. 12-14).

Essa reflexão, presente em muitas culturas em nossa atualidade, é corroborada por Beauvoir (2016), que postula ser o casamento o destino tradicionalmente ofertado às mulheres e diz, convicta, que a maioria das mulheres ou é casada, ou já foi, ou planeja ser, ou, ainda, sofre por não ser casada:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição. (BEAUVOIR, 2016, 185).

Percebemos surgir, a partir da fala de Maria A., a mulher prendada, potencialmente do lar, sonhadora, que aguarda um amor másculo, viril e protetor, imagem engajada e alinhada com a das valorações sociais. Por outro lado, vimos aparecer, também, uma outra imagem de mulher, frustrada com a procura vã dos padrões masculinos que agora lhe são idealizados. Maria A. tensiona o discurso de Breconet, ao criticar o modo pouco másculo, quase feminino, pelo qual o homem vem se apresentando na sociedade; algo que ela considera inconcebível aceitar por não se harmonizar com o julgamento de valor social, localizado além das fronteiras verbais, conforme prega Volóchinov (2011). Beauvoir (2016) ilustra o modo como esse aspecto

compartilhado das valorações se apresenta, cristalizado, no senso do comum acordo dos indivíduos:

A mulher é a Bela Adormecida, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; ele mata dragões, luta contra gigantes; ela se acha encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um rochedo, cativa, adormecida: ela espera.” (BEAUVOIR, 2016, p. 37, volume 2).

Maria A. refuta veemente o que ela julga ser uma tentativa de inserção do homem no seu mundo; não o ver enquadrado em seu próprio universo masculino causa menos estranhamento do que ter que inclui-lo no seu, o feminino, em uma apropriação de identidade que lhe aborrece. Ela sabe que ambos, homem e mulher, não podem pertencer à mesma categoria. A respeito dessa questão, Beauvoir (2016) explica:

Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Bastam três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem “os outros” vagamente hostis. Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são “outros” e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados “estrangeiros”. Os judeus são “outros” para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. (BEAUVOIR, 2016, p. 12)

O que Maria A. alega desejar é que os homens permaneçam em seus papéis, porém, ao exigir deles essa postura, ela não se apercebe que, com isso, mergulha ainda mais profundamente na condição de “outridade”, posição criada por Beauvoir (2016, p. 13), que diz: “a categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência”. A citação de Beauvoir (2016) nos ajuda a pensar na consciência de Maria A. a respeito dos lugares em que homem e mulher devem ocupar nas relações sociais, e assim ela faz emergir, por um breve instante, a mulher servil, para logo em seguida fazer surgir a prepotente, a extrovertida e a ousada.

Na crônica de Breconet, por outro lado, percebemos em seu discurso a decepção que sente em não conseguir reorganizar a ordem das coisas no universo social: a mulher novamente na posição de um ser submisso (como convém pelo julgamento comum das valorações) e o homem em seu papel dominante e protetor. Sua crônica defende os homens que se dedicam em vão a agradar as mulheres, e isso parece lhe confundir e desapontar: “Como somos fúteis em nos preocuparmos com essas bonequinhas de salão...” (l. 04); “Longe vae o tempo em que o amor era tomado a serio...” (l. 14). A mulher subserviente, construída por ele, entretanto, é utópica em seu discurso.

Breconet finaliza a sua fala evocando a imagem de Madame de Staël, usando-a como modelo de mulher culta, atributo até então não mencionado no texto. Paradoxalmente, essa imagem feminina, levantada como mulher inteligente, culta e independente, que organizava e participava de reuniões políticas e literárias com intelectuais do seu meio, se aproximaria mais da imagem de mulher criticada por ele do que a que ele teima em reverenciar. Maria A., seguindo a mesma linha de pensamento, também apresenta a figura de outra personalidade, Joana D'Arc, aflorando em seu discurso a mulher guerreira.

Passaremos, agora, a analisar os títulos das duas outras crônicas para, em seguida, apontar as imagens femininas neles produzidas. A terceira crônica, intitulada “O ideal da mulher”, por ser escrita por uma representante feminina, Helena Silveira, inscreve no imaginário do leitor a expectativa de uma mulher decidida, em plenos anos 30, a externar as aspirações de seu gênero. Apesar de deixar no ar quais seriam esses ideais, o conhecimento do contexto histórico que ambienta a crônica revela as lutas feministas por igualdade de direitos.

Por sua vez, o título da última crônica analisada, “O lar e a mulher”, de autoria masculina, sugere a relação de submissão que Edison Vignoli busca estabelecer entre a mulher e seu núcleo familiar. Em seu discurso, emerge, inicialmente, a mulher subordinada, idealizada por ele e, no decorrer do texto, surgem outras, semelhantes ou contrárias a ela. E objetivando dar seguimento às outras imagens que possam advir dos dizeres desses cronistas que partiremos para o diálogo entre as duas análises.

No discurso de “O ideal da mulher”, Helena Silveira relaciona uma série de conquistas obtidas por mulheres através das lutas promovidas pelos movimentos feministas, que vieram atrelados aos avanços tecnológicos alcançados por países que ela define como mais adiantados. A autora vibra com os benefícios que esse novo modo de pensar e de agir pode trazer à sociedade, como a permissão para que a mulher divida os encargos da administração do lar com o labutar fora de casa, garantindo-lhe uma certa independência financeira que poderá desobrigar as solteiras do infortúnio de se escravizarem em um casamento por conveniência.

No decorrer do seu discurso de Helena Silveira, vão despontando imagens femininas dos mais variados matizes. Surge, do seu falar, a mulher precursora do feminismo que deu origem ao novo ideal de mulher: “Antes, muito antes que as mulheres conseguissem o direito de voto, em alguns países adiantados, já a revolução progressista do feminismo se vinha acentuando...” (l. 02, 03). Desperta, do seu texto, a mulher donzela: “O lar constituía antigamente a única origem de esperança para a maior parte das donzelas” (l. 07, 08).

Edison Vignoli, em sua crônica “O lar e a mulher”, surpreso e ansioso com a súbita metamorfose dos paradigmas femininos, tenta a todo custo convencer a mulher a retornar ao

aconchego e à segurança de seu lar. Para ele, a Evolução, valorada com letra maiúscula tamanha a sua expressividade, representa uma mudança sem precedentes nos campos da ciência e do trabalho: “Marcha, aceleradamente, pelo caminho ilimitado do tempo, a Evolução que, rasgando com sua luz radiosa a profunda treva em que se acha envolta a humanidade, vae deixando no seu rastro luminoso, a orientação para as gerações futuras” (02-05).

Embora dessa modernização advenham grandes avanços à sociedade, Vignoli considera que a mulher não deve participar deles: “A mulher de hoje, querendo partilhar do progresso, abandona n´uma inconsciência tristíssima, os grandiosos deveres que vem desempenhando” (l. 11-12). E, dessa forma de enxergar o feminino, faz emergir, nas relações discursivas, a imagem da mulher dona de casa, da rainha do lar, da esposa obediente ao marido e de mãe zelosa. Em relação à questão da vinculação da mulher ao lar, Beauvoir (2016, p. 218) explica que “O ideal da felicidade sempre se materializou na casa, na choupana, ou no castelo”. Como é possível constatar acima, a própria locutora reconhece isso em sua crônica.

Para conseguir o seu intento de fazer com que a mulher retorne às funções domésticas, Vignoli utiliza-se de toda sorte de artifícios: promessas, ameaças, adulações. O enunciador parece não compreender a perspectiva da ascensão feminina, afinal, as ideias positivistas haviam lhe concedido um trono e uma coroa dentro de casa para que reinasse soberana como rainha do lar; em troca, ela deveria encaixar-se dentro dos padrões sociais de “esposa-mãe” devotada.

Vemos que, no discurso de Helena Silveira, desponta a mulher determinada, aquela que vivia aprisionada às amarras dos preconceitos sociais e que agora deseja frequentar os bancos escolares, apesar da imensurável lacuna de tempo que a deixa em desvantagem em relação ao seu colega homem: “agora já não são raras as jovens que procuram galgar a montanha escabrosa da sciencia, alargar os horizontes femininos, até então quasi limitados pelo circulo enganador dos preconceitos sociaes” (l. 11-14). Sobre essa questão, Beauvoir (2016) afirma:

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino: ‘Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos. (BEAUVOIR, 2016, p. 112).

Concluimos, sob o olhar beauvoiriano (2016), que o homem se angustia com o risco de perder sua posição hegemônica dentro da sociedade. Aguinoli ilustra esse receio em seu discurso. Para ele, a mulher encontra-se entorpecida pela ilusão de que a evolução lhe trará

privilégios: “É mister que ella acorde do somno utópico que povoa o seu cérebro e que vae anestesiando os seus elevados sentimentos e, conseqüentemente, os seus deveres” (l. 45-47).

De todas as conquistas que possam advir da emancipação feminina registradas por Helena Silveira, a facultatividade do casamento é a que lhe parece mais vantajosa: “Feliz da mulher que pôde prescindir do casamento por conveniência, esse abysmo insondável que há de eternamente tragar a felicidade feminina” (l. 38-40). A essa mulher, que se permite escolhas e que se firma como a imagem mais marcante no discurso de Silveira, podemos intitular de mulher independente. Frente a essa perspectiva, contudo, Edison Vignoli, por acreditar que o matrimônio é intrínseco à natureza feminina, provoca tensão dialógica com seu contradiscurso ao valorar esse signo ideológico de forma oposta ao da locutora. Vignoli culpa a “Evolução” por desviar a atenção feminina de sua missão divina, fazendo aflorar a mulher sagrada: “E assim, vae a deusa Evolução imperando n’este ente prendado, fazendo, tristemente, da mulher ideal, da mulher compenetrada dos seus deveres sagrados, uma cousa bem rara, uma joia bem custosa” (l. 18-20).

A respeito do casamento, Beauvoir (2016) descreve da seguinte maneira a distinção de papéis exercidos pelo homem e pela mulher no matrimônio:

A jovem apresenta-se, pois, como absolutamente passiva; ela *é casada*, dada em casamento pelos pais. Os rapazes *casam-se*, *resolvem* casar. Buscam no casamento uma expansão, uma confirmação de sua existência, mas não o direito mesmo de existir: é um encargo que assumem livremente. (BEAUVOIR, 2016, p. 189, grifos da autora).

É importante destacar a ponderação da filósofa (2016, p. 189) de que a vida conjugal confere, à mulher, algumas vantagens: “A mulher, casando, recebe como feudo uma parcela do mundo; garantias legais a protegem contra os caprichos do homem”. No entanto, o preço é alto na medida em que ela se torna sua vassala. Segundo a filósofa francesa, a mulher fica à mercê de alguém que nada mais é do que o chefe econômico da comunidade, aquele que a representa na sociedade, que lhe faz adotar seu nome, seu culto, sua classe, sua família e compartilhar o seu destino.

É contra esses padrões que Helena Silveira se volta; ela requer para si o poder de decisão enquanto oferece à sociedade a garantia de conseguir adicionar, às tarefas domiciliares, as responsabilidades do trabalho fora de casa. Sua luta não se aplica, portanto, às obrigações que o seu auditório social estável avalia como inerentes ao seu ser; ou porque ela reconhece seu quinhão no círculo familiar, ou porque simplesmente o aceita, passivamente. Ela compreende, mas quer mais e, dessa mulher determinada, emerge, do seu dizer de 1930, o protótipo da

mulher que temos hoje: batalhadora, que trabalha fora, que ajuda nas despesas do lar, que cumpre jornada dupla ao se ocupar das tarefas domésticas e do cuidado com o marido e filhos e talvez até de algum parente doente, após chegar em casa.

A partir das relações dialógicas observadas entre as diferentes imagens da mulher reveladas nas crônicas analisadas, é possível observar as imagens produzidas sobre a mulher em textos assinados por homens. Mostraremos, a seguir, quais imagens femininas são levantadas no texto de Breconet, em “Chroniqueta fútil”, e de Edison Vignoli, em “O lar e a mulher”.

Breconet e Edison Vignoli, com suas vozes uníssonas, provenientes de um grupo coeso que mantém uma postura tradicional, rígida e categórica, em posição vantajosa e confortável, considerando o plano socialmente objetivo da situação dentro da comunidade das valorizações da qual fazem parte, produzem um discurso consoante, melancólico e direcionado a persuadir a mulher a voltar a ser o que era antes do desatino provocado pela modernidade. Eles a querem submissa, frágil, romântica e dona de casa, como costumava ser. Reclamam dos “desvios” aos quais ela se rendeu ao mesmo tempo que recusam saber quais são os anseios que pleiteia. Os homens simplesmente não lhe dão ouvidos. Tanto Breconet, quanto Vignoli, ao conduzir suas palavras além das fronteiras verbais, direcionando-as ao coral de apoio, aposta no auditório social estável, espaço em que, segundo Volóchinov (2017), residem os juízos de valor, os argumentos internos e as motivações de cada indivíduo.

É possível perceber, pela fala de ambos, que eles resistem em aceitar a mulher como parte constitutiva ou beneficiária das mudanças causadas pelo progresso e, no intuito de negar-lhe as melhorias advindas dele, teimam em afirmar que a modernidade lhe faz mal. Breconet insiste em construir uma imagem de mulher alienada, tola e superficial, por se esquivar da proteção que lhe é oferecida em troca do que considera, nas entrelinhas, lascivo e superficial e não condizente com seu mundo: “A conversação elegante e os ditos de espírito que, dando um profundo cunho de nobreza, foram ao mesmo tempo a maior atracção dos salões de outr’ora – brilham pela ausência nas salas fartamente illuminadas do Grande Seculo. Hoje, quando ellas não discutem as possibilidades de um cavallo ganhar no proximo ‘grande-premio’ fallam sem duvida no ultimo ‘Chiffon’ de Paris” (l. 23-27).

Enquanto Breconet elenca uma série de outras superficialidades que enxerga no comportamento feminino, Vignoli, em sua fala, tece a mulher volúvel por se apegar aos encantos da modernidade e a mulher ingrata por ignorar o reinado no lar: “A mulher de hoje, querendo partilhar do progresso, abandona n’uma inconsciência tristíssima, os grandiosos

deveres que vem desempenhando, através de todos os tempos e de todas as eras, para se entregar a todas as efemeridades sociológicas, a todas as phantasias mundanas” (l. 11-14).

É possível constatar que os textos de autoria masculina destacam, além da mulher fútil, também a mulher frágil, cuja vulnerável complexão física depende de vigilância constante. Apostando na aceitação do meio social para o qual dirigem a palavra, recriam a mulher servil, que reaparece como exemplo àquelas que se desviam do padrão de comportamento imposto no contexto sócio-histórico em que se inserem, conforme podemos conferir no texto de Vignoli: “É n’esta palavra lar, tão pequenina em syllabas, mas tão vasta em elevação que está synthetizado todo o papel magnifico que à mulher foi confiado para o desempenho, porque a ella foram concedidas todas as virtudes e lhe cumpre, somente, desenvolve-las para ampliar os sentimentos de sua alma e nunca deprimi-las ou suffocal-las, com vaidades supérfluas (l. 24-28). Em relação à entonação atribuída à fala de Breconet e Vignoli, podemos associá-la ao que Bakhtin/Volochínov (2011) afirma

Quando uma pessoa pressupõe no outro um desacordo, ou bem quando simplesmente não está segura e duvida da aceitação, confere as suas palavras uma entonação diferente, além de estruturar suas enunciações de outra maneira. [...] Uma entonação criativamente produtiva, segura e rica somente é possível baseada no suposto “coral de apoio”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2011, p. 161)

A entonação, manifestada em suas variadas formas nas relações dialógicas, constitui-se de um mecanismo de grande utilidade na compreensão dos sentidos, por fazer a interação entre o contexto verbal e o não verbal. Esse recurso foi conceituado por Bakhtin/Volóchinov (2011) da seguinte forma: “é na entoação que a valoração encontra sua expressão mais pura. A entoação estabelece um vínculo entre a palavra e o contexto extraverbal: a entoação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2011, p. 159-160) e possibilitou, por exemplo, que se fizessem analogias onde, a princípio, não parecia fazer sentido. Observemos, por exemplo, a enunciação de Breconet: “As mulheres! Sempre as mulheres!” (l. 03), carregada de entonação expressiva. No universo extraverbal das valorações sociais, essa maneira de se expressar, quase gestual, independente do que ou de quem se diz: “As mulheres! Sempre as mulheres!”; “Os homens! Sempre os homens!” e, arriscando uma variação coloquial mais moderna: “Tinha que ser as mulheres!” denota a previsibilidade de um comportamento contumaz. Dessa forma, a partir de “As mulheres! Sempre as mulheres!”, podemos obter algumas das imagens femininas construídas pelo discurso masculino.

Ao todo, foi possível entrever as seguintes imagens em relação ao feminino nos discursos de Breconet e Edison Vignoli: frívola, frágil, ingênua, fútil, falsa, desajeitada,

artificial, influenciável, teimosa, narcisista, vaidosa, distraída, inteligente, culta, independente, alienada, toda, superficial, subordinada, dona de casa, rainha do lar, esposa obediente, mãe zelosa, entorpecida, volúvel, ingrata, sagrada. A *Revista Hyloea* acolheu em seus fascículos muitos exemplos em que essas percepções se fizeram aflorar. Um exemplo encontra-se no excerto retirado da crônica “A mulher na minha opinião”, da edição nº 1 da Hileia de 1937: “As mulheres possuem uma arma poderosa, com a qual poderiam derrotar exércitos inteiros: o Amôr. O amôr vence e destrói ódios por antigos que sejam. De um simples mísero torna-o poderoso, de um poderoso torna-o um simples mísero”. Como já relatado, os alunos e colaboradores homens que tivessem tido alguma aproximação com a doutrina positivista, provavelmente teriam esse discurso que hoje vemos como manipulador.

Após observarmos as imagens de mulher que os homens produzem em seus discursos, passemos a avaliar as imagens de mulher produzidas em textos de autoria feminina.

Pelas análises dos textos escritos por mulheres, podemos elencar uma série de imagens que, na maioria das vezes, não condizem com as apresentadas pelos discursos masculinos, reafirmando o quão divergentes são as relações dialógicas entre o homem e a mulher. Tanto o texto de Maria A. quanto o de Helena Silveira revelam uma mulher curiosa e ousada, interessada em se aventurar em um universo diferente do seu, usufruindo de atividades que são majoritariamente masculinas: leitura, filmes, dança, jogos, apostas, moda e trabalho fora de casa. Maria A. revela: “A mulher moderna lê Marcel Prevost e Victor Marguerite... o homem dos nossos dias nem isso lê! Ella discute o ‘grande-premio’. Elle discute a côr provável das gravatas da próxima estação” (l. 56-59).

Maria A. e Helena Silveira julgam-se românticas perante o público leitor da *Revista Hyloea*; são a favor da união conjugal, embora não desejem casar por conveniência e sim por opção. Maria A. espera que o homem a proteja com sua virilidade e rejeita o indivíduo psicologicamente fraco, infantilizado e afeminado. Ao descrever em minúcias aquele que considera a antítese do homem ideal, trata-o com desprezo: “Vemos entes ridicularmente vestidos, n’uma imitação escandalosa de tudo o que em nós, mulheres, dizem ser ridículo e máo” (l. 22, 23).

Helena Silveira diz compreender o seu papel de rainha administradora do lar, mas, assim como fizeram as mulheres de países mais desenvolvidos, também quer se emancipar dos rígidos dogmas impostos pela sociedade machista que a oprime. Ambas, ao fazerem concessões ao casamento, constroem a mulher determinada. Maria A. e Helena Silveira buscam, cada uma a seu modo, escapar da alienação imposta pela autoridade disfarçada de proteção, conferida ao homem institucionalmente. Autoridade que inflige, a ele, uma posição de superioridade, tanto

no ambiente domiciliar quanto em todas as outras esferas da sociedade ao mesmo tempo que confere, à mulher, a eterna posição da “outridade”. Permeadas nos discursos das duas locutoras, surgem as mais diferenciadas imagens de mulher: a livre, a emancipada, a independente, a consciente; todas idealizadas por elas.

É possível constatar, pela fala de Helena Silveira, que a locutora, ao se espelhar no feminismo libertador que chega do exterior, motiva-se a participar do universo pertencente aos homens, aspirando, fora de casa, o exercício de posições de liderança e destaque, tão próprios deles. Para isso, elas prometem somar, a essa nova função, as árduas atividades do lar, definidas por Beauvoir, (2016) como “secundárias”, numa clara comparação desfavorável às atividades deles. Maria A. e Helena Silveira, juntas, produziram as seguintes imagens referentes à mulher: sonhadora, prendada, do lar, frustrada, moderna, frágil, submissa, aborrecida, servil, prepotente, extrovertida, ousada, guerreira, curiosa, determinada, livre, independente, consciente, decidida, donzela, batalhadora, emancipada e feminista.

E por fim, já encaminhando-nos para a conclusão deste trabalho, nos resta dizer que seria audacioso afirmar que as imagens levantadas por homens e mulheres nos textos analisados esgotam o universo de percepções possíveis nessas interações dialógicas. Essas imagens depreendidas nos fornecem um parecer sobre a diferença de perspectiva de cada grupo, ou, de acordo com o termo bakhtiniano, mostram como homem e mulher refratam, cada um a seu modo e de forma desigual, a noção de feminino. A *Revista Hyloea* testemunha que, enquanto a mulher, ao se mostrar insatisfeita com sua situação de invisibilidade ativa na vida social, busca subterfúgios que lhe favoreça mostrar que é capaz de se equiparar ao homem, seu par não compactua com a mesma linha de pensamento. Ele prefere lhe castrar os anseios, elevando-a ao patamar de rainha do lar, função em que ela possa reinar como vigilante dos bons costumes; costumes que ele próprio estabeleceu.

CONCLUSÃO

A *Revista Hyloea* é uma publicação do Colégio Militar de Porto Alegre, em circulação desde 1922. No período compreendido entre os anos de 1922 e 1938, ela se constituía de uma revista literária e órgão da Sociedade Cívica e Literária do Colégio Militar de Porto Alegre. A análise de textos publicados em seus fascículos, realizada sob o viés da teoria do Círculo de Bakhtin, que possibilita a apreensão da representação da mulher em discursos variados, nos permitiu saber como se construía a imagem feminina em textos em uma época em que a instituição educacional se tratava de um educandário voltado para o ensino exclusivo de meninos.

O objetivo geral de nosso trabalho foi pesquisar a construção discursiva da imagem da mulher na *Revista Hyloea* entre os anos de 1922 e 1938, período em que o Colégio só aceitava meninos no seu quadro discente. Quanto aos objetivos específicos, nos coube: a) analisar a imagem das mulheres a partir dos textos elaborados pelos alunos ou colaboradores da *Revista*; b) verificar como essas mulheres se representavam através de seus escritos; c) comparar a imagem feminina revelada a partir dos textos escritos por eles com a imagem levantada dos textos escritos por elas, a fim de verificar como cada enunciador, diante do mesmo cenário sociocultural, interpretava a noção de feminino.

Foram quatro os capítulos que organizaram a presente dissertação. O primeiro deles, “O Colégio Militar de Porto Alegre e a *Revista Hyloea*”, tratou de fornecer informações concernentes à instituição docente militar, bem como aos alunos que ali estudavam, com base em pesquisas na dissertação de Pineda (2003) e nos dados do acervo histórico do Colégio. O capítulo tratou, ainda, sobre as características do periódico produzido pelos discentes do educandário.

O segundo capítulo, intitulado “Versando a Teoria: relações dialógicas do Círculo de Bakhtin”, apresentou as reflexões teóricas que sustentaram a presente dissertação e contemplou noções como relações dialógicas, incluindo a inter-relação entre discursos e interlocutores; acento valorativo em consonância com a entonação expressiva; apoio coral e imagem construída no discurso

O terceiro capítulo, “Nas Entrelinhas da *Revista*: entre a contextualização e os procedimentos metodológicos”, foi dividido em duas seções, em que a primeira explorou os estudos a respeito das lutas feministas, com especial destaque aos pensamentos de Simone de Beauvoir e discorrendo brevemente sobre o contexto de criação da *Revista Hyloea*. A segunda

seção apresentou os procedimentos metodológicos em três etapas: coleta, seleção e análise do material de pesquisa.

O quarto capítulo, “A construção discursiva da mulher na *Revista Hyloea*: uma abordagem dialógica”, apresentou a análise dos textos em três seções, sendo que, na primeira delas, foi reportada a análise das duas primeiras crônicas escritas na década de 20: “Chroniqueta fútil”, de autoria de Breconet, e “Fútil chroniqueta”, assinada por Maria A., uma das colaboradoras da *Revista Hyloea*. A segunda seção dedicou-se à análise de “O ideal da mulher” e de “O lar e a mulher”, ambos pertencentes à década de 30, escritos por Helena Silveira, também colaboradora, e Edison Vignoli, respectivamente. A terceira e última seção propôs uma discussão das análises anteriores que possibilitou, a partir do diálogo entre os textos, depreender as imagens da mulher neles contida.

A fim de atingir os objetivos propostos, foi adotada uma metodologia seccionada em três etapas: a primeira delas dedicou-se ao levantamento do quantitativo dos fascículos da *Revista Hyloea* dispostos no acervo do CMPA, relativos aos anos de 1922 a 1938. A segunda etapa voltou-se à leitura e à seleção dos textos a serem analisados nesse dado período e, finalmente, a terceira incumbiu-se dos procedimentos de análise do material selecionado, em que foram contempladas noções como: relações dialógicas e signo ideológico, incluindo a inter-relação entre discursos e entre interlocutores; acento valorativo em consonância com a entonação expressiva; apoio coral e imagem construída no discurso.

Objetivando traçar uma linha de ação que nos auxiliasse no processo de análise, focalizamos nossa atenção nas seguintes perguntas norteadoras: a) como a mulher é representada nos textos produzidos nessa revista? b) que imagens são produzidas quando o homem toma a palavra? c) que imagens são produzidas quando a mulher toma a palavra? d) que relações dialógicas podem ser observadas entre essas diferentes representações?

Nossa pesquisa baseou-se no referencial teórico do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1961, 1981, 1988, 1992, 2003, 2006, 2008, 2009, 2010, 2016 e VOLOCHÍNOV, 1976, 2011, 2017). A partir dos estudos do Círculo, vimos que, no âmbito da enunciação, a orientação social se manifesta na linguagem por meio de diferentes marcas dialógicas. A primeira delas preconiza que essa orientação social é direcionada ao outro e, a respeito disso, Volóchinov (2017, p. 205) afirma que o enunciado é estabelecido entre dois indivíduos socialmente organizados. De acordo com Bakhtin (1981), a palavra como discurso é sempre dirigida ao interlocutor como fenômeno ideológico, uma vez que ela possui a capacidade inerente de sobrepujar o sistema autônomo de signos. Essa relação dialógica que se forma entre eles, entretanto, não requer uma aproximação física, pois o que a torna possível é a convergência ou a divergência de sentidos

diante da palavra que é dirigida ao interlocutor. Tal fenômeno permitiu, por exemplo, o diálogo entre as crônicas “O ideal de mulher”, de 1930, e “O lar e a mulher”, de 1933, pela proximidade da temática envolvida – a emancipação feminina - e não pelo contato físico entre seus escritores, que provavelmente não se conheciam.

Outro modo pelo qual a orientação social se evidencia é através de diferentes vozes que se manifestam em nossos discursos. A linguagem é social por excelência e nossa palavra, advinda de discursos alheios, vem permeada de valorações moldadas pelas relações entre os interlocutores e pelo contexto social, histórico, cultural, ideológico e de fala. Dessa forma, o contexto social de uma determinada época é fator determinante nas interações dialógicas, oportunizando uma amplitude muito além dos simples diálogos de perguntas e respostas.

O Círculo de Bakhtin afirma que a orientação social pode ainda se manifestar por meio da materialização do enunciado enquanto elo na cadeia discursiva. Para Bakhtin (1961), a linguagem fundamenta-se pelo dialogismo: “A vida é dialógica por natureza” (BAKHTIN, 1961, p. 293) e todo enunciado configura-se em um elo da infinita engrenagem de enunciados que formam o discurso. Bakhtin/Volóchinov (1992) justifica a analogia entre o enunciado e o elo pela sua capacidade de responder e ser respondido por outros enunciados, infinitamente. Um exemplo dessa habilidade de antecipação de respostas pôde ser percebido nas crônicas estudadas, que abordaram vários temas. Um deles, citado em três delas, versava sobre o casamento; no entanto, somente um desses três textos apresentou o termo na sua forma linguística, dicionarizada: “Feliz da mulher que pôde prescindir do *casamento* por conveniência...” (l. 38-39; grifos nossos). Os outros dois textos valoraram o casamento através de outras formas. Maria A., em “Futil Chroniqueta”, vinculou o matrimônio ao sonho que se inicia na infância e que se concretiza na juventude: “Imaginamos nós, desde os nossos brinquedos de bonecas [...], sonhamos escondido entre as dobras do tempo, - imaginamos encontrar na vida [...], homens que, pelo seu todo physico e moral, pela sua superioridade muscular e orgânica, [...] nos dominem, protejam e amparem”. Helena Silveira, em “O ideal da mulher”, referiu-se ao casamento por meio do signo ideológico “lar”: “O *lar* constituía antigamente a única origem de esperança para a maior parte das donzelas” (l. 07, 08; grifos nossos). Em todos os discursos em que não houve a ocorrência da palavra “casamento”, seu tema foi devidamente compreendido, inclusive com presunção de respostas.

O referencial teórico que embasou nossas análises nos mostrou, ainda, que a adequação ao contexto enunciativo também se configura como uma das marcas discursivas e diz respeito ao fato de os enunciados se constituírem não somente da parte verbal, mas também da parte não verbal. De acordo com Volochínov (2011), é preciso que o contexto extraverbal se faça presente

para que se atribua sentido àquilo que se deseja expressar. Para o linguista russo, essa compreensão é dependente de três aspectos fundamentais no discurso: 1) um horizonte compartilhado, de comum conhecimento entre os falantes; 2) o conhecimento e a compreensão da situação e 3) a valoração que ambos compartilham sobre a situação.

Voltando ao tema do casamento abordado em três das crônicas analisadas, para mostrar como a interação verbal se relaciona constantemente com a não verbal nas relações dialógicas, observemos o seguinte enunciado: “Imaginamos nós, desde os nossos brinquedos de bonecas, para um futuro que há de vir, que sonhamos escondido entre as dobras do tempo, – imaginamos encontrar na vida, por uma espécie de atavismo, de herança das nossas mães primévas das idades de pedra, homens que, pelo seu todo physico e moral, pela sua superioridade muscular e orgânica, posso mesmo dizer sua brutalidade de compleição, sua fortaleza, exuberancia de força, de inteligência, de vida – nos dominem, protejam e amparem” (l. 11-17).

Como referido anteriormente, a palavra “casamento”, em sua forma linguística, não se encontra contida no discurso, porém, o horizonte compartilhado nos apontou que o sonho de muitas (senão da maioria) das mulheres, desde tenra idade, era encontrar um amor verdadeiro e correspondido, que pudesse resultar em uma feliz união conjugal. O discurso de Maria A. chegou a esmiuçar as características físicas desse pretendente fictício e ideal. Esse sonho de menina, compartilhado na esfera do extraverbal, é de conhecimento do interlocutor, assim como o é a valoração da situação. Percebemos, nesse exemplo, à guisa das concepções volochinovianas (2011), que:

A enunciação se apoia diretamente [...] no visto conjuntamente [...], no sabido conjuntamente [...], e no avaliado conjuntamente [...]; tudo isso é abarcado pelo sentido vivo, aparece absorvido por ele, e, sem dúvida, não está expresso verbalmente, não está dito (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2011, p. 156)

Inserida na fundamentação teórica deste trabalho, a questão ideológica do signo linguístico também foi considerada nas análises feitas. Volochínov (2017) defende que toda palavra se reveste de uma ideologia social característica de uma determinada classe ou grupo social; ou seja, toda palavra é ideológica por natureza. Segundo ele, essa ideologia está sujeita a dois processos durante a interação discursiva: o reflexo e a refração. Para Volóchinov (2017, p. 113), “[...] qualquer signo ideológico tem duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira”. Dessa premissa justificam-se as diferentes valorações atribuídas às palavras “evolução” e “lar” nos textos em que se encontravam inseridas.

Por fim, alguns elementos utilizados para concretizar as avaliações sociais no enunciado também foram abordados, fundamentados pelas concepções volochinovianas (2011), a saber: a entonação, o apoio coral, a metáfora entonacional e a gestual se fizeram presentes no processo de análises e ajudaram a definir as imagens femininas presentes nos textos.

Concluída a revisão teórica, nos voltamos para as respostas às nossas questões da pesquisa. No que concerne ao modo como a mulher é representada nos textos produzidos na *Revista Hyloea*, foi possível verificar que, nos discursos pertinentes às quatro crônicas da *Revista Hyloea*, a mulher foi representada de inúmeras e variadas formas: frívola, frágil, ingênua, fútil, falsa, desajeitada, artificial, influenciável, teimosa, narcisista, vaidosa, distraída, inteligente, culta, independente, alienada, tola, superficial, subordinada, dona de casa, rainha do lar, esposa obediente, mãe zelosa, entorpecida, volúvel, ingrata, sagrada, sonhadora, prendada, frustrada, moderna, submissa, aborrecida, servil, prepotente, extrovertida, ousada, guerreira, curiosa, determinada, instruída, livre, independente, consciente, decidida, donzela, batalhadora, mundana, emancipada e feminista.

Com o intuito de esclarecer que imagens são produzidas quando a mulher toma a palavra, consideramos o seguinte: Maria A., na crônica “Fútil chroniqueta”, que produziu um discurso contrário ao de Breconet, fez emergir a mulher sonhadora, prendada, do lar, frustrada, moderna, frágil, submissa, aborrecida, servil, prepotente, extrovertida, ousada, guerreira, curiosa, determinada, livre, independente e consciente. Maria Silveira, por sua vez, em “O ideal da mulher”, produziu, em sua fala, a mulher decidida, dona de casa, donzela, instruída determinada, independente, batalhadora, curiosa, emancipada e feminista.

Sobre as imagens construídas quando os homens tomam a palavra, Breconet, em sua crônica “Chroniqueta fútil”, lamentou a mulher frívola, a ingênua, a fútil, a falsa, a desajeitada, a artificial, a influenciável, a teimosa, a narcisista, a vaidosa, a distraída, a alienada, a tola e a superficial, ao mesmo tempo que idealizou a mulher frágil, a inteligente e a independente. O enunciador fez referência, ainda, à mulher culta, mas sem relacionar essa qualidade às imagens das mulheres a que se refere e sim a uma outra, culta e inteligente, que irá censurar o comportamento dessas. Edison Vignoli, em “O lar e a mulher”, alinhou seu discurso ao de Breconet e, seguindo o mesmo caminho, ao lastimar a companheira que rejeitou o lar, fez emergir a mulher volúvel, a ingrata, a mundana, a entorpecida, ao passo que, de acordo com suas perspectivas, à mulher que não se sujeitou aos efeitos “nocivos” (a elas) da evolução estavam reservadas as qualidades da mulher submissa, da prendada, da frágil, da romântica, da rainha do lar, da mãe zelosa e da esposa obediente.

No que diz respeito a quais relações dialógicas podem ser observadas entre as diferentes representações perante as imagens de distintas nuances levantadas, pudemos elencar algumas questões sobre as relações dialógicas instituídas nos discursos das crônicas. A primeira delas é que os enunciados estabelecidos na interação discursiva entre os indivíduos socialmente organizados foram divergentes. Tanto no que se refere à justificativa de Maria A. sobre as queixas de Breconet, seja no que se refere às lamentações de Edison Vignoli a respeito da postura de Helena Silveira, o contradiscurso imperou nas relações dialógicas.

O fato de a linguagem ser imanentemente social e de a palavra ecoar de discursos alheios, fez com que as valorações nelas contidas chegassem esculpidas por outras relações, de outros contextos histórico-sociais e de fala. Sendo assim, quando Breconet critica a atitude da mulher em escolher as obras que quer ler, os filmes a que quer assistir, ou as roupas que quer vestir, e faz despontar a mulher volúvel por essas atitudes, ele está, na verdade, reforçando e perpetuando discursos anteriores. Da mesma forma faz Edison Vignoli ao emergir a mulher ingrata por não aceitar o trono que lhe confere o lar. Para Maria A., que justificou as atitudes femininas sob a alegação de que são mulheres cultas, pesou o fator histórico-social que lhe prova que, há pouco tempo, a mulher não sabia ler. Para Helena Silveira, que buscou apoio no argumento de que era moderna, incidiu o juízo de valor coletivo que lhe apontou a correlação entre a mulher e as tarefas domésticas como uma ideia fossilizada no contexto social e lhe mostrou que há pouco tempo a mulher tampouco tinha acesso às modernidades que chegaram, primeiramente, ao universo masculino.

As relações dialógicas estabelecidas nas crônicas ajudaram a reforçar a preservação da valoração dos signos ideológicos, ao tratar da materialização do enunciado na qualidade de elo na cadeia discursiva. Sob esse ângulo, tendo em vista a engrenagem de enunciados infinitos, em que um elo da comunicação discursiva não pode ser desvinculado do que o precede, é fácil compreender a dificuldade de se quebrar paradigmas sociais, implicando situações em que, para cada voz feminina que se achar determinada ou independente, despertarão muitas outras, masculinas, que a considerarão ingênua ou insana.

Volóchinov (2011) defende que, para que ocorra a construção de sentidos durante as práticas discursivas, é premente que o contexto extraverbal se manifeste. Nos discursos analisados, pudemos constatar que os sentidos das palavras residiam, quase sempre, no limiar do não dito, nas entrelinhas dos enunciados e que a maioria dos atributos levantados para descrever a imagem feminina originou-se nesse contexto, que mantinha vínculo estreito com o discurso. Um exemplo, retirado do discurso de Edison Vignoli, fez irromper, do universo extraverbal, inúmeras imagens femininas a partir de um único enunciado: “O lar é a mais

perfeita criação que na terra existe, é o templo sagrado, onde se ajoelham no mesmo altar, homem e mulher, acrysolados por um amor puríssimo, pela essência verdadeiramente grandiosa e sublime da amizade, buscando cada um a suprema ventura do outro.” (l. 29-32). Desse discurso, foi possível depreender a imagem da mulher rainha do lar, da romântica, da amiga, da casada e talvez de outras mais, sem que nenhuma delas estivesse linguisticamente inscrita no texto.

Em nosso trabalho, foi visto também que toda palavra se reveste de uma avaliação ideológica que vai se construindo histórica e socialmente através da relação do locutor com o outro. Dessa forma, Bakhtin (2009) afirma que não existe enunciado neutro, posto que todos carregam, em si, uma ideologia. Bakhtin/Volóchinov (2017) defende que essa ideologia se sujeita a dois processos na prática das interações discursivas: a de reflexo e a de refração. Esses dois processos evidenciaram-se na imagem do feminino que enunciadores e enunciatóras construíram em seus textos e um exemplo é o da palavra “evolução”, que Helena Silveira valorou como algo revolucionário e transformador, capaz de produzir vultosas mudanças no campo social, particularmente em benefício da mulher: “Antes, muito antes que as mulheres conseguissem o direito de voto, em alguns países adiantados, já a revolução progressista do feminismo se vinha acentuando e, com o correr dos tempos, tornou-se um facto real, incontestável. Ao lado dessa evolução ascendeu lentamente o novo ideal da mulher” (l. 02-05). Inserida nessa perspectiva e a partir da refração que faz do signo ideológico “evolução”, Silveira fez emergir a mulher moderna, a mulher feminista. Por outro lado, tensionando seu discurso, Vignoli refratou o mesmo signo de modo diferente do seu, ao tratar a “evolução” ou “Evolução”, em letra maiúscula, dada a elevada importância que atribuiu ao termo, como um acontecimento direcionado ao homem: “A mulher de hoje, querendo partilhar do progresso, abandona n’uma inconsciência tristíssima, os grandiosos deveres que vem desempenhando, através de todos os tempos e de todas as eras, para se entregar a todas as efemeridades sociológicas, a todas as phantasias mundanas” (l. 11-14). Dessa refração, surgiu a mulher desvirtuada, a insana, a fútil, a mundana.

Finda a questão a respeito das relações dialógicas que podem ser observadas entre as diferentes representações acerca do feminino nos textos da *Revista Hyloea*, resta-nos admitir que a percepção que a mulher tem de sua própria imagem diferencia-se da que o homem tem de si mesmo e da mulher. Como já revelado antes, o homem não necessita se firmar em sua própria condição de macho; a sociedade, com sua natureza histórico-social, lhe confere ideologicamente o poder e a vantagem na cadeia hierárquica tão logo nasce. Beauvoir (2016) define da seguinte forma a diferença entre meninos e meninas desde a infância:

[...] a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata e um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa sorte do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo. (BEAUVOIR, 2016, p. 24).

Segundo a filósofa, desde cedo o menino aprende que pode utilizar-se do seu corpo como um instrumento de luta e subjugação. O pai enaltece a sua força e incentiva a sua coragem e ousadia. Beauvoir (2016, p. 24, 25) diz não haver “oposição fundamental entre a preocupação dessa figura objetiva, que é a sua, e sua vontade de se afirmar em projetos concretos”, ao passo que, na menina, ocorre um conflito inicial entre sua existência singular e o seu “ser-outro” ao aprender, desde cedo, que é preciso saber agradar para agradar, em um movimento que a transforma em objeto e, conseqüentemente, em eterna posição de dependência:

[...] ela deve, portanto, renunciar a sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para aprender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito. (BEAUVOIR, 2016, p. 25)

As mulheres, inseridas em uma sociedade desigual, baseada em relações de poder e hierarquia, ainda não conseguem ser, plenamente, donas dos seus desejos, dos seus corpos, das suas vidas. Em seu incansável esforço de conquistar a almejada emancipação feminina e a sonhada igualdade de gêneros, há de se admitir que algumas lutas já foram vencidas, como a relatada muito superficialmente, no início desse trabalho, sobre a inserção feminina na função de oficiais combatentes de carreira do Exército Brasileiro. Apesar da conquista, ocorrida pouco mais de nove décadas após a publicação do primeiro texto analisado nesta dissertação, ser digna de ser comemorada, é preciso ainda vencer antigos e ultrapassados paradigmas cristalizados no auditório social estável dos indivíduos. A mulher ainda vive sob o julgo da opressão que não lhe permite se firmar como um ser igual; não consegue se libertar da condição de “outridade”, como define Beauvoir (2016). Quando ela enxerga a si mesma como uma pessoa “determinada” e “ousada”, ao adotar uma postura mais avançada para o seu tempo, causando um rompimento e uma inversão na hierarquia do público privado dominado pelo universo masculino, passa a ser prontamente rotulada como “alienada” e “fútil”. Quando sua voz orienta-se ao desejo de se emancipar profissionalmente e sugere dividir com o homem o espaço no mercado de trabalho, é rapidamente silenciada e tida como “íngrata” por se afastar do lar.

Infelizmente, os fenômenos concernentes às relações dialógicas não são capazes de fazer emergir as vozes dos enunciadores das décadas de 20 e 30, possibilitando-lhes a oportunidade de refletirem a respeito das análises de seu próprio discurso e de enxergarem o quanto o panorama da nossa sociedade já mudou. Mas, valendo-nos de nossa possibilidade de adentrar em sua época, podemos confirmar o caráter aventureiro e misterioso da nossa linguagem, essa fascinante habilidade de expressarmos, durante os atos de comunicação, as atividades que circundam nossa mente e que têm sido um terreno fértil no qual germinam e florescem estudos de notável complexidade ao longo de nossa existência no mundo.

Creemos que estudar e compreender a figura da mulher retratada em ambiente, época e espaço de dominação masculina, é uma forma de inseri-la como protagonista de sua própria história. Acreditamos, também, que quando tratamos de relações dialógicas, o tema nunca se esgota; sendo assim, devido a sua relevância, sugerimos novos estudos sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. Para uma releitura do livro de Dostoievski. Toward a Reworking of the Dostoevsky Book. In: **Problems of Dostoevsky's Poetics**. 3rd ed, Minneapolis: University of Minnesota, 1961.

_____. (VOLOCHÍNOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. (VOLOCHÍNOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. (VOLOCHÍNOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. (Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, trad.). São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (VOLOCHINOV, V. N.) **Marxismo e Filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. (VOLOCHINOV, V. N.) **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas). Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2016.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Tradução Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BUTLER, Judith. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998. Tradução de Pedro Maia Soares para versão do artigo "Contingent Foundations: Feminism and the Question of Postmodernism", no Greater Philadelphia Philosophy Consortium, 1990.

CALEIRO, R. C. L. O positivismo e o papel das mulheres na ordem republicana. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v.4, n.2, jul./dez. 2002.

CARRA, P. **O casarão da várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960-1990)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

_____. Colégio Militar de Porto Alegre: (re) abertura e cultura escolar (década de 60)”, de Patrícia Rodrigues Augusto Carra, 2012. In **XI Encontro Estadual de História**, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2012.

_____. **Baleiros e Baleiras no velho vasarão: co-educação ou escola mista no Colégio Militar de Porto Alegre? (1989-2013)**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, 2014.

DI FANTI, M. G. C. **A constitutiva e tensa relação com o discurso do outro: questões de pesquisa e de formação na contemporaneidade**. Projeto de Pesquisa. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2009. p. 45-97.

_____. **Linguagem & Diálogo: As Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

GARCIA, C. Anos 20. **Almanaque da Folha**. Banco de Dados da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/anos20.htm>. Acesso em: 3 dez. 2018.

HOLLANDA, H. B. O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil. In: SUSSEKIND, F. DIAS, T. AZEVEDO, C. (Orgs.). **Vozes femininas: gênero, mediações e práticas de escrita**. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Fundação Casa Rui Barbosa, 2003. (p. 15-25).

MADAME DE STAËL (verbete). **Netsaber Biografias**. Disponível em: <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-3168/biografia-de-anne-louise-germaine-necker--baronesa-de-stal-holstein--madame-de-stal>. Acesso em: 5 dez. 2018.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução Maria Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. edição ampliada. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. (p. 69-92).

NARVAZ, G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NITA NALDI (verbete). **Filmow**. Disponível em: <https://filmow.com/nita-naldi-a188056>. Acesso em: 4 dez. 2018.

OLIVEIRA, R. de. A mulher no século XIX. **Recanto das letras**, fev. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-sociedade/3511571>. Acesso em: 31 maio 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINEDA, S. S. **Hyloea: o feminino na revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

REVISTA DA ESCOLA PREPARATÓRIA. Órgão Oficial da Sociedade Esportiva e Literária. Fascículo 4, Porto Alegre, 1945.

REVISTA HYLOEA. Órgão Oficial da Sociedade Cívica e Literária do Collegio Militar de Porto Alegre. 1922-1938.

SOARES, L. E. Politicamente correto: o processo civilizador segue seu curso. In: PINTO, Paulo R.; MAGNO, Cristina; SANTOS, Ernesto P.; GUIMARÃES, Lívia (Orgs.). **Filosofia analítica, pragmatismo e ciência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. (p. 217-238).

SCHMIDT, R. T. Da ginolatria à genologia: sobre a função teórica e a prática feminista. In: FUNCK, S. B. (Org.). **Trocando ideias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: UFSC, 1994.

_____. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(3): 272, setembro-dezembro/2006.

TYLOR, E. B. Uma propedêutica de uma teoria da enunciação do círculo de bakhtin. The gesture-language. In: _____. **Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization**. Second edition. London: John Murray, Albemarle Street, 1870. (p. 14-33).

VOLOCHÍNOV, V. N. Discurso na vida e discurso na arte: sobre a poética sociológica. Tradução para o português por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza para uso didático, com base na tradução inglesa de I. R. Titunik. Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics. In: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York, Academic Press, 1976. (Original russo, 1926).

_____.; BAKHTIN, M. M. **A palavra na vida e na poesia:** introdução ao problema da poética sociológica. *In:* _____. Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad